

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas

Miriam Bratfisch Villa

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas

Miriam Bratfish Villa

Zilda Aparecida Pereira Del Prette

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2002

FICHA CATALOGRÁFICA

Villa, Miriam Bratfisch

Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes
filiações religiosas. Ribeirão Preto, 2002.

98 p.; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de
Psicologia e Educação.

Orientadora: Del Prette, Zilda A. P.

1. relacionamento conjugal 2. habilidades sociais 3.
religião

Agradecimentos

A *Deus*, pelo seu amor e cuidado incessantes para comigo;

À *Professora Zilda*, minha querida orientadora, pelo seu empenho constante em ensinar;

Aos *casais* que participaram desta pesquisa, cedendo seu tempo e disposição;

Aos *pastores e padres*, pelas sugestões, esclarecimentos e indicações de casais;

Ao *Professor Lael* e ao *Jorge*, pelo apoio na estatística;

Ao meu esposo *Enéias*, pelo sustento emocional que me proporcionou durante este tempo e incentivo ao desenvolvimento deste trabalho;

Aos meus *pais*, pelo carinho e apoio para comigo e pelo incentivo a este trabalho;

A todos que de alguma forma me incentivaram e apoiaram nesta jornada, especialmente às amigas *Fabíola* e *Maira*;

À *FAPESP*, pelo apoio financeiro.

ÍNDICE

RESUMO	VIII
ABSTRACT	X
INTRODUÇÃO	1
Relacionamento conjugal e Habilidades Sociais	1
Aspectos culturais e sociais da Família e do Casamento	9
Orientações das igrejas sobre relacionamento conjugal	11
Religião e Habilidades Sociais	15
Objetivos	20
MÉTODO	22
Amostra	22
Instrumentos	25
Procedimento de coleta de dados	27
Tratamento dos dados	28
RESULTADOS	30
DADOS GERAIS DA AMOSTRA	30
ANÁLISE DA ESTRUTURA FATORIAL DO IHSC	32
DADOS COMPARATIVOS DAS TRÊS SUB-AMOSTRAS NO IHSC	35
DADOS COMPARATIVOS DAS DUAS SUB-AMOSTRAS NO QI	36
DADOS COMPARATIVOS DAS DUAS SUB-AMOSTRAS NO QD	40
DADOS COMPARATIVOS DAS DUAS SUB-AMOSTRAS NO QD/HS1	41
DADOS DE ASSOCIAÇÃO E CORRELAÇÃO DE VARIÁVEIS DA AMOSTRA COM OS RESULTADOS DOS INSTRUMENTOS IHSC E QD/HS1	42
DADOS COMPARATIVOS ENTRE OS RESULTADOS DOS RESPONDENTES RELIGIOSOS PARA OS INSTRUMENTOS IHSC E QD/HS1	46
ANÁLISES DE REGRESSÃO POR ÁRVORE	48
ANÁLISE DE VARIÂNCIA PARA OS FATORES DO IHSC - MANOVA - ANOVA	51
RESULTADOS QUALITATIVOS	55
SINTETIZANDO OS RESULTADOS QUALITATIVOS	80
SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	85
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Freqüência à igreja para respondentes religiosos em geral.	31
Figura 2. Freqüência anterior à igreja para respondentes religiosos em geral.....	31
Figura 3. Distribuição do escore para IHSC na amostra geral (três grupos).....	32
Figura 4. Freqüência de respostas dos três grupos de filiação religiosa ao item 25 do IHSC (Se estou sentindo-me bem, expresso isso para meu cônjuge).	36
Figura 5. Freqüência à igreja dos respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).	37
Figura 6. Freqüência "anterior" à igreja dos respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).....	37
Figura 7. Influência dos ensinamentos da igreja para tomada de decisões, para os respondentes do grupo de presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).39	
Figura 8. Vivência conforme os ensinamentos da igreja para grupo de respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).	39
Figura 9. Escore dos respondentes dos grupos católico e presbiteriano para o QD..40	
Figura 10. Freqüências de respostas e medianas dos grupos religiosos (católicos e presbiterianos) ao item 19 do QD/HS1 (Aceitar brincadeiras e/ou gozações feitas pelo meu cônjuge para comigo).	42
Figura 11. Escores médios no IHSC para sexo feminino e masculino.	43
Figura 12. Freqüências de respostas e medianas dos respondentes por faixas de tempo de casamento(0=[1,8]; 1=[9,16]; 2=[17,24] e 3=[25,32]) ao item 14 do QD/HS1 (Convencer meu cônjuge de minha opinião).	46
Figura 13. Análise de Regressão por Árvore (CHAID) tendo o escore categorizado do IHSC como variável resposta.....	49
Figura 14. Média estimada dos três grupos religiosos, de ambos os sexos, para o Fator 5.....	53
Figura 15. Média estimada para o Fator 5 para os sexos feminino e masculino nos três grupos religiosos.....	53
Figura 16. Média estimada para o Fator 1 para os sexos feminino e masculino.	54
Figura 17. Média estimada para o Fator 2 para os sexos feminino e masculino.	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características sócio-demográficas da amostra.....	23
Tabela 2. Fatores e coeficientes encontrados na análise fatorial Alpha do IHSC.....	33
Tabela 3. Escores médios do IHSC e análises comparativas para grupos de filiação religiosa.....	35
Tabela 4. Escores médios do QD e análises comparativas para os dois grupos religiosos.....	41
Tabela 5. Escores médios do QD/HS1 e análises comparativas para os dois grupos religiosos.....	41
Tabela 6. Nível de significância da associação entre itens do IHSC e variáveis da amostra.....	44
Tabela 7. Tabela de associação χ^2 entre itens do IHSC e do QD/HS1.	47
Tabela 8. Ganhos dos ramos para prever escores mais baixos no IHSC.	50
Tabela 9. Ganhos dos ramos para prever escores mais altos no IHSC.	51
Tabela 10. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de fazer elogios ao cônjuge (item 1)....	56
Tabela 11. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de aceitar e agradecer elogios feitos pelo cônjuge(item 2).	57
Tabela 12. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de dizer não ao cônjuge quando este pede para fazer tarefas que são dele (item 3).	58
Tabela 13. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de expor ponto de vista para o cônjuge discordado dele (item 4).	59
Tabela 14. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de aceitar e responder às críticas feitas pelo cônjuge (item 5).	61
Tabela 15. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de expressar desagrado ao cônjuge quando há discordância (item 6).	62
Tabela 16. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de expor opinião para o cônjuge podendo magoá-lo (item 7).	63

Tabela 17. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de expor sentimentos de alegria e satisfação ao cônjuge (item 8).	64
Tabela 18. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de expressar carinho ao cônjuge através de gestos e palavras (item 9).	65
Tabela 19. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de pedir ajuda ou favor ao cônjuge (item 10).	66
Tabela 20. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de fazer perguntas ao cônjuge para esclarecer dúvidas (item 11).	67
Tabela 21. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de conversar abertamente com o cônjuge (item 12).	68
Tabela 22. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de mudar de assunto ou encerrar conversa com o cônjuge (item 13).	69
Tabela 23. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de convencer o cônjuge da opinião (item 14).	70
Tabela 24. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de pedir que o cônjuge aguarde para falar (item 17).	71
Tabela 25. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de lembrar o cônjuge de seus deveres ou acordos (item 18).	72
Tabela 26. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de aceitar brincadeiras e/ou gozações feitas pelo cônjuge (item 19).	73
Tabela 27. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de sugerir ao cônjuge divisão das tarefas domésticas (item 21).	74
Tabela 28. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de tomar iniciativa de manter relacionamento sexual (item 15).	77

Tabela 29. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de recusar-se a ter relacionamento sexual com o cônjuge (item 16).....	78
Tabela 30. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de conversar abertamente com o cônjuge sobre relacionamento sexual (item 20).....	79

Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas

RESUMO – A literatura têm mostrado que as habilidades sociais constituem um importante ingrediente das relações conjugais satisfatórias e que a competência social é determinada por múltiplos fatores, incluindo-se aí as crenças e normas individual ou coletivamente assimiladas. A comunidade religiosa exerce grande influência sobre o comportamento de seus membros através de normas e preceitos com relação a comportamentos esperados em vários contextos, entre eles o conjugal. Nesse caso, a maioria das igrejas usualmente determina ou induz características associadas ao papel de esposa, de marido e à educação dos filhos. Este estudo teve como principal objetivo verificar a relação existente entre filiação religiosa e habilidades sociais emitidas pelos cônjuges no contexto de seu relacionamento cotidiano e outras variáveis da amostra associadas a esses aspectos. A amostra estudada foi de 74 casais divididos em três grupos: católicos, presbiterianos e sem filiação religiosa. Todos os casais responderam a um Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) e a uma ficha de dados pessoais. Os casais religiosos responderam também a um questionário doutrinário e um outro instrumento no qual foi solicitado que relacionassem uma lista de habilidades sociais aos ensinamentos da igreja, caso acreditassem que houvesse alguma relação. Os dados dos três grupos foram organizados em tabelas e figuras e foram comparados estatisticamente (entre religiões, entre instrumentos e com características da amostra). Os resultados mostraram que: 1) não houve diferença estatisticamente significativa entre os três grupos com relação a indicadores de habilidades sociais, mais especificamente, não houve influência das variáveis: frequência à igreja, tempo de filiação religiosa, conhecimento doutrinário, relação que o respondente faz entre comportamentos cotidianos e ensinamentos da igreja e relato que o respondente faz com relação à influência da igreja sobre os comportamentos interpessoais conjugais; 2) nas três amostras, verificou-se diferenças significativas entre os respondentes de ambos os sexos com relação a comportamentos socialmente habilidosos, sendo que as mulheres obtiveram índices mais

altos; 3) uma análise qualitativa das falas dos respondentes quando solicitados a estabelecerem relações entre habilidades sociais conjugais e ensinamentos doutrinários mostrou em linhas gerais que: a) grande parte das relações estabelecidas, na verdade, associavam habilidades sociais conjugais a regras gerais de convivência e conceitos cotidianos sobre relacionamento conjugal mais do que a ensinamentos doutrinários; b) respondentes presbiterianos se mostraram mais eloqüentes na tarefa de associar habilidades sociais conjugais a possíveis ensinamentos doutrinários; c) vários ensinamentos doutrinários foram associados a habilidades sociais, seja no sentido de apoiá-las ou justificar sua não ocorrência. Algumas conclusões foram extraídas deste estudo. A religião parece não ser um fator determinante das habilidades sociais conjugais, sendo o gênero um fator mais determinante. Os respondentes parecem buscar nos ensinamentos religiosos a justificativa para suas ações, tanto socialmente habilidosas, como passivas. Além disso, parece haver um conjunto de ensinamentos religiosos (não necessariamente específicos de uma ou outra religião) que pode favorecer comportamentos sociais potencialmente favoráveis a um bom relacionamento conjugal, embora parte destes ensinamentos possa também justificar comportamentos não habilidosos passivos diante de situações que requerem enfrentamento. Embora não se possa atribuir diferenças em habilidades sociais conjugais à filiação doutrinária, os dados sugerem que a vivência na comunidade religiosa pode estabelecer normas e padrões gerais de convivência (compatíveis com várias religiões cristãs) que são aplicadas também no contexto conjugal, inclusive “modelos” de aplicação de idéias da religião aos diferentes contextos de vida ou inversamente, de justificativas de ações com base nessas idéias.

Palavras-chave: relacionamento conjugal, religião, habilidades sociais, casais.

Marital social skills in couples from different religious affiliations

ABSTRACT – The literature has shown social skills as an important ingredient in satisfactory marital relationships. Social competence is determined by multiple factors, including beliefs and norms assimilated individually or in the community. The religious group has great influence over its members' behaviors through norms and principles relating to expected behaviors in several contexts, including the marital relationship. In this case, most Churches usually determine or induce characteristics associated to the wife and husband's roles and to child rearing. The principal aim of this study was to verify the relation between religious affiliation and social skills presented by spouses in the context of their everyday interaction and other associated variables of the sample. Seventy-four couples divided into three groups were studied: Catholics, Presbyterian and without religious affiliation. All of them answered to a Marital Social Skills Inventory (IHSC) and to a Personal Data Form. The religious couples responded also to a doctrinaire questionnaire and to another evaluation where they were required to correlate a list of social skills to the Church's teachings, if they believed there was an association between them. Data were organized in tables and pictures and statistically compared (between religion, between evaluations and between sample). The results showed that: 1) there was no statistically significant difference between groups in social skills indicators. In other words, there was no influence of variables like Church frequency, religious affiliation time, doctrinaire knowledge, association between everyday behavior and Church's teachings made by respondent and what the respondent tells about the Church's influence over marital interpersonal behavior; 2) In the three samples significant differences were found between respondents of both sexes relating to social skilled behavior, with women presenting higher scores; 3) A qualitative analysis of the respondents' speech when asked to establish relations between marital social skills and doctrinaire teachings showed that: a) actually most of the relations established associated marital social skills to general living rules and everyday beliefs about marital relationship more than to doctrinaire teachings; b) presbyterian respondents

showed more eloquence in associating marital social skills to feasible doctrinaire teachings; c) several doctrinaire teachings were associated to social skills, both supporting or justifying its non-occurrence. Some conclusions were derived from this study. The religion doesn't seem to be a determining factor of marital social skills, gender seems to have a more determining role. The respondents seem to search in religious teachings the reason for their actions, both social skilled or passive. Besides that, there may be a set of religious teachings (not necessarily specific of one or other religion) which favour potentially suitable social behaviors in marital relationship, although part of these teachings may also justify passive and non-skilled social behavior in confronting situations. Despite of no differences in marital social skills can be attributed to doctrinaire affiliation, data suggest living in a religious community may establish norms and general patterns of living (compatible with many Christian religions) that are also suitable in the marital context, including "models" of applying the religious ideas to different contexts of life or, inverted, justifying actions based in these ideas.

Key-words: marital relationship, religion, social skills, couples.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes preocupações da Psicologia e outras áreas do conhecimento humano é a de estudar meios de oferecer melhor qualidade de vida às pessoas. Um dos aspectos importantes e determinantes de uma boa qualidade de vida é a eficácia nos relacionamentos interpessoais, já que estes estão presentes em grande parte do tempo no dia-a-dia da maioria das pessoas.

O relacionar-se ocorre em diferentes níveis e em vários contextos da vida humana: no trabalho, na comunidade, na família, na igreja, na escola etc. Abordar-se-á neste trabalho, especificamente, o relacionamento conjugal, que se encontra no centro de um emaranhado de relações interdependentes, à medida que outras relações são determinadas (mesmo que parcialmente) pela qualidade deste relacionamento, como, por exemplo, dos pais com os filhos e destes em sua escola (Feldman & Wentzel, 1990) e com a comunidade.

Relacionamento conjugal e Habilidades Sociais

Torna-se evidente que o casamento passa por sérias dificuldades, mas também algumas tentativas de reformulações. Segundo dados divulgados pela imprensa¹, o índice de divórcio aumenta a cada dia em todo mundo e surgem mudanças nas expectativas sobre o que é um bom casamento. Os dados sugerem, ainda, que o casamento tradicional (marido provedor de tudo, mulher dependente, obediente e submissa) tem sido substituído por uma relação de maior amizade, afinidade, divisão de tarefas e despesas. Neste novo modelo de relacionamento é fundamental o conviver, saber da

1. Segundo estatística apresentada pela revista Veja em 11/08 de 1999 o índice de divórcio é de 60% nos EUA, 40% na Inglaterra e 25% no Brasil (IBGE 1995).

vida do outro, conversar, trocar idéias sobre qualquer assunto e saber ouvir. Pode-se observar que os indivíduos envolvidos em um relacionamento conjugal estão buscando, no seu dia-a-dia, mesmo que ingenuamente, sem conhecer cientificamente o conceito, comportamentos socialmente habilidosos dentro do contexto do casamento.

Flora e Segrin (1999), em um estudo com um grupo de cônjuges e namorados, concluíram que indivíduos com repertório adequado de habilidades sociais têm maior probabilidade de apresentarem satisfação com o relacionamento (entre o casal) do que aqueles que não o desenvolveram. Além disso, parceiras de homens que apresentam bom repertório de habilidades sociais tendem a relatar maior satisfação com o relacionamento. A satisfação conjugal é, ainda, relacionada indiretamente com a capacidade de resolução de problemas (componente das habilidades sociais). No estudo de Dela Coleta (1992), experiências de sucesso na resolução de problemas levaram o casal a aumentar suas expectativas de controle interno, que é relacionado a maior satisfação conjugal.

Bratfisch (1997), pesquisando os efeitos de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para casais não-disfuncionais, verificou que os participantes obtiveram ganhos no relacionamento conjugal em geral, na expressão de sentimentos positivos, no manejo de críticas, na resolução de problemas, na valorização mútua pelos cônjuges, em lidar com direitos e deveres, na comunicação, na confiança mútua entre o casal, na utilização de *feedback*, na expressão de afeto e na assertividade.

Pesquisas realizadas por Sanders, Halford e Behrens (1999) apontaram também a importância da utilização das habilidades sociais prévias ao casamento (no sentido dos pares se comunicarem de forma efetiva, preparando-se para o casamento, falando de seus objetivos de vida, sonhos e expectativas). Os autores estabeleceram uma relação entre história de divórcio e uma comunicação falha antes do casamento.

Em muitos dos casos de separação e/ou busca de auxílio terapêutico,

tem-se constatado² que a causa está nas dificuldades de um ou ambos os cônjuges no que diz respeito às habilidades interpessoais. Estas pessoas, por algum motivo, não desenvolveram um repertório satisfatório para se comunicarem, expressarem sentimentos, opiniões e desejos, ouvirem o outro, entre outras habilidades. Acabam vivendo num ambiente aversivo para ambos, com escassez de reforçadores positivos.

Por outro lado, observa-se que há cônjuges extremamente habilidosos socialmente, que conseguem reforçar-se mutuamente, expressar seus sentimentos, desejos e opiniões, constituindo assim um ambiente saudável, que possibilita o desenvolvimento pessoal de ambos e a educação de seus filhos para serem também emocionalmente saudáveis e socialmente habilidosos.

Os aspectos reforçadores dos relacionamentos conjugais, ou seja, mais conseqüências recompensadoras que negativas e reciprocidade do casal na emissão de reforçadores, possibilitam a manutenção do relacionamento maximizando sua qualidade, porém, a maioria dos casais encontra dificuldade em empregar tais métodos de comunicação (Caballo, 1987).

Gottman e Rushe (1995), numa revisão da história da Terapia de Casais, indicaram vários autores que defendem a idéia de que casais mais satisfeitos possuem relacionamento rico em reforçadores positivos, habilidades de resolução de problemas, equilíbrio entre fornecer e receber reforço positivo e demais fatores que dependem, entre outros aspectos, das habilidades sociais de ambos.

Starkey (1991), pesquisando casais, analisou a importância do repertório de comportamentos socialmente habilidosos em uma situação específica (esposa trabalhando fora), afirmando que a competência social do marido é um fator fundamental para que o relacionamento conjugal não se desmorone quando a esposa passa a obter rendimentos com seu trabalho.

Rangé e Dattilio (1995) analisaram três enfoques da terapia de casal: o comportamental (Bandura/Jacobson), o cognitivo (Beck, Dattilio) e o integrativo dos aspectos comportamental, cognitivo e afetivo (Guernsey).

2. Dados de observação e experiência clínica da autora.

Apesar de algumas diferenças apontadas, os três modelos defendem a necessidade de instrumentalizar os membros do casal com repertório de habilidades interpessoais, especialmente de comunicação e resolução de problemas, necessárias para o bom relacionamento dos mesmos. Principalmente o enfoque comportamental de Jacobson, ressalta a importância do repertório de habilidades de comunicação no relacionamento conjugal e sugere treinamentos para o desenvolvimento destas e outras habilidades (comportamentais e cognitivas) importantes.

Profissionais das Ciências Humanas têm abordado a questão do relacionamento interpessoal e comunicação sob vários enfoques, um dos principais campos voltados para esta temática é o campo teórico-prático das Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 1996). Segundo Caballo (1996), esse campo teve maior difusão e desenvolvimento nas décadas de 60 e 70. Nos anos 80 este campo incorporou alguns resultados de pesquisa de outras áreas da Psicologia, principalmente elementos de orientação cognitiva. Atualmente há um corpo crescente de publicações sobre o assunto.

Alguns conceitos-chave deste campo são definidos de forma bastante específica por Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P. (2001), evitando confusões geralmente presentes na literatura da área. Estes termos são: habilidades sociais, competência social e desempenho social. Assim, segundo eles, os termos habilidades sociais, desempenho social e competência social são definidos respectivamente como:

“existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais”.

“a emissão de um comportamento ou seqüência de comportamentos emitidos em uma situação social qualquer”

“tem sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho social nas situações vividas pelo indivíduo [...] qualificando portanto a proficiência de um desempenho e referindo-se à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às

demandas imediatas e mediatas do ambiente" (Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P., 2001, p. 31).

Um outro conceito-chave da área das Habilidades Sociais é o de assertividade, inicialmente definido por Wolpe e Lazarus (1966) e Wolpe (1976) como a afirmação dos direitos individuais e a expressão de sentimentos e crenças de modo claro, com controle da ansiedade e adequado a não violar os direitos do outro. A literatura em geral coloca o termo assertividade em oposição à não-assertividade (referindo-se a ausência de comportamentos de expressão e defesa de direitos) e à agressividade (comportamentos que tendem a violar os direitos do outro) e considera (como muitos outros autores) que ele se refere a uma subárea do campo das Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 1999).

Alberti e Emmons (1978) conceituam, discutem e exemplificam a questão do comportamento assertivo, não assertivo e agressivo. Para estes autores, a reação assertiva caracteriza-se por geralmente atingir os objetivos, aumentar a auto-apreciação de seu emissor e ser honesta. Já a reação não-assertiva seria uma negação e inibição dos sentimentos do emissor, tendo como resultado um sentimento de dor, ansiedade, além de provavelmente não atingir os objetivos. A reação agressiva, por sua vez, consegue atingir os objetivos na maioria das vezes, mas às custas dos outros. O emissor, mesmo que se perceba como expressivo, compromete os relacionamentos pois magoa as pessoas com quem interagiu.

Os comportamentos socialmente habilidosos são, em grande parte, aprendidos na interação do indivíduo com seu ambiente. Começam a ser desenvolvidos na infância (modelo de pessoas próximas, modelagem social e esquemas de reforçamento) e podem continuar o desenvolvimento, dependendo das contingências a que são submetidos (Skinner, 1989). A aquisição do repertório comportamental socialmente habilidoso envolve um aprendizado durante toda a vida através da interação do indivíduo com seu meio social, no exercício crescente de novos papéis e assimilação de normas culturais (Del Prette & Del Prette, 1999). Portanto, os comportamentos socialmente habilidosos emitidos por um adulto foram aprendidos ao longo de sua história de vida e respondem também a

contingências atuais (quer sejam de reforçamento positivo ou de reforçamento negativo, com ou sem o envolvimento de regras).

Buscando compreender melhor como a história de vida e as contingências atuais se manifestam no casamento, Diniz (1995) propõe um modelo de análise que aponta para três eixos principais sobre os quais a família é constituída: 1) características de personalidade; 2) habilidades de comunicação, negociação, administração e resolução de problemas ; 3) papéis de gênero/desenvolvimento do casamento. Como “características de personalidade” (eixo 1), refere-se aos padrões de comportamento aprendidos ao longo da história de vida, e que provavelmente irão manter-se ao longo da mesma. O eixo número dois, segundo a autora, também é grandemente influenciado pela história de vida de cada cônjuge, ou seja, cada um resolverá os problemas de acordo com as estratégias (repertório) que aprendeu ao longo da vida. Quanto mais adaptativas forem as maneiras do casal solucionar seus problemas, mais êxito a relação alcançará. Por fim, o eixo número três pode ser entendido como as contingências atuais que atuam sobre a vida do casal, ou seja, as conseqüências que controlam seus comportamentos. Pode-se dizer que, em muitos casais, o centro do conflito ou problema de relacionamento está na ausência de um repertório comportamental suficiente para resolver questões e relacionar-se socialmente de forma adaptativa e adequada.

À medida que um dos cônjuges não desenvolveu estas habilidades ao longo de sua vida, provavelmente, surgirão dificuldades de relacionamento na vida a dois, pois as características pessoais dos indivíduos tornam-se mais marcantes no casamento (Carter & McGoldrick,1995). Assim, se, por exemplo, um dos cônjuges não costumava tratar de modo adequado seus familiares, provavelmente irá tratar seu cônjuge da mesma maneira após algum tempo de casamento.

Em outros casos, os membros do casal possuem repertório de comportamentos socialmente habilidosos, mas não o utilizam por não existirem contingências (dentro ou fora do lar) que os levem a utilizar tal repertório.

Tendo em vista que os comportamentos são originados e mantidos por

meio do contato com o ambiente social, vários modelos são propostos para explicar a aquisição dos mesmos.

Segundo a proposta da terapia cognitiva, *“o modo como os indivíduos pensam e percebem tem um grande impacto no modo como sentem e se comportam”* (Rangé & Dattilio, 1995, p.177), destacando a influência de esquemas ou padrões complexos de pensamento (aprendizagem falha), que podem gerar interpretações equivocadas do ambiente e formulação de regras e padrões rígidos ou absolutos. Na terapia cognitiva de casais trabalha-se com estas regras (crenças) acerca de relacionamentos em geral e especificamente sobre o relacionamento conjugal.

Del Prette e Del Prette (1999) referem-se a Argyle (1967/1994) para destacar o modelo da Percepção Social que explica dificuldades interpessoais a partir de déficits na “leitura” do ambiente social. Este processo cognitivo caracteriza-se pelo reconhecimento e decodificação dos sinais presentes em contextos interativos e pelo conhecimento sobre normas e valores associados à situação e às condutas esperadas. O que chamamos de “contextos interativos” são as pessoas ou instituições que fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, ou seja, família, escola, igreja, trabalho, comunidade de bairro etc. Morrison e Bellack (1981) defendem que a percepção social é essencial para um desempenho social adequado. Neste sentido pode-se considerar também a percepção social como de grande importância para o relacionamento conjugal, à medida que as regras são transmitidas em diferentes contextos interativos dos quais o casal faz parte. Estas regras (normas culturais, preceitos religiosos etc.) certamente irão influenciar, positiva ou negativamente, o comportamento de cada membro do casal e, conseqüentemente, seu relacionamento conjugal.

Outro modelo explicativo da aquisição de habilidades sociais é o modelo da Teoria de Papéis que está relacionado à compreensão do próprio papel social (Del Prette & Del Prette, 1999). Também neste modelo destaca-se o papel das regras da comunidade da qual o indivíduo faz parte influenciando na concepção de si próprio e determinando comportamentos.

Del Prette e Del Prette (1999), consideram três dimensões na análise das habilidades sociais: a pessoal, a situacional e a cultural. Estas dimensões, segundo os autores, estariam presentes em todas as interações sociais (e, portanto, também no relacionamento conjugal) e sua combinação harmoniosa resultaria no desempenho socialmente habilidoso. Desta forma, a investigação de comportamentos socialmente habilidosos em determinada população sempre estará atrelada às três dimensões citadas. A dimensão pessoal refere-se aos aspectos: a. comportamental, levando-se em consideração aspectos verbais ou não verbais diretamente observáveis do comportamento; b. cognitivo-afetivo, referindo-se a expectativas e crenças, conhecimentos prévios e estratégias e habilidades de processamento de sujeito e; c. fisiológico, referindo-se às reações físicas mensuráveis de acordo com os critérios mais estudados na literatura da área. A dimensão situacional está relacionada aos interlocutores e às demandas da situação. A dimensão cultural refere-se às regras, normas e valores, ou seja, diferentes contextos culturais determinando padrões diversos acerca do que seriam comportamentos sociais “adequados”.

É importante esclarecer que a dimensão pessoal inclui também as características sócio-demográficas do indivíduo, que, de certa forma, trazem elementos das dimensões cultural e situacional para a pessoal. Isto ocorre à medida que as características sócio-demográficas pressupõem normas e expectativas sociais sobre o desempenho de segmentos populacionais em função destas características, o que certamente irá influenciar os comportamentos dos indivíduos. Podemos citar, como exemplo, a existência de diferenciação de expectativas sobre o desempenho social conforme o sexo ou a idade do indivíduo. Portanto, características sócio-demográficas relacionadas à idade e sexo e, também, possivelmente outras como número de filhos, tempo de casamento, nível sócio-econômico, escolaridade, poderiam estar associadas ao repertório de habilidades sociais do indivíduo.

Como se pode verificar, o campo teórico-prático das habilidades sociais inclui, na análise do desempenho social, o papel das regras, normas

e valores presentes no contexto cultural do indivíduo e por ele assimiladas em forma de crenças, atitudes e sentimentos que influenciam no comportamento. Dentre as várias instâncias sociais/culturais que geram regras, normas e valores, inclusive morais, pode-se destacar a instituição religiosa, determinando como devem viver e se comportar seus seguidores em todas as áreas da vida, inclusive no relacionamento conjugal.

Aspectos culturais e sociais da Família e do Casamento

Sabe-se que o modelo de família (marido, esposa e filhos) proposto pela sociedade ocidental contemporânea é parte de uma construção cultural. Durham (1983) coloca que, apesar da tendência à “naturalização” (entender algo como sendo determinado naturalmente e não por influência da cultura) do modelo de família vigente, bem como de papéis fixos femininos e masculinos dentro dela, sua construção é culturalmente determinada. Esta tendência de enxergar o modelo familiar “vigente” como natural se torna ainda mais forte à medida que a família atende a demandas de base biológica – sexo e reprodução. Assim, certas normas sociais como, por exemplo, atribuir à mulher o papel de permanecer em casa cuidando dos filhos, seriam justificadas pelo fato de ser a mulher quem dá a luz e, portanto, teria habilidades naturais para cuidar da prole.

Nem sempre, e nem em todo lugar, a família foi e é constituída da mesma forma que conhecemos hoje no mundo ocidental. Há diversas maneiras de organizações que dão origem a diferentes modelos de família em diversas culturas e períodos da história. Neste sentido, Lévi-Strauss (1996) fala sobre a necessidade de não dogmatizar a família num modelo fixo, estático e singular. Ele aponta vários exemplos de constituição e organização de famílias em outras culturas, concluindo que, em seus diferentes modelos, o conceito de família é universal.

Ainda segundo Durham (1983), o casamento é visto na antropologia da mesma forma que a família, no que diz respeito à sua universalidade. A instituição do casamento é universal, embora varie quanto à forma, intensidade e permanência dos laços que cria e quanto ao grau de

exclusividade sexual que propõe. Esta autora destaca a importância do casamento para a constituição da base da esfera privada da vida social, por meio das relações interpessoais íntimas e afetivas que podem ser estabelecidas através da vivência conjugal da sexualidade.

O ser humano vive em sociedade e somente na relação com o outro. Qualquer tipo de relacionamento social é mediado pela cultura, aqui entendida como normas, regras e valores, através das quais os indivíduos se organizam. No caso do casamento (relacionamento conjugal), isto se dá através de padrões que o norteiam e que diferem para cada sociedade, classe social etc. Estas diferenças no modo de conceber o casamento e na sua própria organização são marcantes, sendo sempre baseadas no fato de existirem diferentes normas e regras em diferentes sociedades, ou seja, a diversidade cultural.

Associado ao fator cultural de determinação da organização familiar, vale destacar que os diversos contextos sociais em que as famílias se inserem influenciam diretamente seu modo de vida. Desta forma, destaca-se a importância de considerarmos as dimensões cultural e social ao estudar a instituição familiar e do casamento.

Como exemplo da influência social no casamento, podemos citar o grande número de parceiros que, atualmente, não tem se casado legalmente, por falta de recursos financeiros, “optando” pela união consensual. Outro exemplo é a reestruturação das tarefas domésticas quando a esposa tem necessidade de trabalhar fora.

As influências da cultura também são notórias em vários aspectos da vida da família e do casal e se dão através de normas, valores e regras. Estas são transmitidas social e culturalmente de modo informal (conversas de vizinhas, de pai para filho, no ambiente de trabalho) e formalmente, por meio de instituições (igreja e escola, por exemplo), da literatura e das artes em geral.

Neste trabalho, aborda-se a influência cultural da instituição religiosa como agência estabelecadora de regras e valores no âmbito do relacionamento conjugal, tendo como recorte, famílias brasileiras de classe média alta.

Orientações das igrejas sobre relacionamento conjugal

As igrejas, de modo geral, doutrinam seus fiéis com relação a comportamentos esperados nos vários contextos de vida, dentre eles o do relacionamento conjugal. A maneira como a igreja educa seus fiéis com relação ao casamento e vários aspectos da vida familiar, varia de acordo com as possibilidades e a organização de cada comunidade.

A Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) fornece orientação com respeito ao relacionamento conjugal de várias formas e abordando diferentes aspectos do mesmo³. Uma das atividades promovidas pela igreja é o curso de noivos, obrigatório para quem deseja se casar na igreja católica. Neste curso, os noivos recebem orientação sobre convivência a dois, relacionamento sexual, finanças, educação de filhos, concepção e algumas regras da igreja sobre o sacramento do casamento. Outra atividade bastante comum é o Encontro de Casais com Cristo (ECC), que é uma atividade programada num final de semana ou feriado para que os casais fiquem juntos num local (chácara, hotel ou alojamento) recebendo orientações para sua vida conjugal através de palestras e atividades práticas (oficinas e vivências).

Há também um movimento denominado Equipes de Nossa Senhora (ENS), cujo objetivo é formar pequenas comunidades de casais bastante integrados para conversar sobre assuntos relacionados à família e ao casal. Estas ENS existem em todo Brasil (e em outros países também) e em todas as unidades as regras e deveres são os mesmos. As obrigações de cada casal são⁴: fixarem uma regra de vida (direitos e deveres de cada cônjuge em sua família, propósitos para o casal); rezar juntos e com os filhos diariamente; rezarem diariamente a oração das ENS; praticar mensalmente o “dever de sentar-se” (separar um momento para somente o casal estar junto e fazer um balanço da própria vida); estudar conjuntamente marido e mulher sobre o tema mensal de estudo; ler todo mês a Carta Mensal das ENS; fazer anualmente um retiro de 48 horas; oferecer à igreja, anualmente,

-
3. Estas informações e as que seguem com relação a atividades promovidas pela igreja católica e programas da instituição foram colhidas em conversas informais com líderes e membros comuns das igrejas católicas e com os próprios sujeitos desta pesquisa.
 4. Orientações descritas na Carta das Equipes de Nossa Senhora (Estatutos)

o produto de um dia de trabalho; entrar em contato e acolher casais de outras equipes. A igreja católica mantém vários outros programas voltados para a família (pastoral da família, da criança entre outros), porém não especificamente abordando o relacionamento conjugal, mas o aspecto social da família.

A literatura também é uma forma pela qual os fiéis recebem informação doutrinária da igreja, alguns livros indicados aos fiéis tratam especificamente do relacionamento conjugal e familiar. Aquino (1993) e Roman (1936-2000) trazem várias orientações doutrinárias que sumarizam as principais doutrinas da igreja católica à respeito da vivência em família, casamento, papéis sexuais e sexo, as quais serão apontadas resumidamente a seguir.

- Casamento: É entendido como mandamento de Deus para o homem, portanto um sacramento da igreja. Tem caráter indissolúvel.

- Relacionamento sexual: É permitido somente no contexto do casamento como expressão de amor e tem como finalidade a reprodução, sendo proibidos quaisquer métodos não naturais de contracepção. A disposição de ter filhos é um dever do casal, pois sem isto o matrimônio não pode ser plenamente concretizado. Os cônjuges devem doar-se mutuamente também nesta área, não se privando um ao outro, exceto quando realmente a esposa não tiver condições para o ato sexual, caso em que deverá conversar francamente com seu marido.

- Vivência em família: A relação conjugal é caracterizada por comportamentos de ajuda mútua, doar-se, renunciar os próprios desejos e interesses em favor do outro; o amor conjugal é sacrificial, deve haver unidade entre o casal "de forma que o eu seja substituído pelo nós"; verdade e sinceridade são essenciais para o relacionamento, o diálogo e o saber ouvir o outro também são extremamente importantes.

- Papel do homem: O homem é responsável pelo sustento da família.

- Papel da mulher: A mulher é uma companheira auxiliar que deve cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, caso haja necessidade ela poderá trabalhar ajudando no sustento da casa.

Da mesma forma que a igreja Católica, a igreja Presbiteriana também

promove atividades com a finalidade de doutrinar seus membros para assuntos relacionados à família e ao casamento⁵. Uma dessas atividades é a Escola Dominical, uma reunião que ocorre sempre aos domingos pela manhã, onde funcionam classes divididas por faixa etária e/ou assuntos. Geralmente há uma classe específica para casais, onde são ministradas aulas sobre diversos temas, entre eles família e casamento. Outra atividade é o ECC, que acontecem de forma semelhante ao da igreja católica, porém, as pessoas que organizam o evento são outras (contando com palestrantes pertencentes à sua denominação religiosa) e os participantes também. Existem ainda grupos de casais (sistematizados ou não) que se reúnem e discutem sobre temas ligados ao relacionamento conjugal e família e organizam palestras ligadas a estes temas.

A indicação de literatura entre os fiéis também é algo bastante presente entre os presbiterianos, sendo que, até a década de 80, a maioria do material sobre casamento e família é constituída por obras de autores norte americanos, traduzidas para o português. Atualmente, vários autores brasileiros têm escrito sobre o assunto, produzindo assim, material mais adequado à realidade brasileira.

Percebe-se que os livros mais tradicionais, de origem norte americana, como por exemplo Groningen e Groningen (1997), trazem orientações tradicionalmente mais rígidas a respeito de papéis sexuais e das funções de marido e esposa. Porém, há livros mais recentes, que apontam posições mais flexíveis e até mesmo diferentes visões sobre papéis sexuais e relacionamento homem-mulher, por exemplo, o livro organizado por Maldonado (1996), que aborda vários temas relacionados ao casamento e à família na visão de vários autores evangélicos de diferentes filiações religiosas. A seguir, serão descritas resumidamente as principais orientações e concepções sobre casamento e família que têm sido comuns nas igrejas presbiterianas.

- Casamento: É entendido como dádiva de Deus para o homem e a

5. Estas informações e as que seguem com relação a atividades promovidas pela igreja presbiteriana e programas da instituição foram colhidas em conversas informais com líderes e membros comuns das igrejas presbiterianas e com os próprios sujeitos desta pesquisa.

mulher, porém fica disponível também a opção do celibato se houver uma razão justa (serviço a Deus) para isto. O casamento deve ser indissolúvel, porém, em alguns casos justifica-se a separação.

- Relacionamento sexual: É permitido somente no contexto do casamento, considerado como expressão de amor entre os cônjuges à medida que promovem o prazer sexual um ao outro. Desta forma, a relação sexual deve ser prazerosa para ambos. Os cônjuges devem doar-se mutuamente também nesta área, não se privando um ao outro, exceto por pequenos períodos e com a concordância de ambos.

- Vivência em família: A relação conjugal deve simbolizar a união de Cristo com a igreja. Desta forma, o homem (assim como Cristo) tem o dever de amar sua esposa, cuidar dela e dignificá-la, esta, por sua vez (assim como a igreja), deve ser submissa ao esposo, procurando honrá-lo em tudo. O casal forma uma unidade, que se caracteriza por comportamentos de ajuda mútua, doar-se, renunciar os próprios desejos e interesses em favor do outro. O amor conjugal é sacrificial, deve haver unidade entre o casal de forma que o eu seja substituído pelo nós, verdade e sinceridade são essenciais para o relacionamento, o diálogo e o saber ouvir o outro também são extremamente importantes.

- Papel do homem: O homem é o cabeça do lar, ou seja, ele é responsável pelo sustento da família e também responsável espiritualmente. Tem o dever de amar sua esposa e cuidar dela.

- Papel da mulher: A mulher é companheira do homem, devendo ser submissa a ele. A função principal da mulher é a maternidade e responsabilidade pelo cuidado do lar. Porém, caso haja necessidade ela poderá trabalhar ajudando no sustento da casa.

O grande número de atividades oferecidas aos casais e incentivo a determinadas leituras, por ambas as igrejas, demonstra um interesse por parte destas, em transmitir seus valores, regras, conceitos, enfim, fazer com que os fiéis conheçam e vivam conforme suas doutrinas. Portanto, pode-se concluir que, por parte das igrejas, há um esforço para que seus membros apresentem padrões de comportamento por elas determinado, inclusive nos assuntos relacionados à família e ao casamento.

Religião e Habilidades Sociais

A religiosidade ou espiritualidade é algo que sempre esteve muito presente na vida das pessoas, desde as civilizações mais remotas. Atualmente, há uma acentuação neste quadro, observando-se os indivíduos numa busca constante por experiências sobrenaturais, transcendentais, algo que vá além da razão. Isto é ainda mais forte no Brasil, um país onde é grande o misticismo (geralmente caracterizado por um forte sincretismo religioso), com a proliferação cada vez maior de diversas comunidades religiosas (iniciando-se com os deuses dos índios, depois a catequização que veio junto com a colonização, as religiões africanas trazidas com os negros escravos e muitas outras influências até as mais recentes da “Nova Era” com suas pirâmides e cristais).

Safra (1999), num estudo histórico a respeito de filosofia e religião, faz uso do pensamento de Solovyov (pensador russo nascido em 1835), segundo o qual é impossível distinguir filosofia e religião, já que não seria possível focar o ser humano sem levar em conta a sua busca pelo divino.

Considerando a religião como influenciadora de comportamentos humanos, Schoenfeld (1993) chama a atenção da comunidade científica para os comportamentos religiosos emitidos por bilhões de pessoas. O autor destaca algumas “características comuns” aos religiosos, mostrando que provavelmente seriam comportamentos modelados pela comunidade religiosa.

Connors, Tonigan e Miller (1996), trabalhando num estudo a respeito do abuso de substâncias, ressaltam também a influência da religião no comportamento dos indivíduos, considerando esta um fator propiciador de modificação de comportamento.

Thornton, Axinn e Hill (1992), estudaram as influências da religião sobre o comportamento de jovens quanto a se casarem oficialmente ou simplesmente morarem juntos. Os resultados mostraram que quanto maior o nível de religiosidade (atribuição de maior importância à igreja e participação maior) mais os sujeitos casavam-se oficialmente, seguindo as regras da igreja, e quanto menor o nível de religiosidade, menos se casavam oficialmente, passando a morar juntos. Os dados evidenciaram,

ainda, que a religiosidade dos pais influencia o comportamento dos filhos quanto a casar-se ou não oficialmente, mesmo que os filhos não sejam religiosos. Outro dado deste estudo é que a participação numa comunidade religiosa influencia mais os comportamentos dos sujeitos do que simplesmente a filiação a uma religião. Além destes dados, os autores sugerem uma generalização do elemento estudado para outros componentes do relacionamento familiar como as decisões pessoais e familiares associadas ao envolvimento religioso. Neste sentido, divórcio, contracepção, sexo pré-marital, aborto, poderiam se encaixar neste modelo de causalidade, já que também são regidos por prescrições da igreja.

Weaver, Koenig e Larson (1997), investigaram o papel das igrejas na vida das famílias, apontando vários estudos que mostraram a associação entre envolvimento religioso e redução de comportamentos de risco para o casamento dos membros, expectativas positivas com relação à família, ajustamento e satisfação conjugais, minimização de conflitos, aumento da tolerância entre outros. Neste sentido, os autores concluem que seria importante a existência de um intercâmbio entre terapeutas e líderes religiosos para realização de um trabalho mais eficaz com casais e famílias.

Pinezi-Barbosa (1999), pesquisando famílias evangélicas em estudo sobre a vinculação entre religião e família, aponta como estes evangélicos reinterpretam os princípios religiosos a fim de articulá-los aos novos valores e modelos de relação de gênero, divisão sexual do trabalho e moralidade sexual. A autora conclui que *"a religião está de tal maneira integrada na vida dos indivíduos que seria impossível pensá-la de forma isolada em relação a todos os aspectos da vida social"* (Pinezi-Barbosa, 1999, p. 06). Em uma pesquisa a respeito das transformações nas famílias brasileiras, Caldana (1991) faz uma análise de uma revista católica de orientação à família ao longo dos anos de 1935 a 1988, verificando mudanças ocorridas neste período. A autora aponta para a influência da cultura cristã (no caso, através desta revista) no comportamento das famílias brasileiras com respeito a relacionamento conjugal, educação de filhos entre outros aspectos.

Ainda em relação à Igreja Católica, Ribeiro (1997), analisou a maneira

como agentes da pastoral vivenciavam aspectos relacionados à família, casamento e reprodução, os quais a igreja busca regular através de normas bastante rígidas. A autora concluiu que estes sujeitos estariam transgredindo as regras da igreja em vários aspectos, porém, destaca a existência de influência recíproca entre igreja (bem como outras instituições) e seus seguidores. Os dados apontaram para um tipo de influência mais ao nível do imaginário (como coloca a autora) do que funcional, ou seja, os aspectos apontados pela autora como não sofrendo influência da igreja são aqueles que estão descontextualizados da chamada “modernidade”, sendo totalmente disfuncionais (p.e., proibição do uso de contraceptivos). Por outro lado, Ribeiro destacou citações de sujeitos ressaltando a importância de aspectos puramente espirituais que são abordados pela igreja. Desta forma, fica evidente que o poder de controle da igreja sobre seus fiéis, embora bastante diminuído, continua funcionando em alguns aspectos.

Do ponto de vista da Análise do Comportamento, segundo a qual os comportamentos são explicados por meio dos eventos ambientais antecedentes e conseqüentes, presentes e passados, a religião é tida como forte fonte de controle sobre os comportamentos dos fiéis. Banaco (1996), entende que os comportamentos religiosos, como um todo, são mantidos por superstição, ou seja, comportamentos reforçados ou punidos casualmente são atribuídos a fatores religiosos ou místicos. Isto ocorreria através de punição e reforçamento, que acabariam determinando (mantendo ou extinguindo) comportamentos. Ele enfatiza o controle das instituições religiosas através da punição, seja ela atual ou em forma de ameaça.

Embora se reconheça que, na sua maioria, o controle por parte das instituições religiosas é aversivo, levando os fiéis a esquivarem-se de punição (seja da própria instituição ou mesmo divina), a punição não é a única forma de controle, pois recorre-se também ao reforçamento positivo, por exemplo, incentivando e associando a obediência aos princípios doutrinários através das promessas bíblicas de paz e prosperidade futura para os que o fizerem.

De um modo ou de outro, a religião acaba exercendo forte influência sobre várias áreas da vida de seus participantes, o que certamente inclui o relacionamento conjugal. A respeito deste relacionamento, as instituições religiosas, de modo geral, estabelecem certas regras: com quem (perfil) seus membros devem casar-se, como devem se comportar como cônjuges, quais as funções de cada um, como devem tratar-se mutuamente, como deve ser a educação dos filhos etc.

Segundo Pinezi-Barbosa (1999), atualmente os membros passaram a requerer de suas igrejas orientação quanto ao seu modo de viver e quanto à resolução de problemas e conflitos da vida, embora tais orientações sejam, em alguns casos seguidas e em outros adaptadas ou desobedecidas. A autora entende que:

“a religião, além de atuar como fonte de orientação para que o indivíduo se reconcilie com Deus por meio da conversão, é também um espaço em que socialmente são construídas regras de conduta e padrões de vida compatíveis com os preceitos divinos interpretados” (Pinezi-Barbosa, 1999, p. 22).

Dentre as regras impostas pelas igrejas pode-se notar que há várias referências ao relacionamento interpessoal entre cônjuges. Surgem, então, questionamentos com relação ao conteúdo das mesmas. Embora, em última análise, possa se identificar uma preocupação com um relacionamento conjugal estável e bem-sucedido, a própria noção sobre o que é um casamento bem sucedido pode estar sendo guiada por preceitos pouco compatíveis com o desenvolvimento interpessoal de um ou ambos os cônjuges. Assim, poder-se-ia levantar hipóteses em ambos os sentidos: seriam as regras e preceitos religiosos limitadores de um repertório interpessoal mais elaborado, ao impedirem as pessoas de entrarem em contato com as diferentes alternativas de desempenho social? Ou seriam facilitadores da construção e/ou manutenção de um repertório de comportamentos socialmente habilidosos e, conforme a literatura dessa área, favoráveis a um relacionamento conjugal satisfatório?

Com relação à orientação fornecida aos fiéis pela Igreja Católica, Caldana (1991), aponta alguns valores, como por exemplo, sobre o ideal de

pessoa e suas características indesejáveis, sempre valorizando a bondade e abnegação, o que implicaria em habilidades empáticas mas, ao mesmo tempo, em baixa assertividade. A autora fala também sobre como deveria comportar-se a família ideal, a mulher como mãe e esposa, o homem (sempre dedicado à família) e como deve ser a educação dos filhos, salientando a acomodação a princípios morais e a um conjunto de “bons costumes”. Estes, certamente poderiam favorecer ou dificultar o exercício de determinadas habilidades sociais.

Pinezi-Barbosa (1999) descreve algumas das orientações da Igreja Presbiteriana (protestante histórica) quanto ao modelo divino para constituição de uma família: casamento entre pessoas que possuem a mesma fé (evangélicos); amor como base do relacionamento e indissolubilidade do casamento; relação sexual somente no contexto do casamento.

Observados estes exemplos de orientações transmitidas pelas igrejas a seus membros, nota-se que, em seu conteúdo, há valores e regras que muito provavelmente irão nortear o comportamento social destes, inclusive selecionando (através das conseqüências) a aprendizagem e o desempenho de determinadas habilidades.

Assim considerando, é razoável supor que as diferenças entre preceitos doutrinários (que constituem a base da identidade de uma comunidade religiosa) se traduzem em diferenças nas influências exercidas pelas diversas religiões sobre seus membros. Por exemplo, as igrejas evangélicas valorizam bastante a submissão da esposa ao marido, enquanto que a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) não enfatiza esta norma. Ainda, nota-se que a ICAR coloca-se mais flexível, aceitando que seus membros vivam de maneira diferente do que a doutrina prega ou interpretando esta doutrina de modo diferente em cada situação e/ou lugar. Nas igrejas evangélicas, principalmente as mais tradicionais, como é o caso da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), as normas e valores são rigidamente estabelecidos e o membro que não as cumpre é disciplinado ou afastado da mesma.

Essa influência é certamente maior de acordo com a freqüência dos membros aos rituais e atividades de sua comunidade religiosa, podendo-se

supor maior influência daquelas comunidades que conseguem maior assiduidade e envolvimento

Dado o exposto, este trabalho procura responder às indagações: Como diferentes comunidades religiosas influenciam o desempenho social dos casais? Elas atuam sobre seus membros promovendo ou minimizando a aquisição e/ou manutenção de comportamentos conjugais socialmente habilidosos?

Objetivos

Como já citado anteriormente, o desempenho social pode ser analisado em três dimensões: pessoal, situacional e cultural. Quando se fala de aspectos culturais é importante esclarecer que eles estão presentes e variam muito em cada contexto interpessoal. Neste estudo, considerou-se a comunidade religiosa como um contexto cultural particular, ou seja, com valores, normas e regras próprias que provavelmente influenciariam o desempenho social de seus membros, embora se reconheça que estas são também construídas e reconstruídas pelos próprios membros da comunidade religiosa e que as características individuais dos cônjuges também afetam o padrão de relacionamento que constroem na vida conjugal. De todo modo, procurou-se entender a religião (normas, preceitos, valores por ela veiculados) como importante componente da dimensão cultural da competência social, uma abordagem ainda não estudada no país (segundo pesquisa bibliográfica na base de dados PsycLit), porém importante na análise das habilidades sociais, especialmente conjugais. Entendeu-se que a análise poderia também contribuir para ampliar a compreensão dos fatores associados a comportamentos sociais conjugais pouco adaptativos.

O objetivo principal deste trabalho foi, portanto, identificar possíveis relações entre comportamentos conjugais socialmente habilidosos e a filiação religiosa, comparando-se dois grupos de diferentes filiações religiosas e um terceiro sem nenhuma declarada. Mais especificamente, pretendeu-se avaliar a possível influência de aspectos desta filiação tal

como: freqüência à igreja, tempo de filiação à igreja, conhecimento doutrinário, freqüência anterior à igreja, relação que o respondente faz entre comportamentos cotidianos e ensinamentos da igreja, relato que o respondente faz do quanto às doutrinas da igreja o influenciam no seu cotidiano e do quanto ele as “obedece”.

Como objetivo secundário, buscou-se verificar a possível influência de características sócio-demográficas como idade, sexo, número de filhos, tempo de casamento, número de casamentos, para a ocorrência de comportamentos socialmente habilidosos no contexto conjugal.

MÉTODO

Amostra

Cerca de um terço dos respondentes religiosos foram selecionados com base em indicação de padres e pastores; o restante foi selecionado a partir de indicação dos primeiros respondentes e através de cadastros das igrejas. O grupo de respondentes sem religião foi selecionado por meio de busca da pesquisadora na universidade e uma pequena porcentagem por indicação de conhecidos e de outros respondentes. Apesar de terem sido feitas tentativas de buscas em cadastro de alunos e/ou funcionários e professores em universidades, não foi possível obter informações a respeito de filiação religiosa em nenhum dos casos, o que dificultou bastante o processo de composição da amostra. A amostra total foi de 74 casais distribuídos nos três grupos selecionados de acordo com os critérios a seguir.

Grupo 1: Sem filiação religiosa (N=48) - foram considerados os indivíduos que se declararam sem filiação religiosa ou que não freqüentavam regularmente nenhuma igreja há, no mínimo, quinze anos.

Grupo 2: Católicos (N=50) - foram considerados os indivíduos que se declararam Católicos Apostólicos Romanos, que tinham freqüentado a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) nos últimos três anos e que estavam freqüentando a Igreja pelo menos uma vez por mês. Decidiu-se escolher como recorte, neste estudo, católicos pertencentes à ICAR por se tratar da igreja com maior número de membros em nosso país e ser a igreja não reformada mais tradicional, tendo normas e valores rigidamente estabelecidas por concílios papais (confissão, sacramentos, encíclicas) pouco suscetíveis a mudanças.

Grupo 3: Presbiterianos (evangélicos; N=50) - foram considerados os indivíduos que se declararam Presbiterianos, tinham freqüentado a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) nos últimos três anos e estavam freqüentando a Igreja pelo menos uma vez por mês. A IPB foi selecionada para representar a população evangélica protestante por ser uma igreja fundada no país em 1862 (Ferreira, 1992), com 407.759 membros segundo estatística do

Supremo Concílio da IPB (Relatório da Secretaria Geral de estatística da IPB, 1999) e por ser uma igreja Reformada tradicional. Possui base doutrinária na Reforma Protestante e nos ensinamentos de João Calvino, seu sistema doutrinário é baseado na Bíblia e foi estabelecido na Inglaterra por volta de 1643.

As características da amostra total são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Características sócio-demográficas da amostra.

Variável	Níveis	Freqüência absoluta	Freqüência relativa (%)
Sexo	Feminino	74	50
	Masculino	74	50
Religião	Católica	50	33,8
	Presbiteriana	50	33,8
	Sem religião	48	32,4
Idade (anos)	20 a 34	50	33,8
	35 a 49	75	50,7
	50 a 64	22	14,9
	não respondeu	1	0,7
Grau de instrução*	2º grau completo	22	14,9
	3º grau incompleto	7	4,7
	3º grau em andamento	6	4,1
	3º grau completo	113	76,4
Nível sócio-econômico**	Classe A1	18	12,2
	Classe A2	56	37,8
	Classe B1	42	28,4
	Classe B2	24	16,2
	Classe C	8	5,4
Freqüência à igreja	Uma a duas vezes por mês	3	3
	Uma vez por semana	21	21
	Duas ou mais vezes por semana	76	76
Tempo de freqüência à igreja (anos)	0 a 9	23	23
	10 a 19	20	20
	20 a 29	25	25
	30 a 39	21	21
	40 a 49	5	5
	50 a 59	5	5
Tempo de casamento (anos)	60 a 69	1	1
	1 a 8	48	32,4
	9 a 16	52	35,1
	17 a 24	26	17,6
Casamento	25 a 32	22	14,9
	Primeiro	138	93,2
	Não é o primeiro	10	6,8
Número de filhos	0	23	15,5
	1	32	21,6
	2	62	41,9
	3	24	16,2
	4	7	4,7

* Em todos os casos, pelo menos um dos cônjuges apresentou escolaridade mínima de terceiro grau completo ou em andamento e o outro de segundo grau completo.

** A classificação sócio-econômica foi feita segundo o Critério Brasil, fornecido pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IBOPE (www.ibope.com.br)

A Tabela 1 apresenta as características da amostra estudada, sendo dividida em três grupos (sem religião, católicos e presbiterianos) com número de respondentes equilibrado para cada um deles. O número de respondentes e todos os dados coletados foram considerados individualmente, porém, destaca-se que a amostra foi constituída por casais, nos quais ambos apresentavam a mesma filiação religiosa.

A média de idade dos respondentes foi de 40,73 para homens, 38,18 para mulheres, sendo de 39,46 para amostra total, a amostra concentrou-se na faixa dos 20 aos 49 anos. A média de idade das mulheres foi mais baixa que dos homens como ocorre na maioria da população. O grau de instrução dos respondentes foi, em todos os casos, no mínimo segundo grau completo, sendo que a maioria apresentou terceiro grau completo. A classificação sócio-econômica, conforme o Critério Brasil (que divide a população nas classes A1, A2, A1, B2, C, D e E), fornecido pelo IBOPE (Anexo 6), ficou entre as classes A e C, concentrando maior número de respondentes das classes A2 e B1.

A maioria dos respondentes estava no primeiro casamento, apresentado em média 13,92 anos de casamento. O número médio de filhos foi 1,76, ou seja, entre 1 e 2 filhos.

É interessante destacar uma característica do processo de amostragem com relação à abordagem inicial dos participantes dos três grupos. Observou-se uma diferença na disponibilidade para participação na pesquisa e também na maneira de acolher a pesquisadora, apesar da mesma não ter revelado sua identidade religiosa. Do grupo de presbiterianos consultados, aproximadamente 53% não concordaram em participar da pesquisa por recusa ou impossibilidade de agendar um horário (por mais que a pesquisadora dispusesse de horários diversificados). Além deste número grande de indivíduos contatados não dispostos a participarem, a pesquisadora percebeu, em mais ou menos metade dos respondentes, certa indisposição ao responder os questionários; algumas vezes os respondentes se mostraram frios, desconfiados, apressados e desinteressados pelo trabalho.

No grupo de convidados católicos, as recusas foram de

aproximadamente 27,5%, sendo que, como no grupo de presbiterianos, alguns destes se negaram a participar e outros alegaram impossibilidade de agendar um horário. Este grupo, com relação aos presbiterianos, mostrou-se mais interessado no trabalho e mais receptivo à pesquisadora.

O grupo de respondentes sem religião, apesar da grande dificuldade de ser encontrado, foi o que menos apresentou recusas de participação. Dos convidados que apresentavam as características exigidas para este grupo, apenas cerca de 17,2% se recusaram a participar, a maioria por opção (não alegando falta de tempo). Os respondentes se mostraram bastante colaboradores e interessados no trabalho.

Em todos os casos, quando os sujeitos eram convidados a participar era-lhes anunciado o tempo previsto para preenchimento dos formulários, (uma hora para os religiosos e quinze minutos para os sem religião).

Instrumentos

- Questionário de Identificação - QI (Anexo 1): O QI teve como finalidade a seleção e descrição da amostra através de questões sobre idade, sexo, tempo de casamento, nível sócio econômico, escolaridade, filiação religiosa, tempo de freqüência à igreja entre outros.

- Questionário doutrinário – QD (Anexo 2): Este questionário constituiu-se de dez itens de múltipla escolha acerca da doutrina religiosa professada pelo sujeito. Estes itens foram elaborados levando-se em consideração a base doutrinária de cada comunidade religiosa (ICAR e IPB). Para formulação das questões foram realizadas entrevistas informais com dois pastores e dois padres da comunidade e outras pessoas conhecedoras das religiões. Nestas, foram investigados os pontos essenciais da doutrina que os fiéis deveriam conhecer e seguir. O QD não foi preenchido pelos sujeitos que se consideravam sem filiação religiosa ou que não haviam freqüentado regularmente nenhuma igreja nos últimos quinze anos.

- Inventário de Habilidades Sociais Conjugais - IHSC (Anexo 3): Este instrumento baseou-se no IHS–Del Prette (Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A., 2001) já aplicado e validado numa amostra de estudantes-universitários,

com características psicométricas satisfatórias (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998).

O IHS-Del Prette é um instrumento de auto-relato para avaliação das dimensões situacional e comportamental molar das habilidades sociais e compõe-se de duas partes. A primeira contém as instruções e uma lista de 38 itens, cada um descrevendo uma situação que envolve uma relação interpessoal e uma demanda de habilidade para reagir àquela situação. O sujeito deve estimar a frequência com que reage da forma sugerida em cada item (considerando o total de vezes que se encontrou na situação descrita) e anotar sua resposta em escala tipo *Likert*, com cinco pontos, variando de *nunca ou raramente* a *sempre ou quase sempre*. Em alguns itens há um fraseado "negativo", ou seja, pontuação mais alta define atitudes menos habilidosas socialmente, devendo-se, nestas, inverter a pontuação do para a obtenção do escore. A segunda parte do instrumento contém um cabeçalho para caracterização do respondente e um quadro para anotação das respostas, precedido por instruções e pelo modelo da escala para estimativa da frequência das respostas. Os itens do IHS-Del Prette contemplam diferentes demandas de habilidades em diferentes contextos e com diferentes interlocutores.

O IHSC é semelhante ao IHS-Del Prette, com supressão de alguns itens, acréscimo de outros e alterações em algumas formulações para torná-lo mais específico às situações próprias do relacionamento conjugal. Além disso, ele possui algumas diferenças no seu formato, apresentando-se, em uma parte, com um espaço reservado para as respostas numa coluna à frente dos itens. Dentre as demandas investigadas pelo IHS-Del Prette, a autora julgou que nem todas seriam importantes para a avaliação das habilidades sociais entre cônjuges, como, por exemplo, falar em público. Assim algumas demandas foram suprimidas no IHSC, resultando em um instrumento com 31 itens. Entre as alterações, alguns itens foram reformulados a fim de que o interlocutor fosse sempre o cônjuge, mantendo-se as habilidades a serem avaliadas.

- Questionário Doutrinário/Habilidades Sociais - QD/HS1 e 2 (Anexo 4).
Este instrumento teve como objetivo avaliar se o respondente estabelecia

alguma relação entre determinado comportamento interpessoal e a doutrina de sua igreja e, se sim, qual seria a relação. Ele constituiu-se de duas partes. A primeira (QD/HS1), formada por itens que descrevem habilidades interpessoais. Numa coluna à frente destes itens o sujeito deveria responder se ele acreditava que havia ou não relação entre a habilidade descrita e algum dos ensinamentos de sua religião. Na segunda parte (QD/HS 2) havia uma numeração correspondente a da primeira parte, e, para cada item julgado como tendo relação com os ensinamentos da igreja, o respondente deveria descrever a prescrição doutrinária de sua comunidade religiosa que relacionava aquela habilidade. O grupo sem religião não utilizou este instrumento.

Procedimento de coleta de dados

Foram realizadas visitas às igrejas (católicas e presbiterianas) para obter autorização dos líderes para realização do estudo e solicitar indicação de alguns casais. Recrutaram-se os casais de cada grupo em pelo menos quatro igrejas diferentes. Os casais foram contatados para agendamento de um encontro, na sua própria casa, onde foi realizada a aplicação dos instrumentos. Inicialmente foram entregues, assinados e recolhidos os documentos de consentimento em participar da pesquisa e foram garantidos o sigilo e anonimato das informações. A seguir, explicou-se ao casal a importância da realização de estudos deste tipo e foram fornecidas as instruções necessárias para o preenchimento. Os formulários para cada sujeito foram, então entregues, e foram respondidos nesta ordem: IHSC, QI, QD/HS1 e 2 e QD.

A aplicação dos instrumentos para o Grupo 1 (não religiosos) foi realizada da mesma forma como nos outros grupos, o casal, ou um dos membros, foi convidado a participar do estudo procedendo-se, então, de forma semelhante no restante do processo, porém respondendo somente ao IHSC e QI.

Tratamento dos dados

Foi realizada inicialmente a tabulação dos dados obtidos nos instrumentos QI, QD, IHSC e QD/HS1 e a organização dos mesmos em planilhas contendo valores dos itens de cada instrumento e escores de cada respondente. A partir destes dados, foram feitas análises estatísticas descritivas (Costa Neto, 1977) a fim de caracterizar cada grupo e análises comparativas sobre possíveis influências, em cada grupo, das variáveis em estudo (dados do IHSC e ao QD/HS1).

Na análise do instrumento IHSC, foi utilizada uma medida de consistência interna (índice Alpha de Cronbach) e foi realizada análise da estrutura fatorial (Norusis, 1988; Tabachnick & Fidell, 1966).

Com o objetivo de comparar os escores do IHSC entre os grupos de diferentes filiações religiosas foi realizada a análise de variância (ANOVA). Já a comparação entre os escores obtidos no QD/HS1 e no QD pelos dois grupos religiosos foi feita através do Teste t.

Outras variáveis como sexo, religião, escolaridade, profissão, tempo de casamento, qual casamento e frequência à igreja, também foram analisadas quanto à sua influência nos escores dos instrumentos IHSC e QD/HS1, bem como nas respostas de cada item individualmente. Para isto foram utilizados: Teste t, teste de associação χ^2 , teste de correlação de Pearson, Estatística τ de Kendall, ANOVA, Kruskal-Wallis e Mann-Whitney (Dixon & Massey, 1969).

Foram feitas, também, análises comparativas entre escores do IHSC e escores do QD/HS1, através do teste da correlação de Pearson. As respostas dos sujeitos aos itens destes dois instrumentos foram ainda, analisadas individualmente através do teste de associação χ^2 .

Outras análises estatísticas como MANOVA (Tabachnick & Fidell, 1966) e Análise de Regressão por Árvore CHAID e CHAID Exaustivo (Oliveira, 2001) foram realizadas com o objetivo de identificar possíveis variáveis preditoras de escores do IHSC.

Nos testes cujos níveis de significância não estão especificados, considerou-se um nível de 0,05.

Os dados do QD/HS 2 foram inicialmente organizados em três tipos de tabelas. Na primeira, foram digitadas as associações feitas pelos respondentes entre habilidades e ensinamentos da igreja quando isto tinha sido feito individualmente, ou seja, cada habilidade era justificada por um ou mais ensinamentos. Na segunda, várias habilidades foram associadas a um mesmo ensinamento, e na terceira foram abrangidas as respostas que agregavam as habilidades, associando-as a um apanhado geral de ensinamentos ou a um princípio "básico" aplicável a todas. Neste estudo efetuou-se a análise das tabelas tipo um apenas.

As tabelas tipo 1, uma para cada habilidade em análise, foram organizadas compondo-se as falas (com identificação do respondente e sexo do mesmo) do grupo católico à esquerda e do grupo presbiteriano à direita. Sobre estas falas foi efetuado um procedimento de descrição analítica buscando responder às seguintes questões:

- Os respondentes estão justificando o comportamento habilidoso ou o não habilidoso?
- Na justificativa, os respondentes estão de fato associando as habilidades a ensinamentos religiosos ou a regras de convivência em geral?
- Na justificativa, eles estão associando a habilidade (ou falta dela) ao relacionamento conjugal?
- O que do relacionamento conjugal está sendo associado a que tipo de ensinamento religioso?
- Há diferenças na quantidade de respondentes de uma ou outra religião que indicou a habilidade sob análise?
- Há diferença de gênero entre os dois grupos presentes nas falas registradas para a habilidade sob análise?
- Pode-se identificar alguma especificidade lingüística na forma como os dois grupos se expressaram em relação à habilidade sob análise?

RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se inicialmente os resultados gerais da amostra, referindo-se aos três grupos ou aos religiosos, dependendo do item. Em seguida, é apresentada a estrutura fatorial do IHSC, cujos resultados constituem a variável central deste estudo. Além disso, são apresentados os resultados comparativos dos três grupos no IHSC e, posteriormente, dos dois grupos religiosos (católicos e presbiterianos) no QI, QD e QD/HS1.

Segue-se a exposição dos dados de associação e correlação de variáveis da amostra (que não a religião) com os resultados dos instrumentos IHSC e QD/HS1 bem como dados comparativos entre os instrumentos. São apresentadas então, as análises de variáveis preditoras de escores do IHSC e variáveis possivelmente relacionadas aos fatores do IHSC.

Finalmente, apresentam-se as descrições analíticas elaboradas com relação aos dados qualitativos obtidos no QD/HS 2.

Dados gerais da amostra

Neste tópico serão apresentados alguns resultados gerais, sendo que, em alguns casos, foi considerada a amostra total e, em outros, apenas o grupo de respondentes religiosos (presbiterianos e católicos).

A Figura 1 mostra a frequência à igreja para a amostra de respondentes religiosos (católicos e presbiterianos) de modo geral.

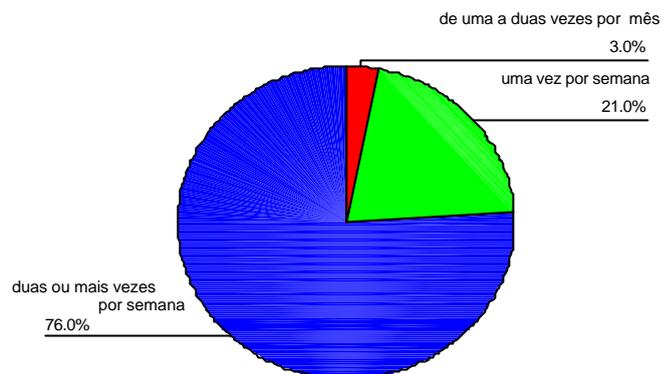


Figura 1. Freqüência à igreja para respondentes religiosos em geral.

Observa-se, na Figura 1, que a grande maioria dos respondentes tem freqüência regular de pelo menos uma vez por semana à igreja, deixando claro que são assíduos e ativos dentro de suas comunidades religiosas.

A Figura 2 mostra parte da história de freqüência à igreja, através do dado “*freqüência anterior*” para a amostra de respondentes religiosos (católicos e presbiterianos) de modo geral.

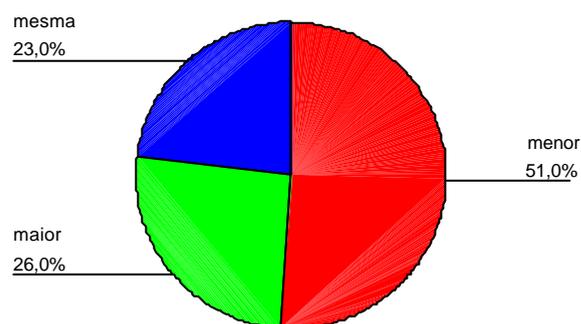


Figura 2. Freqüência anterior à igreja para respondentes religiosos em geral.

Vê-se que a maioria dos respondentes modificou sua freqüência à igreja no decorrer do tempo, no sentido de aumentá-la. Isto confirma que a amostra estudada foi composta de pessoas bastante envolvidas com sua

comunidade religiosa.

Os escores do IHSC para a amostra total estão apresentados na Figura 3.

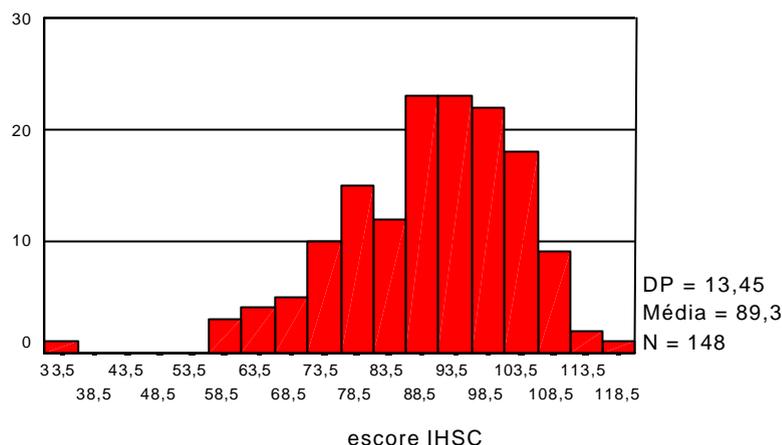


Figura 3. Distribuição do escore para IHSC na amostra geral (três grupos).

A Figura 3 mostra que o escore médio dos sujeitos no IHSC foi de 89,3, o valor mínimo foi 31 e o máximo 118. O intervalo de confiança, ao nível de 95%, para a média desse escore foi [87,07; 91,44].

Análise da estrutura fatorial do IHSC

Serão apresentados neste tópico alguns resultados dos estudos realizados para verificação das qualidades psicométricas do instrumento IHSC, iniciando-se pela análise da estrutura fatorial do instrumento e, em seguida, pelo estudo da consistência interna do mesmo.

A análise da estrutura fatorial do IHSC foi feita pelo método Alpha e Componentes Principais, com 5, 6, 7, 8, 9 e 10 fatores com itens de carga fatorial maior que 0,28. Examinando-se o resultado, optou-se por trabalhar com cinco fatores, encontrados através do método Alpha com rotação Varimax. Este, mostrou-se eficiente em agrupar os 31 itens do IHSC em cinco fatores, sendo que apenas três itens (4, 17, 28) não entraram em nenhum fator. A Tabela 2 apresenta os resultados da análise fatorial Alpha.

Tabela 2. Fatores e coeficientes encontrados na análise fatorial Alpha do IHSC.

NÚMERO DO ITEM	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3	FATOR 4	FATOR 5
IHCS 8	,667				
IHCS 1	,602				
IHCS 13	,551				
IHCS 18	,551				
IHCS 12	,529				
IHCS 22	,357				,299
IHCS 20	,356		,328		
IHCS 27	,335				
IHCS 6	,306	,624			
IHCS 21		,619			
IHCS 3		,581			
IHCS 7		,572		,312	
IHCS 16	,351	,512			
IHCS 25	,324	,415			
IHCS 10		,405			
IHCS 31		,313			
IHCS 29		,299	,616		
IHCS 23			,534		
IHCS 30			,463		
IHCS 2			,397		
IHCS 24			,380		
IHCS 14				,594	
IHCS 19	,407			,490	
IHCS 9				,460	
IHCS 11				,451	
IHCS 15					,604
IHCS 26					,541
IHCS 5		,284			-,376
IHCS 4					
IHCS 17					
IHCS 28					
Autovalores	5,723	2,346	1,972	1,825	1,712
Variância explicada pelo fator	18,461	7,567	6,361	5,886	5,522
Número de itens	8	8	5	4	3
Coeficientes alfa	0,8527	0,5928	0,5093	0,4671	0,4297

Examinando o tamanho das cargas fatoriais para cada um dos itens nos diversos fatores e considerando apenas aquelas com valor superior a 0,28, percebe-se que no primeiro fator contribuíram expressivamente 8 itens, no segundo também 8 itens, no terceiro cinco itens, no quarto quatro itens e no quinto 3 itens. O coeficiente alfa, que corresponde à consistência de cada fator variou de 0,8527 a 0,4297, indicando alto grau de validade ao IHSC.

O estudo de cada grupo de itens (fator) identificado, permitiu caracterizá-los e nomeá-los, de acordo com a natureza da habilidade social a que se referem.

O Fator 1 reúne itens nos quais se avalia a capacidade do

respondente em comunicar-se (perguntar, conversar, pedir) de forma eficaz com o cônjuge e de defender seus direitos de afirmação (expor ponto de vista, discordar, discutir), ou seja, habilidades assertivas de comunicação. Deste modo o Fator 1 foi nomeado de "comunicação assertiva".

O Fator 2 agrupa itens relacionados à expressão de sentimentos positivos (carinho, bem-estar, felicidade), de agrado (elogio, agradecimento, aprovação) e iniciativas para comportamentos desejáveis (iniciativa sexual), sendo denominado então de "expressão de sentimento positivo/agrado".

Os itens agrupados no Fator 3, avaliam habilidades assertivas (defesa de direitos pessoais, expressão de sentimentos) em situações desfavoráveis, nas quais existe um risco de reação indesejável por parte do interlocutor (cônjuge), já que o respondente estaria em desacordo com ele ou contrariando-o. Este fator foi denominado "expressão de desacordo/desagrado".

O Fator 4 inclui itens nos quais as situações descritas demandam uma certa desenvoltura social dos respondentes, desembaraço para se manifestar em ocasiões usualmente constrangedoras (encerrar conversação, agradecer elogio, solicitar mudança de comportamento de caráter sexual, expressar desagrado). Desta forma o fator foi nomeado como "desinibição/espontaneidade".

O Fator 5, denominado "controle da agressividade", reúne itens que supõe reação a estimulações potencialmente estressantes (críticas e brincadeira/gozações), demandando controle da raiva e agressividade. Um dos itens foi negativamente correlacionado com esse fator (lembrar o cônjuge de acordos comigo). Este, provavelmente, reflete uma característica de impulsividade ou impaciência, incompatível com as características de calma e autocontrole avaliadas neste fator.

Diante destes resultados, considera-se que o instrumento apresenta características favoráveis para validade dos dados e estrutura fatorial que agrupa, em conjuntos, aspectos importantes das habilidades sociais para o relacionamento conjugal.

Além da análise por fatores, avaliou-se também a consistência interna do instrumento IHSC de forma geral, encontrando-se um Alpha de Cronbach=0,807, valor que indica uma boa consistência interna. Comparando-se este resultado com o índice de consistência interna do instrumento do qual este foi adaptado (IHS-Del Prette Alpha de Cronbach=0,75) nota-se que o índice foi ligeiramente maior. Isto talvez se deva ao fato do IHSC tratar de habilidades sociais conjugais apenas, sendo portanto mais específico do que o IHS-Del Prette, que trata de habilidades sociais de forma geral. Contudo, ambos os instrumentos apresentaram bom índice de consistência interna, de acordo com a meta-análise de Peterson (1994).

Dados comparativos das três sub-amostras no IHSC

Neste segundo tópico serão apresentadas comparações estatísticas realizadas entre os resultados obtidos no IHSC pelos três grupos estudados (sem religião, presbiterianos e católicos). A partir destas análises, é possível verificar semelhanças e diferenças entre as três sub-amostras estudadas.

A Tabela 3 apresenta os escores médios do IHSC para cada grupo e os resultados da Análise de Variância.

Tabela 3. Escores médios do IHSC e análises comparativas para grupos de filiação religiosa.

Filiação religiosa	N	Média IHSC	Desvio Padrão	F (ANOVA)	p
Católica	50	88,38	13,14	,924	,399
Presbiteriana	50	88,04	11,55		
Sem religião	48	91,41	15,34		

Conforme a Tabela 3 verifica-se que os escores médios de habilidades sociais obtidos para os três grupos foram semelhantes, ou seja, que não houve diferença estatística significativa entre eles (ANOVA). Pode-se dizer que o tipo de filiação religiosa dos respondentes ou a ausência dessa filiação não teve influência sobre o escore geral obtido no IHSC.

A influência da variável religião foi analisada para cada item do IHSC individualmente, através do teste de associação χ^2 . Os resultados mostraram associação entre a variável religião e os itens 3, 15, 21 e 25 do IHSC. Apesar desta associação, o teste Kruskal-Wallis, aplicado para cada um destes itens, mostrou que somente para as respostas ao item 25 do IHSC há diferença significativa entre os três grupos de filiação religiosa ($p=0,004$). Esta diferença está representada na Figura 4.

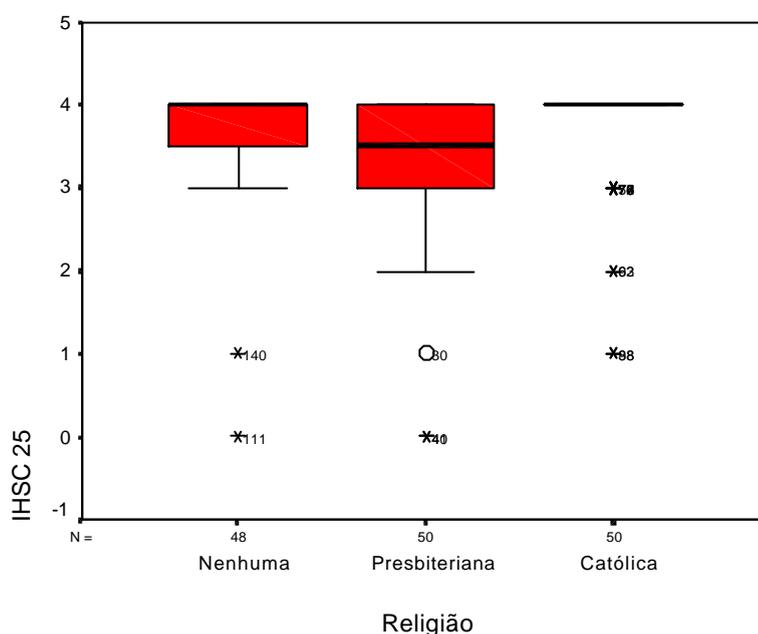


Figura 4. Frequência de respostas dos três grupos de filiação religiosa ao item 25 do IHSC (*Se estou sentindo-me bem, expresso isso para meu cônjuge*).

Vê-se na Figura 4 que há uma diferença nas medianas dos grupos de filiação religiosa, sendo que católicos e sem religião apresentam medianas mais altas enquanto que presbiterianos têm mediana menor. Isto mostra que respondentes católicos e sem religião apresentaram maior habilidade na expressão de sentimentos positivos a seus cônjuges do que respondentes presbiterianos.

Dados comparativos das duas sub-amostras no QI

São apresentados, nesta seção, alguns dados descritivos dos grupos de respondentes católicos e presbiterianos e a comparação entre eles com

relação a hábitos de freqüência à igreja e à influência sofrida pelos membros por parte da mesma.

A freqüência atual dos respondentes filiados à igreja presbiteriana e à igreja católica (Questão 7 do QI) é apresentada na Figura 5.

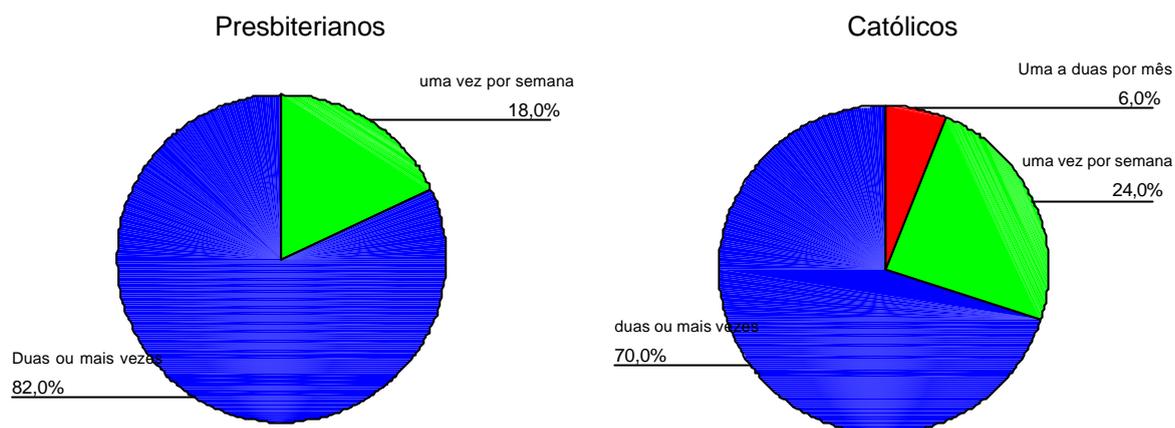


Figura 5. Freqüência à igreja dos respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).

A figura 5 mostra alta freqüência à igreja para os respondentes de ambas religiões. O teste não paramétrico Mann-Whitney mostrou que não houve diferenças significativas entre as religiões quanto à freqüência à igreja ($U=1086,500$; $Z=-1,517$; $p=0,129$).

Quando questionado (Questão 9 do QI) se a freqüência à igreja havia mudado (diminuído ou aumentado) ao longo do tempo ou se permanecia igual, encontraram-se os resultados dispostos na Figura 6.

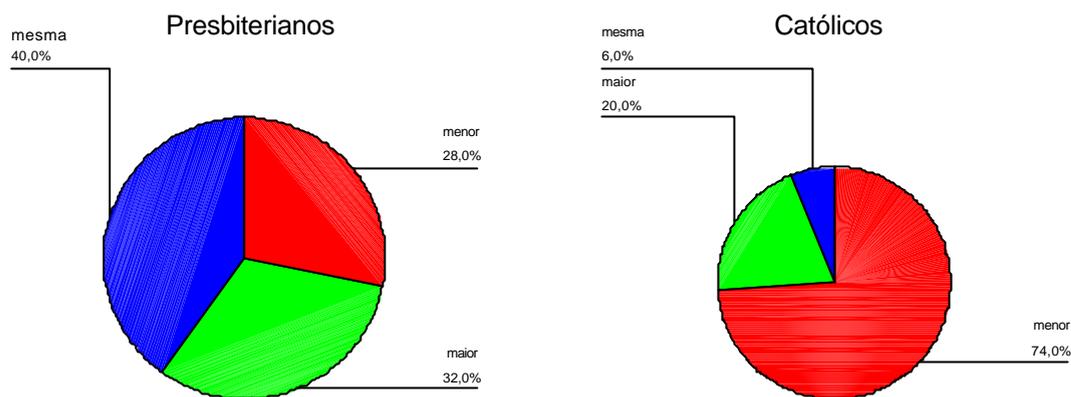


Figura 6. Freqüência “anterior” à igreja dos respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).

Nota-se, na Figura 6, diferença entre as respostas dos dois grupos religiosos, sendo que, enquanto a maioria dos respondentes católicos aumentou sua freqüência à igreja (freqüência anterior menor), os presbiterianos são bastante heterogêneos quanto a isto. De fato, através de teste não paramétrico Mann-Whitney rejeitou-se a hipótese de igualdade entre as religiões para a variável “freqüência anterior”, ($U= 599,000$; $Z=-4,903$; $p=0,000$).

Levando-se em consideração que a freqüência atual de ambos os grupos é alta, pode-se supor que os presbiterianos sempre tiveram freqüência alta, enquanto que os católicos podem estar sendo influenciados pelos movimentos recentes da igreja católica em busca de reformulações (p.e., o movimento carismático).

A Figura 7 mostra as respostas dos sujeitos sobre o quanto acreditavam ser influenciados pelos ensinamentos da igreja em suas decisões (Questão 11 do QI).

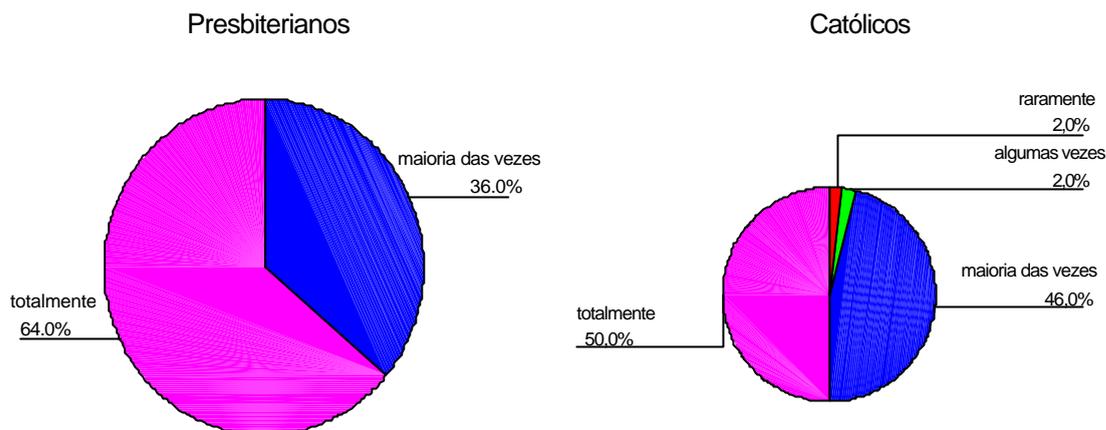


Figura 7. Influência dos ensinamentos da igreja para tomada de decisões, para os respondentes do grupo de presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).

Apesar da aparente diferença entre os grupos religiosos, o teste Mann-Whitney não rejeita a hipótese de igualdade entre as religiões para a variável em questão ($U= 1057,000$; $Z=-1,540$; $p=0,123$). Deste modo, tem-se que ambos os grupos religiosos sentem-se igualmente influenciados pelos ensinamentos de sua igreja para a tomada de decisões.

Com relação à vivência conforme os ensinamentos da igreja, os resultados estão ilustradas na Figura 8.

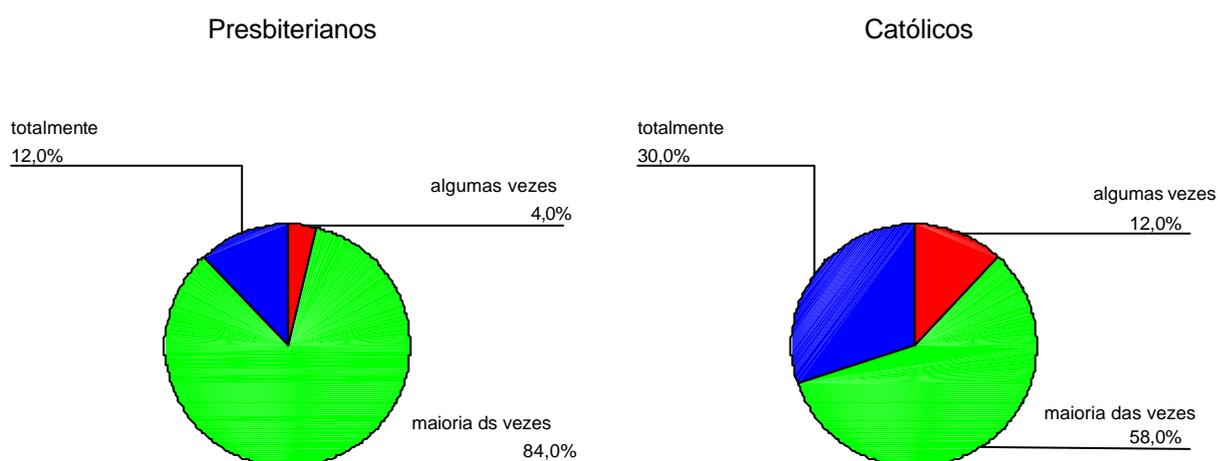


Figura 8. Vivência conforme os ensinamentos da igreja para grupo de respondentes presbiterianos (à esquerda) e católicos (à direita).

Nota-se na Figura 8 que o grupo de católicos, com relação aos

presbiterianos, apresenta menor porcentagem de respostas na faixa “maioria das vezes” e maior porcentagem na faixa “totalmente” e “algumas vezes”. O grupo de presbiterianos tem suas respostas mais concentradas na faixa “na maioria das vezes”. Porém, os resultados do teste Mann-Whitney apontam para uma igualdade entre as religiões, ($U=1122,000$; $Z=-1,110$; $p=0,267$). Pode-se concluir que a influência da comunidade doutrinária no cotidiano, relatada pelos respondentes, é igual para presbiterianos e católicos.

Dados comparativos das duas sub-amostras no QD

Neste tópico serão apresentadas comparações estatísticas realizadas entre os resultados obtidos no QD por respondentes dos dois grupos religiosos (presbiterianos e católicos).

A Figura 9 apresenta os escores obtidos pelo grupo de presbiterianos e pelo grupo de católicos no QD.

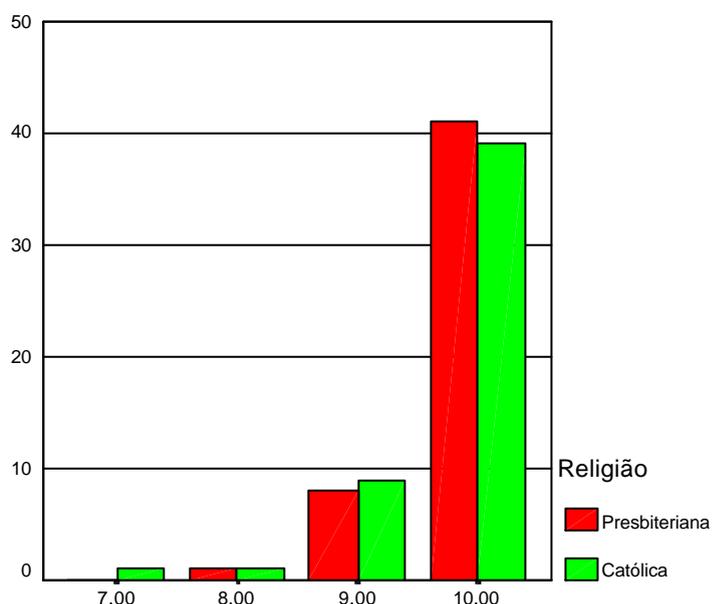


Figura 9. Escore dos respondentes dos grupos católico e presbiteriano para o QD.

Vê-se na Figura 9 que os escores dos grupos católico e presbiteriano são bem parecidos, ambos com maior concentração de respondentes no escore máximo. O escore mínimo foi 7 e o máximo 10, evidenciando que os

respondentes possuíam um alto nível de conhecimento doutrinário.

Os resultados comparativos entre respondentes católicos e presbiterianos no QD (Teste t) são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Escores médios do QD e análises comparativas para os dois grupos religiosos.

Filiação religiosa	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Presbiteriana	50	9,8	0,451		
Católica	50	9,72	0,6074	.747	.457

O teste mostra que os dois grupos não apresentaram diferença significativa no escore do QD. Desta forma, pode-se dizer que não houve diferença entre católicos e presbiterianos com relação ao seu conhecimento doutrinário.

Dados comparativos das duas sub-amostras no QD/HS1

Nesta seção, são apresentadas comparações estatísticas realizadas entre os dados obtidos no QD/HS1 dos grupos religiosos filiados à igreja Presbiteriana e filiados à igreja Católica.

Os resultados comparativos, no escore geral médio entre respondentes católicos e presbiterianos no QD/HS1 (Teste t) são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5. Escores médios do QD/HS1 e análises comparativas para os dois grupos religiosos.

Filiação religiosa	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Presbiteriana	50	14,28	4,33		
Católica	50	14,32	4,65	-,045	,931

O teste mostra que os dois grupos não apresentaram diferença significativa no escore do QD/HS1. Pode-se dizer, portanto, que não houve diferença entre católicos e presbiterianos ao relacionar os ensinamentos de suas igrejas às habilidades sociais conjugais.

Nas análises feitas item a item, os resultados do teste χ^2 mostraram forte associação ($p=0,009$) entre a variável religião e o item 19 do QD/HS1. Com

o teste Mann-Whitney constatou-se que há uma diferença significativa nas respostas deste item para os diferentes grupos religiosos ($U=925,000$; $Z=-2,613$; $p=0,009$). A Figura 10 ilustra esta diferença quanto ao item 19.

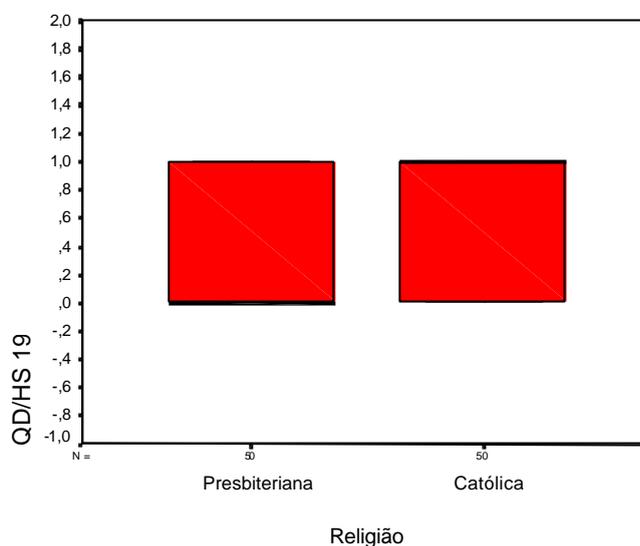


Figura 10. Frequências de respostas e medianas dos grupos religiosos (católicos e presbiterianos) ao item 19 do QD/HS1 (*Aceitar brincadeiras e/ou gozações feitas pelo meu cônjuge para comigo*).

A Figura 10 mostra uma diferença entre as medianas dos respondentes católicos e presbiterianos. Percebe-se que o grupo de presbiterianos (mediana 0) não associou os ensinamentos da igreja à habilidade de “levar na esportiva”. Já o grupo de católicos (mediana 1) associou a habilidade em questão aos ensinamentos da igreja. Isto sugere que este tipo de habilidade, provavelmente, não é ensinada e/ou valorizada pelos presbiterianos.

Dados de associação e correlação de variáveis da amostra (que não a religião) com os resultados dos instrumentos IHSC e QD/HS1

Neste tópico são apresentados resultados de análises estatísticas realizadas entre algumas variáveis da amostra (sexo, tempo de casamento, frequência à igreja, qual casamento e frequência anterior à igreja) e dados dos instrumentos IHSC e QD/HS 1.

Variáveis da amostra e IHSC

A história religiosa da amostra total de respondentes foi investigada por meio do número de anos que freqüentaram alguma igreja, tornando-se esta uma variável de estudo. A associação desta variável com o escore do IHSC (correlação de Pearson) revelou-se não significativa ($p=0,389$). A mesma análise foi feita com relação somente à amostra de não religiosos e da mesma forma, não foi encontrada associação significativa ($p=0,934$) entre história religiosa do sujeito e escore do IHSC. Portanto, os resultados mostraram que o tempo de freqüência do respondente à alguma igreja (considerado aqui como história religiosa do sujeito) não está relacionado com níveis de habilidade sociais conjugais. Contrariando a hipótese inicial deste trabalho, a religião (aqui como história religiosa) novamente aparece dissociada do nível de habilidades sociais conjugais.

Procurou-se avaliar o efeito da escolaridade e da freqüência à igreja sobre os escores do IHSC para a amostra total, através da análise de variância. Os resultados indicam que estas variáveis não produziram diferenças significativas (escolaridade: $F=1,106$; $p=0,349$ /Freqüência à igreja: $F= 1,309$; $p= ,275$).

Na análise do efeito do gênero sobre os escores do IHSC (Teste t), obteve-se $t=2,947$ e $p= 0,004$. A Figura 11 ilustra os escores médios para os dois sexos.

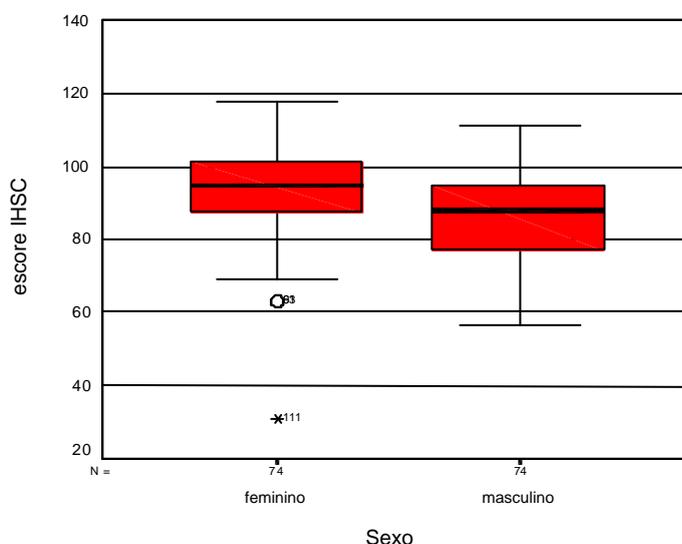


Figura 11. Escores médios no IHSC para sexo feminino e masculino.

Os resultados indicaram que o escore médio das mulheres foi significativamente maior do que o dos homens. Portanto, na amostra estudada, as mulheres se mostraram mais habilidosas que os homens com relação às habilidades sociais conjugais.

Através do mesmo procedimento (Teste t) foram comparados os grupos religiosos dentro das variáveis “qual casamento” ($t=-0,963$; $p=0,337$) e “se freqüenta a igreja” ($t= 1,385$; $p=0,177$), com relação ao escore do IHSC. Concluiu-se que não há diferença para os grupos em ambas as variáveis. Foi também verificada associação do escore do IHSC com as variáveis “tempo de casamento” ($p=-0,106$; $p=0,199$) e “tempo de freqüência à igreja” ($p=-0,092$; $p=0,365$), através da Correlação de Pearson. Os resultados mostraram que não há correlação entre estas variáveis e escore do IHSC.

A relação entre algumas variáveis da amostra e resultados no IHSC foi analisada também item a item, através do teste de associação χ^2 . Os resultados são apresentados na Tabela 6, onde aparecem os valores de p dos itens nos quais alguma associação foi obtida.

Tabela 6. Nível de significância da associação entre itens do IHSC e variáveis da amostra.

Itens do IHSC	Sexo	Tempo de casamento	Qual casamento	Se freqüenta igreja	Tipo de freqüência
1			0,000		
2			0,040		
3			0,027	0,002	
5			0,002		
8			0,003		
9					0,025
12	0,017				
13	0,040				
15					
17	0,035				
19					0,025
21					
23		0,006			
24	0,001	0,039			
25					
26	0,000			0,049	
29	0,029				
30		0,013			

A Tabela 6 mostra que vários itens do IHSC apresentaram associação

com alguma das variáveis em questão, sendo que alguns estão fortemente associados com as variáveis; "sexo", "tempo de casamento", "qual casamento" e "se freqüenta alguma igreja". Desta forma, fica claro que diferentes habilidades sociais conjugais (abordadas nos itens do IHSC) estão sendo influenciadas por variáveis que não (exclusivamente) a filiação religiosa dos respondentes.

Com relação à variável "tempo de casamento", a estatística τ de Kendall mostra uma relação negativa para com os itens 23 (*recusar-se a ter relação sexual*), 24 (*recusar-se a fazer tarefas*) e 30 (*dizer a opinião podendo ferir os sentimentos do cônjuge*) do IHSC. Ou seja, quanto maior o tempo de casamento dos respondentes, menores foram as notas obtidas nestes itens, demonstrando menores níveis de habilidades sociais nestes casos.

A Tabela 6 mostrou também forte associação entre o item 3 (*agradecer elogios*) do IHSC e a variável "freqüenta alguma igreja". Entretanto, o teste Mann-Whitney mostrou que não há diferença significativa entre as respostas dos grupos que freqüentam e que não freqüentam igreja ($U=2261,000$; $Z=-0,604$; $p=0,546$).

Com relação à variável sexo, o teste χ^2 mostrou associação com os itens do IHSC: 12 (*expressar aborrecimento*) e 13 (*expressar discordância*), referentes a habilidades de comunicação assertiva, 17 (*recusar-se a fazer tarefas*), 24 (*recusar-se a fazer tarefas*) e 29 (*manifestar desagrado*), referentes a habilidades de expressão de desacordo/desagrado e 26 (*levar na esportiva*), referente ao controle da agressividade. O teste Mann-Whitney mostrou que há diferença significativa entre as respostas dos dois sexos para todos estes itens, sendo que apenas no item 26 os homens apresentaram médias mais altas que as mulheres. Nos itens 12, 13, 17, 24 e 29 as mulheres obtiveram médias significativamente mais altas que os homens. Este resultado é coerente com a análise apresentada anteriormente, na qual mulheres apresentaram escores significativamente mais altos que os homens no IHSC como um todo.

Variáveis da amostra e QD/HS1

Através do teste de correlação de Pearson concluiu-se que não há correlação entre escore do QD/HS1 e “tempo de freqüência à igreja” para religiosos ($P=0,111$; $p=0,272$).

A análise item a item do QD/HS1, através do teste de associação χ^2 aponta uma associação significativa ($p= 0,031$) entre o item 14 (*convencer meu cônjuge de minha opinião*) e a variável “tempo de casamento” (positiva, segundo a estatística τ de Kendall). O teste Kruskal-Wallis mostra que há diferença significativa nas respostas a este item entre as diferentes faixas de tempo de casamento ($p= 0,032$). Esta diferença é representada na Figura 12.

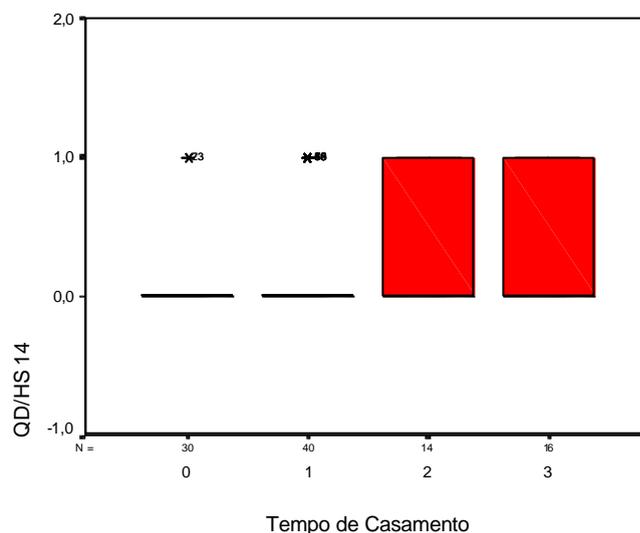


Figura 12. Frequências de respostas e medianas dos respondentes por faixas de tempo de casamento (0=[1,8]; 1=[9,16]; 2=[17,24] e 3=[25,32]) ao item 14 do QD/HS1 (*Convencer meu cônjuge de minha opinião*).

Apesar da Figura 12 mostrar medianas semelhantes entre as faixas, o teste mostra que há diferenças, portanto, quanto maior o tempo de casamento mais o indivíduo tende a associar a habilidade de persuasão para com o cônjuge com os ensinamentos da igreja.

Dados comparativos entre os resultados dos respondentes religiosos para os instrumentos IHSC e QD/HS1

Os resultados do teste de correlação de Pearson entre os escores do IHSC e QD/HS1 mostraram que não há correlação entre eles ($P=0,044$;

p=0,665). Portanto, conclui-se que o fato dos respondentes associarem ou não os ensinamentos de sua igreja às habilidades sociais conjugais, não influencia na emissão de comportamentos socialmente habilidosos por parte dos respondentes com relação a seus cônjuges.

Foi aplicado também o teste de associação χ^2 entre os itens do IHSC e itens do QD/HS1, obtendo valores de p conforme mostra a Tabela 7. Os cruzamentos de itens que aparecem sombreados na tabela são cruzamentos de itens que avaliavam a mesma habilidade no IHSC e no QD/HS1. O QD/HS1 foi construído levando-se em consideração todas as demandas avaliadas no IHSC, de forma que cada habilidade avaliada no QD/HS1 é também avaliada em um ou mais itens do IHSC, conforme a Tabela de itens equivalentes (Anexo 5).

Tabela 7. Tabela de associação χ^2 entre itens do IHSC e do QD/HS1.

QD/HS X IHSC	1	5	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	20	21
1	0,000	0,002	0,000	0,001	0,023	0,044	0,002						0,039	
2		0,041							0,019					
3						0,039								
6												0,046		
8	0,001		0,031		0,009					0,040			0,018	
9									0,015					
12										0,049				
13										0,034				0,004
14									0,020		0,029			
15	0,000		0,005		0,021	0,017	0,045		0,025				0,010	
16					0,015	0,025	0,002						0,017	
20											0,029			
21						0,033	0,040							
24									0,011					
28		0,043									0,023		0,001	
30								0,038	0,011			0,016		

Observase, na Tabela 7, associação entre vários itens do IHSC com itens do QD/HS1. O sentido desta associação foi verificado através da estatística τ de Kendall, sendo que os números em preto indicam relação positiva, ou seja, o item do IHSC e o item do QD/HS1 que estão associados, crescem juntos; os números em vermelho indicam relação negativa, ou seja, quanto maior o valor do item de IHSC, menor é o valor do item de QD/HS1. Dado o grande número de itens dos instrumentos e de possibilidades de

associações entre eles, considera-se pequeno o número de associações observadas, sendo, na maioria, associações positivas.

Com relação aos cruzamentos de itens que avaliam habilidades semelhantes (sombreados), apenas um deles apresentou associação entre itens (item 1 do IHSC com item 12 do QD/HS1), sendo esta negativa. Ou seja, respondentes que obtiveram médias mais altas no item 1 do IHSC (*No dia-a-dia converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge*) são os que menos associam esta habilidade a ensinamentos da igreja (item 12 do QD/HS1 – *Conversar abertamente com meu cônjuge*). No cruzamento dos demais itens que avaliam habilidades semelhantes não houve associação significativa. Os itens que apresentaram associação significativa, segundo a Tabela 8, avaliam habilidades diferentes. Estes resultados mostram portanto que, de modo geral, o fato de os respondentes associarem certas habilidades aos ensinamentos de sua igreja não está relacionado a médias mais altas ou mais baixas destes respondentes nestes itens e vice versa.

Análises de Regressão por Árvore

A Análise de Regressão por Árvore, através do *Chi-Square Automatic Interaction Detector-CHAID* (Kass, 1980), permitiu verificar quais variáveis da amostra total são determinantes para o escore do IHSC. Este escore foi categorizado (em quatro níveis) como variável resposta e todas as demais variáveis presentes no estudo (características da amostra investigadas pelo QI, respostas aos instrumentos QD/HS1 e QD) foram consideradas. Os valores das categorias foram [0,80], (80,91), [91, 100], [100,...). Utilizou-se um Alpha=5%, nó pai mínimo=10 e nó filho=5. Na Figura 13 encontram-se os resultados da análise.

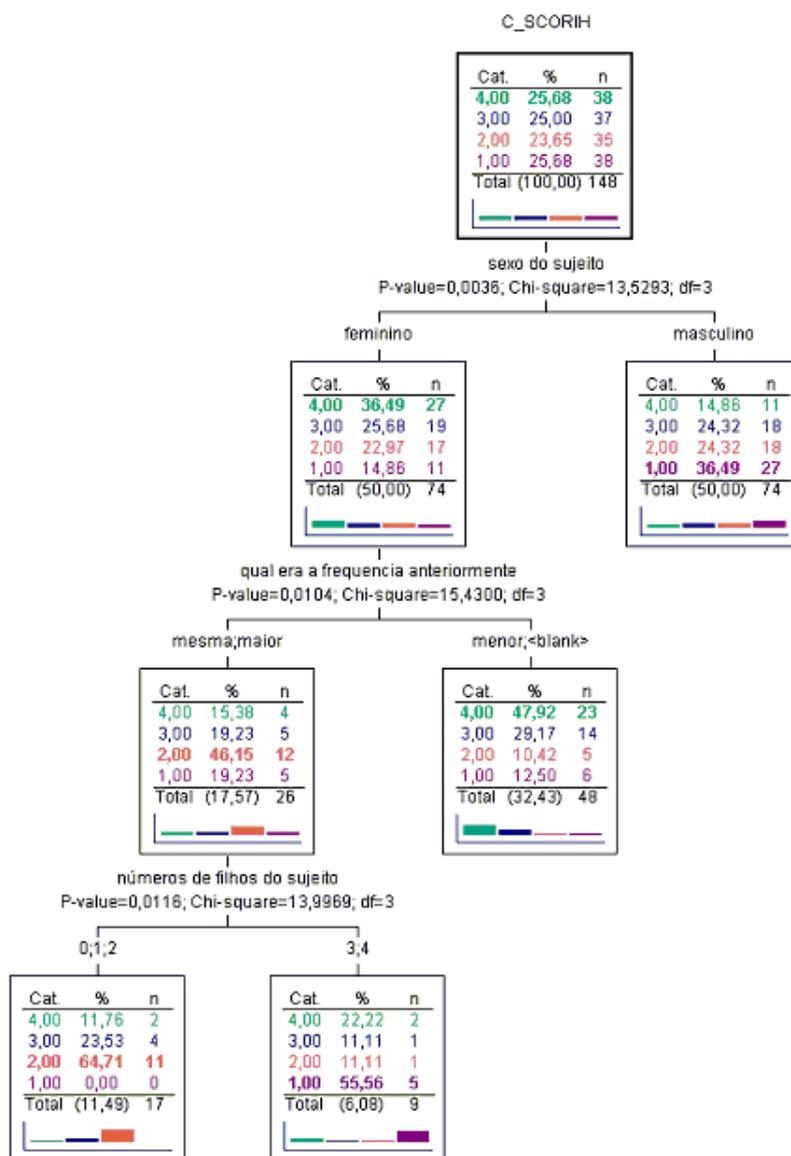


Figura 13. Análise de Regressão por Árvore (CHAID) tendo o escore categorizado do IHSC como variável resposta.

A Figura 13 mostra que a variável mais associada com o escore do IHSC é “sexo”, que divide o grupo total de indivíduos em dois grupos de tamanho 74. O grupo de homens forma o ramo de número 2. Para o grupo

de mulheres, a segunda variável mais associada ao escore do IHSC foi “Qual era a frequência anterior à igreja”, sendo que aquelas mulheres que aumentaram sua frequência à igreja ou não responderam (grupo sem religião) formam o ramo de número 4. Para o grupo de mulheres que permaneceram com a mesma frequência ou diminuíram, a variável mais associada foi o número de filhos, que forma os ramos de número 5 e 6.

Encontrou-se uma taxa de erro de classificação para esta árvore, de 0,55 com o método de Re-substituição e 0,61 com o método de Validação Cruzada. Na construção de outra árvore pelo Método CHAID Exaustivo encontrou-se taxa de má classificação semelhante a esta, portanto, apesar da possibilidade da ocorrência de falso positivo ou falso negativo, o modelo da análise de regressão por árvore pode ser utilizado neste caso. As interpretações destes resultados devem ser feitas com cautela e suplementadas com outros estudos.

A Tabela 8 mostra os ganhos de cada ramo para o nível 1, ou seja, a sua força de predição de escores mais baixos no IHSC.

Tabela 8. Ganhos dos ramos para predizer escores mais baixos no IHSC.

Ramo	N	N (%)	Nº de respostas	% de respostas	Ganho (%)	Index (%)
6	9	6,08	5	13,16	55,55556	216,3743
2	74	50	27	71,05	36,48649	142,1053
4	48	32,43	6	15,79	12,5	48,68421
5	17	11,49	0	0	0	0

Fica claro que o ramo 6, ou seja, mulheres que diminuíram sua frequência à igreja e que possuem três filhos ou mais, apresenta maior poder de previsão para escores inferiores. Desta forma, pode-se dizer que, provavelmente, pessoas com estas características podem apresentar dificuldades interpessoais no seu relacionamento conjugal mais do que outras.

Já o ramo 5 mostrou-se o mais fraco para prever este tipo de escore, mostrando que uma variável crítica neste caso é a quantidade de filhos.

A Tabela 9 indica os ganhos de cada ramo para o nível 4, ou seja, a sua força de predição de escores mais altos no IHSC.

Tabela 9. Ganhos dos ramos para prever escores mais altos no IHSC.

Ramo	N	N (%)	Nº de respostas	% de respostas	Ganho (%)	Index (%)
4	48	32,43	23	60,53	47,91667	186,6228
6	9	6,08	2	5,26	22,22222	86,54971
2	74	50	11	28,95	14,86486	57,89474
5	17	11,49	2	5,26	11,76471	45,82043

O ramo 4 é o que mais fortemente prevê escores máximos, ou seja, mulheres que aumentaram sua freqüência à igreja ou sem religião tendem a apresentar escores máximos no IHSC. Pode-se dizer que estas pessoas provavelmente apresentarão maior freqüência de comportamentos socialmente habilidosos do que outras sem estas características.

O ramo 5 é o mais fraco para prever escores mais altos no IHSC. Assim, mulheres que diminuíram sua freqüência à igreja com até dois filhos não deverão apresentar níveis máximos de habilidades sociais. Através das Tabelas 8 e 9 percebe-se que o ramo cinco prevê respostas mais próximas da média do que nos extremos.

Esta análise não discrimina as diferentes filiações religiosas, apenas sugere um efeito localizado para mulheres sem religião semelhante ao caso das mulheres que aumentaram sua freqüência à igreja (independente da religião).

A Análise de Regressão por Árvore, por CHAID Exaustivo, confirmou as tendências apontadas na regressão por Árvore por CHAID. Da mesma forma que neste, o IHSC foi categorizado (em quatro níveis) como variável resposta e todas as demais variáveis presentes no estudo (características da amostra investigadas pelo QI, respostas aos instrumentos QD/HS1 e QD) foram consideradas. Utilizou-se um Alpha=5%, nó pai mínimo=10 e nó filho=5. Os resultados encontrados foram bastante semelhantes aos apresentados anteriormente, dispensado-se aqui sua apresentação.

Análise de variância para os fatores do IHSC - MANOVA - ANOVA

Nesta seção será apresentada a análise de variância multivariada e univariada para os fatores do IHSC. Os fatores encontrados através da

Análise Fatorial (apresentada anteriormente) são considerados variáveis independentes, portanto as análises multivariada e univariada são válidas.

Os resultados da análise multivariada (MANOVA), levando em conta o vetor de fatores, mostraram que a religião não é significativa, ou seja, as três religiões não diferem com relação aos valores dos cinco fatores em conjunto.

Já a variável sexo é significativa para o vetor de fatores ($p=0,000$). Isso significa que há diferença entre sexos com relação aos valores dos 5 fatores. Isto confirma os dados anteriormente apresentados nos quais o sexo se mostrou uma variável importante para determinar o nível de habilidades. A interação entre sexo e religião não é significativa, como era de se esperar devido a não significância do efeito principal religião.

Levando em consideração cada fator individualmente os resultados da análise univariada (ANOVA) mostraram que a religião é quase significativa apenas para o Fator 5, ao nível 0,057. Os testes de Bonferroni e Tukey indicam, para esse fator, que há diferença entre católicos e presbiterianos. A religião não é significativa para os demais fatores.

A Figura 14 ilustra a diferença entre as médias estimadas para o Fator 5, em ambos os sexos, para os três grupos de filiação religiosa (0=sem religião, 1=presbiterianos, 2=católicos).

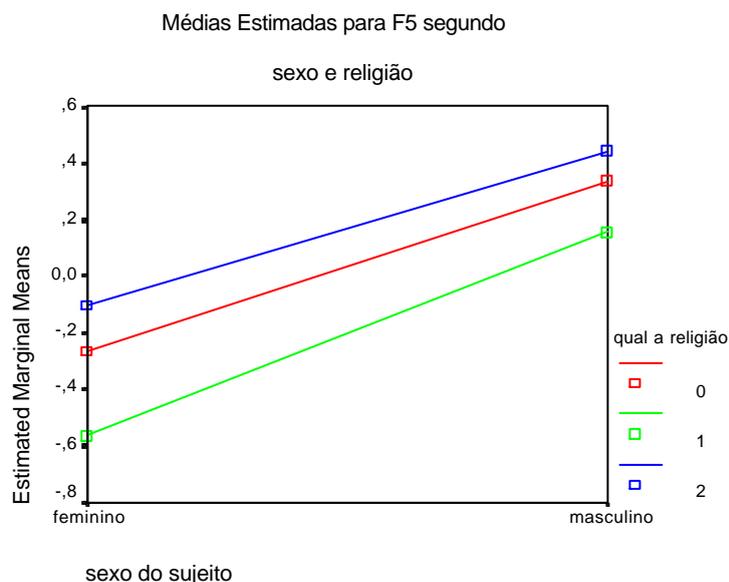


Figura 14. Média estimada dos três grupos religiosos, de ambos os sexos, para o Fator 5.

A Figura 14 mostra que as médias do grupo de católicos são as mais altas e do grupo de presbiterianos as mais baixas. O grupo de não religiosos encontra-se numa posição intermediária. Já que o Fator 5 refere-se a *habilidades de controle da agressividade*, entende-se que presbiterianos têm mais dificuldade neste aspecto do que católicos ou pessoas sem religião; já os católicos têm maior habilidade neste Fator do que presbiterianos ou pessoas sem religião.

O sexo é altamente significativo para o Fator 5 ao nível de 0,001. A Figura 15 ilustra a diferença de média estimada para o fator 5, entre os sexos para os três grupos de filiação religiosa (0=sem religião, 1=presbiterianos, 2=católicos).

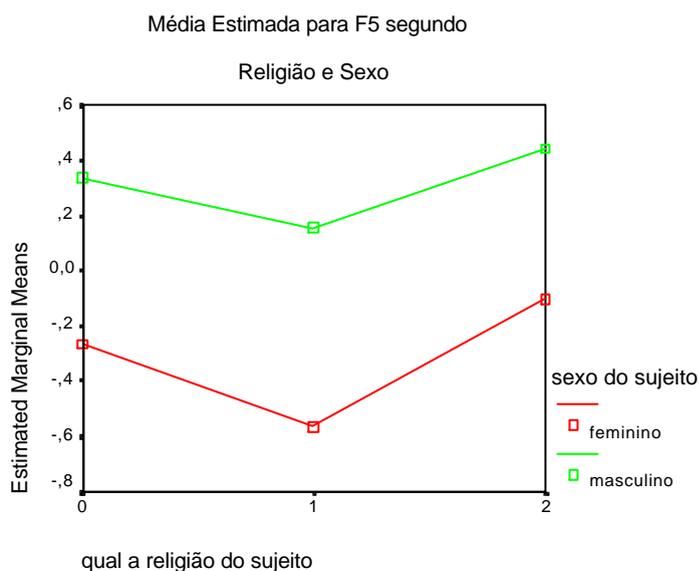
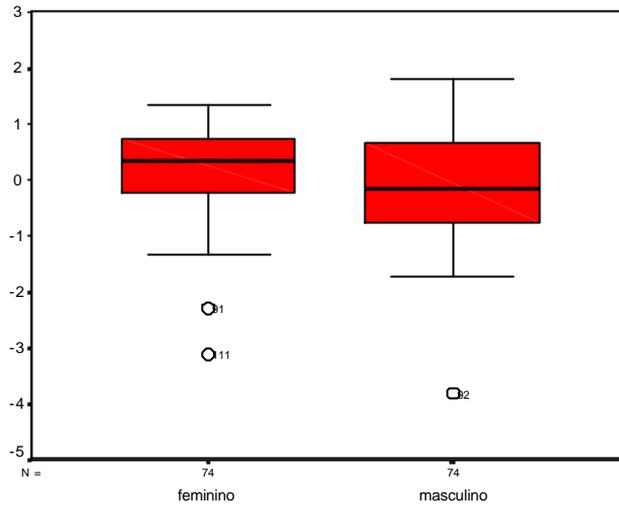


Figura 15. Média estimada para o Fator 5 para os sexos feminino e masculino nos três grupos religiosos.

A Figura 15 mostra que os homens são mais habilidosos para o Fator 5, ou seja, no autocontrole da agressividade. Isto confirma os dados das análises estatísticas a respeito da diferença entre sexos, anteriormente apresentados neste trabalho, nos quais homens mostraram-se mais habilidosos que mulheres especificamente e exclusivamente nas questões do IHSC que tratavam de autocontrole da agressividade.

Para o Fator 1 e Fator 2, o sexo é quase significativo (0,07) ou

aproximadamente significativo ao nível de 0,05. Para os demais fatores (3 e 4) o sexo não é significativo. As interações entre Religião e Sexo não são significativas. A Figura 16 mostra a média estimada para homens e mulheres



no o Fator 1.

Figura 16. Média estimada para o Fator 1 para os sexos feminino e masculino.

A Figura 16, confirmando dados apresentados anteriormente, mostra que a média estimada das mulheres para o Fator 1 é mais alta que a dos homens. Reafirma-se, portanto, que, com relação à comunicação assertiva as mulheres têm se mostrado mais habilidosas que os homens.

A Figura 17 mostra a média estimada de homens e mulheres para o Fator 2.

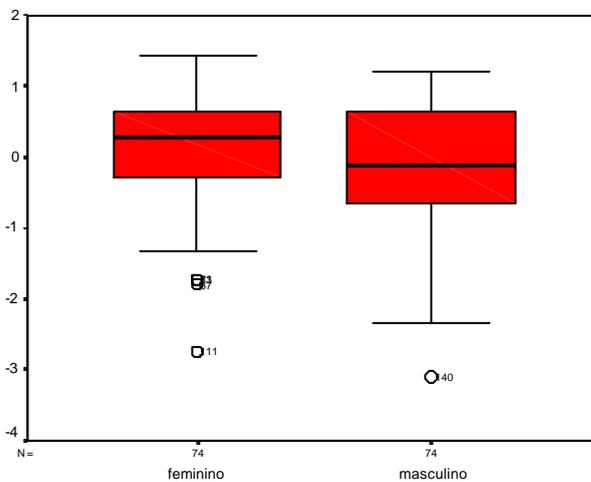


Figura 17. Média estimada para o Fator 2 para os sexos feminino e masculino.

A Figura 17 apresenta médias estimadas para o Fator 2, sendo mais elevadas para o sexo feminino do que para o sexo masculino. Portanto, mulheres mostraram-se mais habilidosas com relação à expressão de sentimento positivo do que os homens.

Resultados qualitativos

Nesta seção serão apresentados dados qualitativos obtidos através do QD/HS 2, no qual os respondentes relataram o que julgaram ser ensinamentos de sua igreja, relacionado-os às habilidades sociais conjugais.

Para cada uma das habilidades relacionadas a ensinamentos religiosos será apresentada uma tabela contendo, do lado esquerdo, as falas dos católicos e, do lado direito, dos presbiterianos. Estas respostas a cada item serão então examinadas e discutidas.

Tabela 10. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *fazer elogios ao cônjuge* (item 1).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
A igreja ensina que a indiferença ou a falta de elogios prejudica o relacionamento (16M ⁶)	Amar ao cônjuge e demonstrar esse amor (2H ⁷)
Amar o próximo como a mim mesma (39M)	Maneira de agradar, ter mais afinidade, união (4H)
Saber valorizar as qualidades da pessoa (40M)	Devemos dar rosas para as pessoas enquanto estão vivas (7M)
Amar o irmão como a nós mesmos e fazer aquilo que também nos agrada (42H)	Devo elogiá-lo para que se sinta seguro como líder (11M)
Elevar a estima da pessoa amada (43H)	Devemos amar as nossas esposas (10H)
Demonstração de amor (45M)	Amar as esposas (18H)
Sempre, aceitando seus defeitos (47M)	Demonstrar amor (25M)
O elogio engrandece aquela que passou a ser uma só carne comigo, portanto engrandece o matrimônio (47H)	É preciso regar sempre o amor para um bom relacionamento. Um elogio agrada qualquer pessoa, quanto mais a pessoa que amamos e que escolhemos para cônjuge (cada um considere o outro superior a si mesmo) (12M)
Todo elogio edifica, a outra pessoa sente-se recompensada, e isso fortalece o relacionamento (52M).	Os ensinamentos bíblicos adotados e expostos por minha igreja nos levam a tomar atitudes e posicionamentos no lar, em conjunto com meu cônjuge, que fatalmente propiciam um equilíbrio de nossos sentimentos humanos, e nos levam também a uma dependência de Deus. Diante disso, podemos afirmar que a atitude chave para o sucesso nessa área de muitos conflitos é: "Confiar e descansar no Senhor". (21H)
	É muito legal receber meus elogios, por isso eu o faço. Aprendi a fazer isso. (15H)
	Bom porque afirma sua auto-estima (26M)
	Elogio é valorizar a pessoa que amamos (51H)

De forma geral, todos os relatos apontam concordância com a prática de elogiar, sendo que, a maioria dos respondentes, associou esta prática ao *ensinamento de amor ao próximo*, ou seja, elogiar seria uma forma de demonstrar amor (C⁸/39M, C/42H, C/45M, P⁹/2H, P/10H, P/12M, P/18H, P/25M). O elogio foi apontado também como forma de valorização e aceitação do cônjuge (C/40M, P/51H). Alguns respondentes consideraram a prática de elogiar como algo que pode beneficiar o relacionamento

6. Em toda esta seção a letra M representa a fala de mulheres.

7. Em toda esta seção a letra H representa a fala de homens.

8. Em toda esta seção a letra C representa falas de respondentes católicos.

9. Em toda esta seção a letra P representa falas de respondentes presbiterianos.

conjugal usando termos como *fortalece, engrandece, une, aproxima* (C/16M, C/47M, C/52M, P/4M, P/12M, P/21H).

Além do benefício ao relacionamento conjugal, o elogio foi apontado como algo que *faz bem ao outro* porque eleva a auto-estima, engrandece, agrada (C/43H, C/47H, P/15H, P/26M). Uma das respondentes presbiterianas (P/11M) cita a questão da autoridade do marido, colocando o elogio como uma forma de fazer com que ele se sinta seguro como líder.

Percebe-se uma diferença entre as respostas de católicos e presbiterianos: nas respostas destes aparece mais a palavra "dever", levando a supor uma maior influência da religião sobre suas vidas. Outra diferença percebida é que os católicos parecem entender o elogio como bom para o outro, enquanto que, no caso dos presbiterianos, mais deles entendem o elogio como algo que fazem em cumprimento de normas religiosas.

Tabela 11. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *aceitar e agradecer elogios feitos pelo cônjuge* (item 2).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Agradecer é uma forma de expressar a sua satisfação de ter sido notada (16M)	Ser amável, doce e grato às pessoas (2M)
Uma maneira de valorizar o cônjuge e o indivíduo. Dar um caráter mais valorizado á união e demonstrar a alegria da presença do outro. Viver e vivenciar a alegria da hospitalidade, do bem viver (32H)	O "amar ao próximo como a si mesmo" fala da necessidade do amor o próprio como referência ao amar ao outro: é necessário saber amar-se e aceitar com alegria os elogios feitos por ele (12M)
Aprendi a gratidão (36H)	E bom ser v alorizado (51H)
Sobre reconhecer-me como pessoa (40M)	Devemos retribuir tudo que recebemos de outras pessoas (7M)
Desde que estes elogios não contribuam para o orgulho, mas sejam alimentos para o amor próprio e auto-estima (42H)	Se valorizo os elogios, passo para ele o quanto é importante recebe-los (11M)
Reconhecer a pessoa (43H)	Faz parte do amar as esposas (10H)
Educação (45M)	Aceitar o amor do cônjuge (2H)
Aceitando de forma amável (47M)	Atos de carinho (25M)
Ser recíproco (47H)	Ser cordial (18H)
Da mesma forma que no item um, fortalece o relacionamento (52M)	Devemos estar atentos a agradecer os elogios (15H)
	Bom porque demonstra que você gostou (26M)
	Poder observar onde estamos sendo agradáveis quando recebemos o elogio e agradecer para mostrar (demonstrar) que também necessitamos dele (51M)
	Todos gostam de receber elogios, devemos aprender a agradecer (4H)

Pode-se verificar que, com exceção de P/12M, os respondentes relacionaram mais esse item à qualidade das relações conjugais, à boa educação e à autovalorização do que a ensinamentos religiosos. Assim, referem-se à valorização do cônjuge e da união (C/32H), ao fortalecimento da relação (C/52M) e à expressão de amor pelo e ao cônjuge (P/2H e P/10H).

Em termos de boa educação, valorizaram a gratidão, importante por si só (C/36H) ou como forma de reciprocidade (P/7M), cordialidade e amabilidade com as pessoas (C/47M, P/51M, P/25M, P/4H, P/2M). Finalmente, focalizando a autovalorização, alguns respondentes de ambos os grupos (C/40M, C/42H, P/51H, P/2H) apontaram mais especificamente a questão da aceitação do elogio, julgando-a uma forma de reconhecer o próprio valor como pessoa e de sentir-se valorizado pelo outro. Nada foi encontrado que diferenciasse as respostas de presbiterianos e católicos.

Tabela 12. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade *de dizer não ao cônjuge quando este pede para fazer tarefas que são dele* (item 3).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Ser justo, buscar um equilíbrio; exortar, correção fraterna (16H)	Aprendi que é bom ajudar os outros naquilo que for possível (26M)
Aprendi a doa ção (36H)	A Bíblia diz que ele é o líder do lar e deve agir como tal, não posso passar na frente dele (11M)
Doa ção (42H)	O amor é para ser compartilhado mutuamente em todos os seus aspectos: fazer a tarefa do outro é anular-se e isso não é sinal de respeito (12M)
	Papel de esposo no lar – o marido é o cabeça , assim como cristo é o cabeça da igreja (9H)
	Cada um é responsável por suas obrigações , apesar de muitas vezes dividirmos as cargas (51H)

Com relação à recusa de pedidos irrazoáveis, os católicos foram bastante lacônicos, pois apenas três fizeram relação e, ainda, apenas um foi mais explicativo, ao contrário dos presbiterianos que foram mais eloqüentes no estabelecimento dessas relações (pelo número de respondentes e pelo conteúdo das falas).

Chamou a atenção o fato de que alguns respondentes, de ambos os

grupos, (C/36H, C/42H, P/9H, P/11M, P/26M) estabeleceram relação entre *aceitar pedidos irrazoáveis* e ensinamentos de sua doutrina, ou seja, buscaram na doutrina argumentos para agirem de forma pouco assertiva. Aqui há uma diferença interessante entre católicos e presbiterianos pois, enquanto os primeiros (C/36F, C/16H) se referem genericamente à “doação” sem relacioná-la à situação conjugal, os presbiterianos (P/9H, P/11M, P/26M) fazem essa associação colocando o marido em condição de líder ao qual é permitido fazer tais pedidos e ser obedecido, baseando-se em ensinamentos de regras de conduta para papéis sexuais aparentemente mais rígidos.

Considerando os respondentes assertivos, que relacionaram a recusa a *pedidos irrazoáveis* a ensinamentos religiosos, um respondente católico associou tal desempenho ao exercício de justiça e busca de equilíbrio (C/16H) de forma genérica, ou seja, sem necessariamente referir-se ao relacionamento conjugal. Já dois presbiterianos justificaram a recusa em termos de respeito mútuo (P/12M) e de responsabilidade (P/51H), ambos contextualizados para a relação conjugal.

Tabela 13. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *expor ponto de vista para o cônjuge discordado dele* (item 4).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Cada um tem uma opinião (8M)	Ninguém sabe tudo, é conversando que a gente chega num consenso (4H)
Para evitar desentendimentos(16M)	Ser verdadeiro com as esposas (18H)
Ser livre, sincero, falar sempre a verdade (16H)	O diálogo é necessário para a harmonia do lar (51H)
Ajuda a discernir melhor o ponto de vista de cada um mesmo havendo diferença de práticas de vida (28H)	Importante expor meu ponto de vista mesmo discordando dele, mas respeitando o ponto de vista dele (26M)
É importante, o meu cônjuge saber que também tenho minhas opiniões e idéias (41M)	Aprendi que devemos ter comunicação para que um saiba o que o outro pensa e senti (11M)
Sempre ter diálogo franco e “aberto”, sendo isto feito sempre com muito amor e carinho (43M)	Deve-se sentar e conversar mesmo quando há divergências, para resolver algumas questões (7M)
Quando não houver concordância, compreender suas opiniões (47M)	Ter compreensão, longaminidade um para com o outro (49M)
É bom para que ele saiba que cada um tem pensamentos e opiniões diferentes uns dos outros, e assim para aprendermos a nos respeitar (28M)	

Percebeu-se neste item um número bem maior de respondentes católicos do sexo feminino do que do sexo masculino, podendo-se supor que as mulheres, por se apresentarem mais habilidosas neste sentido (conforme resultados quantitativos apresentados anteriormente) procuraram também justificar mais seu comportamento socialmente habilidoso. A maioria dos respondentes católicos (8M, 28M, 28H, 41M) e um dos presbiterianos (11M), apontaram como necessário o comportamento de expor ponto de vista contrário, baseados na concepção de que existe diferença entre os cônjuges (suas opiniões, práticas de vida e maneira de pensar). Pode-se perceber que esta concepção é baseada em princípios da psicologia e até mesmo de senso comum, portanto, não é um ensinamento religioso. Já outros dois dos respondentes (C/16H, P/18H) apontaram como justificativa para o comportamento assertivo, a questão da verdade, sinceridade, elementos que, provavelmente, são ensinamentos da igreja. Alguns respondentes (P/4H, P/7M, P/51H, C/47M) apontaram a exposição do ponto de vista como sendo importante para o relacionamento, à medida que, através dela, os cônjuges poderão resolver problemas e melhorar a qualidade do relacionamento. Com relação à respondente C/16M, não foi possível enquadrá-la em nenhuma das categorias, visto que a posição apontada por ela (evitar desentendimentos) não possibilita uma análise sobre sua concordância ou discordância a respeito do uso da habilidade.

Foi possível observar que os respondentes presbiterianos mostraram-se mais preocupados com o aspecto funcional da exposição do ponto de vista, que seria a harmonia conjugal e a resolução de problemas (4H, 7M, 26M, 51H). Já os católicos, evidenciaram mais uma preocupação com a sinceridade e compreensão/aceitação das divergências (8M, 16H, 28M, 41M, 43M, 47M). Desta forma, conclui-se que os respondentes presbiterianos apresentaram comportamentos que demonstram assertividade no relacionamento conjugal, enquanto que os respondentes católicos apresentaram uma posição mais relacionada com a aceitação e compreensão, beirando à passividade, à medida que buscam evitar qualquer possibilidade de conflito com o cônjuge.

Tabela 14. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *aceitar e responder às críticas feitas pelo cônjuge* (item 5).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
A igreja prega que devemos ser sinceros (16M)	As vezes a crítica é construtiva, leva-nos a aprender algo (4H)
Ser humilde, dialogar, procurar um crescimento pessoal e conjugal, ser paciente, perdoar (16H)	Ser submissa ao meu marido (1M)
Com críticas aprendemos a não errarmos ou talvez tentamos fazer o certo para não errar e também se defender das críticas ou aceita-las (28M)	Devemos ter humildade e mansidão para aceitar o que os outros vêem em nós que fazemos errado (7M)
Obedecer, ser submissa (47M)	Aceitar as pessoas como ela são (7H)
Muitas vezes, temos que reconhecer que estamos errados , pois afinal somos pecadores, e quando um irmão (em Cristo) nos adverte é para nosso crescimento (52M)	As "críticas" permitem que conheçamos o ponto de vista do outro: podem servir de exortação em algum ponto ou área de relaxamos na vida matrimonial ou qualquer outra, e serve para nossa "transformação"... "para agradar ao marido e vice-versa" (12M)
Fidelidade, respeito ao próximo (55M)	Somos humanos, sujeitos a erros (10H)
	Devo aceitar as críticas, pois elas nos fazem crescer (11M)
	Aquilo que devemos aceitar, servirá para nossa correção (15H)
	Aceitar críticas, sem responder (26M)
	Só através de diálogo que podemos nos entender (27M)
	Desde que as críticas procedam (51H)

Mais uma vez observou-se que, no caso dos católicos, a maioria dos respondentes a apresentar associação foi mulheres, o que é mais equilibrado no caso dos presbiterianos.

Notou-se nas respostas a este item, que a maioria dos respondentes se referiu a fazer e aceitar críticas e, com exceção de P/51H, ninguém cogitou que poderia ser alvo de uma crítica indevida e, nesse caso, rejeitá-la. Isto pode demonstrar uma dificuldade dos respondentes em assumir que seu cônjuge poderia vir a ser injusto com ele, comportando-se de forma contrária ao que seria esperado segundo os padrões que seguem. Desta forma, acredita-se que os indivíduos podem, inclusive, estar despreparados para lidar com críticas dos cônjuges que lhes pareçam inadequadas, mostrando um déficit de habilidades nesta área. Observa-se também que há uma diferença no número de respondentes católicos e presbiterianos neste item, sendo que estes últimos apresentaram o dobro de respostas.

A maioria dos respondentes, de ambas as filiações religiosas,

relacionaram a habilidade de aceitar e responder críticas a *ensinamentos das igrejas*. Dentre estes, apareceram o ensinamento da submissão (P/1M e C/47M), que justificaria a aceitação de críticas do esposo pela mulher. Também foi citado o ensinamento sobre a importância de exortar, corrigir o outro através da crítica e como no caso da submissão, aceitar esta correção com humildade (P/7M, P/12M, P/15H, C/16H, C/52M, C/28M). Foi, ainda, apontado o ensinamento sobre o dever de ser sincero (C/16M). Alguns respondentes (C/16H, P/4H, P/11M) relacionaram justificativas não religiosas para aceitação da crítica, encarando-a como forma de aprendizado e crescimento. Por fim, um respondente (P/27M) relatou que as críticas são importantes para o relacionamento pois, “é através delas que o casal pode se entender”.

Como citado inicialmente, a maioria das respostas associou a habilidade de aceitar críticas a ensinamentos que incentivam uma posição de aceitação passiva, que por vezes pode ser funcional (se a crítica for realmente aceitável, compreendida e aceita pelo cônjuge), porém outras vezes pode refletir a inabilidade dos respondentes em lidar com questões que envolvem uma discordância para com o cônjuge.

Tabela 15. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *expressar desagrado ao cônjuge quando há discordância* (item 6).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Temos que dialogar para que o fato não se repita (8M)	Desde que seja procedente, são importantes as opiniões (51H)
Ser sincero, falar a verdade (16H)	Temos que expor o ponto de vista e explicar que provavelmente ela está errada e mostrar onde está o erro e como mudá-lo (10H)
Quando abusa dos ensinamentos da igreja, dizendo que Deus não existe, que Deus castiga etc.. (19M)	Não devo guardar para mim o que me desagrada com relação aos irmãos da igreja e muito menos com o meu marido (11M)
	Expressar meu desagrado sim, mas de maneira a mostrar que as vezes uma palavra ou atitude impensada pode prejudicar no relacionamento(4H)

Respondentes de ambas as religiões apresentaram argumentos que apóiam a expressão de desagrado ao cônjuge. Os respondentes católicos basearam-se em *ensinamentos doutrinários* relacionados a dizer sempre a

verdade sendo sincero (8M, 16H); já os presbiterianos apoiaram o uso da habilidade como forma de melhorar o relacionamento do casal através da correção de alguma falha do outro (4H, 10H, 51H), destacando assim o *aspecto funcional* de aceitar críticas. Portanto, pode ser observado neste item uma diferença entre respondentes presbiterianos e católicos. Apenas um dos presbiterianos (11M) citou um *ensinamento da igreja*, segundo o qual, o indivíduo não deve guardar para si o que desagrada mas expressar para o outro. A resposta do sujeito 19M não foi considerada por não ter sido entendida como pertinente ao item.

Tabela 16. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *expor opinião para o cônjuge podendo magoá-lo* (item 7).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Corrigir, exortar e ensinar o próximo (39M)	Ser sincero e verdadeiro com o cônjuge (2H)
Diálogo entre os dois (47M)	Falar sempre a verdade , mesmo quando for duro (9M)
"Sereis uma só carne". Nós não queremos que nossa própria carne sofra. Daí a necessidade de, com amor, delicadeza e carinho, expor meu ponto de vista (52H)	Todos devem opinar, mesmo que magoe o cônjuge, mas com educação e respeito (4H)
	Devemos falar a verdade em qualquer circunstância (repreender com amor) (10H)
	Se não expressei minha opinião, não estou sendo verdadeira (11M)
	Para que ele conheça também a minha opinião , isto não significa se vou continuar com a mesma opinião (27M)
	Muitas vezes temos que ouvirmos a verdade (51H)

Observou-se que o número de respondentes presbiterianos foi bem maior que o número de católicos, sendo esta uma habilidade sobre a qual, provavelmente, os católicos não conhecem a posição da igreja. Dois tipos de *ensinamentos doutrinários* foram associados à habilidade de exposição de opinião. Um deles, apontado por presbiterianos, foi o ensinamento sobre o dever de ser verdadeiro e sincero (2H, 9M, 10H, 11M, 51H). Outro ensinamento apontado por respondentes de ambas religiões foi o de exortar e corrigir (C/39M, P/10H). Alguns respondentes (C/47M, C/52H, P/27M) relataram que expressar opinião divergente de forma delicada e respeitosa é *importante para o relacionamento*.

Tabela 17. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *expor sentimentos de alegria e satisfação ao cônjuge* (item 8).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Necessidade de se ter uma família estável e cristã expressando felicidade, alegria (8H)	"Se estás alegre, cante louvores" como o casal é uma só carne perante o Senhor, deve-se repartir as alegrias uns aos outros (1H)
É preciso ser autêntico (16M)	Partilhar tanto as alegrias como as tristezas (2H)
Partilhar (16H)	Chorar com os que choram, sorrir com os que sorriem (compartilhar) (3H)
Viver a alegria (dom de Deus) (34H)	Somos uma só carne, a alegria deve ser mútua (4H)
Partilhar (39M)	Dividir as alegrias e as cargas com outras pessoas (7H)
Deus nos dá motivos para nos degrarmos e nos regozijarmos, nada melhor que partilhar estes momentos (42H)	Devo expressar minha alegria por coisas pequenas e não ficar dando importância para outras coisas que são desagradáveis (11M)
Agradecer a vitória diária (43H)	Devemos rir com os que riem (10H)
Diálogo entre os dois, respeito (47M)	Sinceros uns para com os outros (9H)
Toda alegria vem de Deus , e essa alegria nem tem como ficar oculta (52M)	"tendo o mesmo sentimento, o mesmo ânimo, a mesma alegria..." "...completai o meu gozo": se na igreja isso é uma exortação, tento quanto na vida conjugal: como compartilhar aquilo que não é expressado? (12M)
	Capacidade de se expressar confere um relacionamento sadio (29H)
	É importante para a boa convivência (51H)

No caso desta habilidade, chamou a atenção o número de respondentes presbiterianos homens ser bem maior do que o de mulheres. Grande parte dos respondentes, de ambos os grupos religiosos, associou esta habilidade a *ensinamentos doutrinários*. Estes ensinamentos foram: compartilhar (repartir, partilhar) com o outro as alegrias (C/16H, C/39M, C/42H, P/1H, P/2H, P/3H, P/4H, P/7H, P/10H, P/12M); cultivar a sinceridade (P/9H e C/16M); expressar alegria porque é algo que vem de Deus (C/34H e C/52H) e porque é uma forma de gratidão (C/42H). Respondentes de ambas religiões (C/8H, C/47M, P/29H, P/51H) colocaram que expressar alegria é algo *importante para o bom relacionamento conjugal* (boa convivência, relacionamento sadio, família estável etc.), não relacionando a ensinamentos da igreja.

Tabela 18. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *expressar carinho ao cônjuge através de gestos e palavras* (item 9).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
O amor (que a igreja tanto prega) é expresso com gestos e palavras (8H)	Amar ao próximo, amar ao cônjuge e respeitá-lo (1M)
Amor , afabilidade (16M)	Amor e respeito (cantares) (3H)
Ser amoroso (16H)	Expressar carinho mostra ao cônjuge o amor de um para o outro (4H)
A igreja ensina que o amor é doação seja através de gestos, de palavras. "o amor tudo crê, tudo espera, tudo suporta...o amor é paciente..." Epístola de Paulo (19M)	Se Deus é amor e somos seus filhos, devemos praticar seu mandamento que é amar ao próximo como a nós mesmos. Portanto, se devemos amar nossos semelhantes, quem dirá então ao nosso cônjuge? Devo realmente expressar meu carinho através de gestos e palavras (13H)
Ser dóceis uns para com os outros (a palavra de Deus) (34H)	Devo cuidar com carinho do meu casamento (11M)
Amar o próximo (39M)	As palavras doces agradam (18H)
Sim, porque ele vai saber que estou sempre do seu lado pro que der e vier (41M)	A esposa merece ouvir palavras carinhosas e gestos doces (15H)
Temos que valorizar a presença de Deus no irmão e praticarmos os mandamentos do amor (42H)	Também é uma forma de expressão do amor para com ela (10H)
Demonstrar o amor (43H)	Demonstração de amor (25M)
Sempre, no dia-a-dia (47M)	O carinho sempre é bem vindo (51H)
O carinho é uma expressão do amor e quem recebe sente-se amado (52M)	Principalmente na troca de carinhos (29H)
	Expressar carinho com gestos e palavras ajuda a comunhão (26M)

De forma geral não houve diferença entre as respostas dos dois grupos. Os homens presbiterianos apresentaram mais associações do que as mulheres, novamente com relação à habilidade de expressão positiva. Talvez a ênfase dada nas igrejas, para este tipo de habilidade, seja no sentido de incentivar mais os homens para este tipo de comportamento, deste modo, são eles que fazem mais associação. A maioria dos respondentes (C/8H, C/16M, C/16H, C/19M, C/39M, C/42H, C/43H, C/52M, P/1M, P/3H, P/4H, P/10H, P/13H, P/25M) associou a habilidade de expressar carinho ao ensinamento do amor ao próximo. Também foi apontado como ensinamento bíblico o comportamento de ser dócil com a esposa (P/34H). Esta habilidade também foi associada por presbiterianos com questões ligadas a educação e refinamento (15H, 18H, 29H, 51H). A expressão de carinho foi apontada como importante para o relacionamento conjugal (cuidado com o casamento, comunhão entre cônjuges) por uma respondente católica (41M) e dois presbiterianos (11M e 26M).

Tabela 19. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *pedir ajuda ou favor ao cônjuge* (item 10).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
O cônjuge é a pessoa mais próxima da gente é para com ele que devemos pedir ajuda ou favor (8M)	Não devemos resolver tudo sozinho, é importante a opinião da companheira (51H)
A igreja nos ensina que devemos amar uns aos outros e pedir ou ajudar sempre que necessário (8H)	Que necessitamos da ajuda das pessoas, que tudo que fizermos é para Deus (49M)
Ser humilde e reconhecer suas limitações (16M)	Devemos contar com as pessoas nos momentos de dificuldade (7M)
Une o casal para viver mais em conjunto (28H)	Não querer fazer sozinha o que ele poderia me ajudar (11M)
Em Gênesis, Deus cria a mulher para ser uma "ajuda adequada" para o homem, se a partir do casamento somos um só para Deus, temos que ajudarmos mutuamente (não somos mais dois) (52M)	A mulher foi feita para o homem e vice-versa, e muitas vezes dependem do cônjuge não quer dizer humilhação, mas sim uma forma de mostrar que precisa dele (15M)
Ser humilde (16H)	Ajudar ao próximo (18H)
	Dividir tarefas e responsabilidades (24M)
	Companheirismo (25M)
	Devemos pedir sempre ajuda a nosso cônjuge (26H)
	Saber que podemos pedir ajuda , contar com essa ajuda e vice-versa (29H)
	Se nos casamos devemos estar sempre dispostos a nos ajudar um ao outro (4H)
	Ser um só corpo e confiar no cônjuge (2H)

No caso desta habilidade, foi possível observar que o número de respondentes presbiterianos foi superior ao de católicos, porém, estes associaram mais a habilidade a ensinamentos da igreja, enquanto que os presbiterianos fizeram mais associação da habilidade a normas sociais (não relacionadas à religião).

Respondentes de ambos os grupos associaram a habilidade de pedir ajuda a diferentes *ensinamentos da igreja*. O ensinamento que mais apareceu entre os presbiterianos (7M, 18H, 49M) foi com relação ao dever de ajudar o próximo de forma geral; assim sendo, marido e esposa devem ter liberdade para pedir ajuda um ao outro. Também foi apontado o ensinamento de que esposa e marido devem se ajudar pois "são uma só carne" e próximos um do outro (C/ 8H, C/52M, P/15M). Outro ensinamento é com relação à humildade, os cônjuges devem ser humildes para pedir ajuda (C/16M, C/16H, P/15M). Vários respondentes presbiterianos (4H, 24M, 25M, 26H, 29H, 51H) associam a habilidade de pedir ajudar com *uma regra*

básica de convivência, que determina que a ajuda é algo comum e esperado entre cônjuges, fazendo parte do relacionamento de companheirismo. Um respondente católico (28H) coloca que a ajuda mútua é importante para união do casal.

Notou-se que esta habilidade, apesar de ter sido relacionada por alguns respondentes a ensinamentos da igreja, parece ser algo mais relacionado à civilidade e ao conceito de companheirismo do que propriamente à religião, principalmente para os respondentes presbiterianos.

Tabela 20. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *fazer perguntas ao cônjuge para esclarecer dúvidas* (item 11).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
O crescimento tem que ser mútuo e coma ajuda do cônjuge (a partir do casamento torna-se uma só carne) (8H)	Sim, pois meu cônjuge pode entender mais do que eu sobre o assunto em questão (4H)
Ser sincero, humilde (16H)	Buscar aprender com outros (2M)
Se o cônjuge é a outra metade, ninguém, melhor para esclarecer as dúvidas, pois tudo fará para ajudar (52M)	Devo perguntar o tenho dúvidas e assim estar sempre com a comunicação necessária para manter um relacionamento bom (11M)
	Devo ter também humildade e reconhecimento das minhas limitações (10H)
	O conhecimento do outro facilita "agradar o outro" (12M)
	Ajudar as pessoas (18H)
	É importante dialogar (51H)

Novamente, pode-se perceber que o número de respondentes presbiterianos é maior que o número de católicos. Neste item, os respondentes católicos (8H e 52M) partiram de um *ensinamento religioso* acerca do casamento, segundo a qual, marido e esposa são "uma só carne", ou são "duas metades", para justificar o fazer perguntas ao cônjuge. O outro respondente católico (16H) fez associação da habilidade com o ensinamento da humildade. Já os respondentes presbiterianos, associaram esta habilidade a questões alheias à religiosidade, ou seja, apontam *questões referentes ao relacionamento social de forma geral e conjugal* em particular, como o fato de que podem aprender um com o outro (P/2M, P/4H) e de que o fazer perguntas facilita o relacionamento do

casal (P/12M, 51H, 11M). Apesar de, em muitos itens, os respondentes presbiterianos terem feito associação mais do que os católicos, nem sempre estas associações são a ensinamentos doutrinários, mas a outros tipos de conhecimento. Pode-se supor que as igrejas presbiterianas instruem mais os seus membros para o relacionamento conjugal, mas partindo de questões práticas e aspectos mais psicológicos do relacionamento e não de questões de caráter doutrinário ou religioso.

Tabela 21. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *conversar abertamente com o cônjuge* (item 12).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Nos encontros da igreja sempre é falado sobre a necessidade de se conversar , para que o casamento perdure (8H)	A conversa é parte indispensável para um casamento bem sucedido, pois o casal passa a ter mais intimidade (4H)
Prega a importância do diálogo (16M)	Ser verdadeiro e não dissimulado (7H)
Falar a verdade sempre, estar na luz (16H)	Verdade /hipocrisia (não mentir nem esconder coisas) (3H)
A igreja ensina nas famílias e especialmente nos encontros de casais, a importância do diálogo para a feliz convivência (19H)	Entre marido e mulher não deve haver segredos (51H)
Então será carne da minha carne e osso dos meus ossos (39H)	Estar a parte das atividades do seu dia-a-dia para conhece-la melhor (10H)
Deixar o cônjuge ciente dos problemas (realidade) (45M)	Comunicação sem medo ou vergonha (11M)
Entre os dois não pode haver segredos , dúvidas (52M)	Passa pela fraqueza e isto é algo que a bíblia requer entre os cônjuges (20M)
	Honestidade, não mentir , mostrar á companheira sua preocupação (27H)
	Falar sempre a verdade (9M)

Não foram encontradas diferenças de conteúdo entre respondentes das duas religiões, porém, mais uma vez a quantidade de respondentes presbiterianos é maior do que de católicos. Notou-se para os presbiterianos que o número de homens presbiterianos foi superior ao de mulheres deste grupo.

Tanto presbiterianos como católicos apresentaram dois tipos de associação. Uma delas é a associação ao ensinamento religioso de não mentir, ser verdadeiro e honesto, apresentado por vários respondentes (C/16H, C/52M, P/3H, P/7H, P/9M, P/20M, P/27H, P/51H). Outra associação feita por vários respondentes (C/8H, C/19H, C/45M, P/4H, P/10H, P/11M) foi com relação a uma *regra cotidiana*, segundo a qual *conversar*

abertamente favorece o relacionamento conjugal, valorizando portanto, qualquer tipo de diálogo. Apesar de não ser um ensinamento claramente religioso, parece ser algo bastante incentivado e valorizado por ambas as religiões estudadas.

Tabela 22. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *mudar de assunto ou encerrar conversa com o cônjuge* (item 13).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Procurar manter cada vez mais o diálogo, respeitando o ser pessoa e o indivíduo que existe em cada um de nós. Ter tempo de analisar se invés de errado não será simplesmente diferente (32H)	Sobre mudar de assunto ou encerrar uma conversa quando acharmos a hora errada para o assunto, acho melhor, pois assim evitamos desagrado (26H)
Há um momento certo para calar e falar (a palavra de Deus) (34H)	É questão de compreensão, entender o próximo e o momento (11M)
Evitar discussão (39M)	Não , porque o depois pode não acontecer (26M)
Somente se for para não perder o respeito ou a caridade (42H)	A palavra branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira (9M)
Não se expor a momentos de cansaço, é melhor meditar e conversar mais tarde (43H)	As vezes é melhor refletirmos primeiro (51H)

Entre os respondentes católicos, o número de homens foi superior ao de mulheres. Todos os respondentes católicos reconheceram a importância de encerrar uma conversa deixando o assunto para um outro momento mais oportuno, sendo que apenas um deles (C/34H) aponta um ensinamento claramente religioso (C/34H). O que justifica este comportamento parece ser a *necessidade de evitar conflitos entre o casal*. Entre os respondentes presbiterianos, a maioria também apresentou uma posição de evitação de conflito (9M, 11M, 26H, 51H). Somente a respondente P/26M defende a posição de não deixar o assunto para depois, já que “o depois pode não acontecer”.

Fica claro que, mesmo que os respondentes tenham procurado associar esta habilidade aos ensinamentos da igreja, apenas dois deles realmente o fizeram (C/34H e P/9M). Os demais acabaram defendendo um comportamento que, em tese, seria assertivo, porém apresentando uma justificativa racional que tende mais para a passividade (evitar desentendimentos) do que para a assertividade. Provavelmente esta justificativa baseia-se nas expectativas dos cônjuges (e do que eles

interpretam das igrejas) quanto ao que seria um relacionamento conjugal ideal, com ausência de divergências ou discussões.

Tabela 23. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *convencer o cônjuge da opinião* (item 14).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Combater o orgulho, ser humilde , partilhar (16H)	Convencer não , e sim manifestar (26M)
Sim , quando acho que minha opinião é importante, preciso que ele entenda que ela pode prevalecer (41M)	Sei que cada um tem sua opinião, não devo convence-lo da minha, mas conversar e chegar a uma opinião comum (11M)
A única verdade está em Deus . Ele é a verdade (42H)	

Dois respondentes católicos associaram esta habilidade a *ensinamentos da igreja*, um deles relacionado-a à humildade e compreensão (16H), e o outro (42H) explicitando que “somente em Deus está a verdade”, portanto nenhum deve querer convencer o outro. Outra respondente deste grupo (41M) emitiu opinião favorável ao comportamento de convencer o cônjuge, argumentando que é importante que ele aceite que a opinião dela pode ser a correta, associando a habilidade a uma *regra de convivência*. Os respondentes presbiterianos (11M, 26M) não associaram a habilidade a ensinamentos da igreja, mostrando-se contrários ao comportamento de convencer o outro, defendendo a atitude de manifestar-se, dar a opinião, mas não convencer o outro, provavelmente baseados também em regras pessoais de convivência.

Além do pequeno número de respondentes neste item, as respostas demonstraram que, de modo geral, em ambas as religiões há uma visão negativa a respeito da habilidade de persuasão. É possível que a palavra “convencer” esteja sendo vista como autoritária pelos respondentes, algo que vai contra os princípios da compreensão, do respeito e da aceitação para com o cônjuge. Mais uma vez, tem-se a impressão de que, para certas habilidades, os religiosos tendem a julgar comportamentos passivos como mais adequados do que os assertivos.

Tabela 24. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *pedir que o cônjuge aguarde para falar* (item 17).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
E importante ser ouvida de vez em quando e isso é muito falado dentro das ENS (41M)	A cordialidade é muito bem vinda para um relacionamento (15M)
O respeito pela idéia ou raciocínio do outro (bem estar do diálogo) (43H)	Ordem na comunicação para que haja entendimento (29H)
Respeito mútuo (47M)	Pronto para ouvir, tardio para falar (9H)
Respeito à individualidade (52H)	Respeitar o próximo (7H)
	Ser flexível (18H)
	Respeitar minha opinião (24M)
	Respeito (9M)
	Muitas vezes é bom ouvir primeiro (51H)

A grande maioria dos respondentes, de ambos os grupos, relacionou esta habilidade a *regras de convivência*, com relação a respeito mútuo (C/43H, C/47M, C/52H, P/7H, P/9M, P/24M), cordialidade (P/15M), comunicação (P/29H, 51H) e flexibilidade (18H). Um dos presbiterianos (9H) associou a habilidade a um *ensinamento bíblico*, citando um texto bíblico que ordena que se deve ser “tardio para falar e pronto para ouvir” e sugere que os cônjuges ouçam um ao outro. Uma das respondentes católicas (41M), apesar de citar uma regra de convivência (respeito), coloca que esta foi ensinada nas reuniões da ENS. Este é um exemplo claro de que as igrejas tem tido o papel não somente de doutrinar o casal para aspectos religiosos e espirituais, mas também com relação a aspectos práticos da vida e a regras de convivência. Assim sendo, muitos dos aspectos associados pelos respondentes que não estão sendo considerados ensinamentos religiosos neste trabalho, possivelmente, foram ensinados ou incentivados pela igreja.

Tabela 25. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de lembrar o *cônjuge de seus deveres ou acordos* (item 18).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Não devemos deixar pendentes deveres ou acordos para não prejudicar o relacionamento (8M)	Podemos solicitar do cônjuge o cumprimento de suas responsabilidades com longaminidade e sabedoria (49H)
Na cerimônia do casamento o padre fala sobre os direitos e deveres dos dois (8H)	Devemos sempre procurar lembrar nosso cônjuge de nossos deveres um para com o outro (26H)
Caridade, exortar, correção fraterna (16M)	Devemos manter nossa palavra sim/sim, não/não (49M)
É importante que nossos compromissos sejam cumpridos (41M)	Lembrar de forma que não o ofenda (26M)
Manter sempre o interesse pelo relacionamento (43H)	Instruir ela para que ela sempre se lembre do "acordo" perante Deus (10H)
Quando casamos assumimos perante um juramento diante do "padre" representante de "Deus" que na alegria ou na tristeza, na doença ou na saúde devemos cuidar um do outro e portanto quando saímos da casa de nossos pais assumimos este compromisso e através dele que não devemos esquecer de nossas obrigações de amar um ao outro, de trabalhar, de educar e alimentar nossos filhos (44H)	A própria palavra de Deus serve para "lembrar-nos da nossa aliança com Deus": é necessário, muitas vezes, nos lembrar mutuamente dos "deveres dos cônjuges" : a própria Bíblia nos exorta (12M)
A bíblia nos recomenda exortar o nosso irmão sobre suas falhas. Que dirá á nossa metade (52H)	Isto também faz parte de um diálogo sincero, sem haver necessidade de magoar o cônjuge (15M)
	Matrimônio (9H)
	Todos devem lembrar dos deveres , mas se não, podemos conversar sobre o assunto, não impondo mas expondo as idéias (11M)
	Os votos do casamento (18H)
	Se os acordos quebrados podem ser lembrados com versículos bíblicos, deve ser feito (Maridos, amai vossas mulheres EF. 5:22) (20M)
	Colaborando nas tarefas (24M)
	Cumprir os votos (25M)
	Ser sincero com as pessoas (7H)
	Não ter falsidade nas palavras, não mentir, não agir com hipocrisia (1M)
	Compromisso (3H)
	Quando o casal se une faz votos perante o Senhor, podendo ser lembrados quando não são cumpridos (1H)
	Cada um deve assumir seus compromissos (51H)

Observa-se que o número de respondentes presbiterianos que associaram esta habilidade a ensinamentos da igreja é bem maior do que de católicos, mostrando que quando refere a compromissos, acordos, deveres, ou seja, regras de conduta, os presbiterianos, aparentemente,

apresentam posições bastante rígidas e influenciadas pela igreja. Nestes aspectos, respondentes de ambas as religiões associaram a habilidade de “lembrar o cônjuge dos deveres” a ensinamentos da igreja referentes tanto a *compromissos com relação ao casamento* (C/8H, C/44H, P/1H, P/11M, P/18H, P/25M, P/26H, P/9H, P10H) como a *ensinamentos bíblicos com relação a exortação* (C/52H), sinceridade (P/1M), aliança com Deus e com o cônjuge (P/12M), dever de amar (P/20M) e manutenção da palavra (P/49M). Além disso, alguns respondentes apontaram como justificativa para lembrar o cônjuge de seus deveres *regras de convivência*, especificamente, a norma de não deixar acordos pendentes prejudicarem o relacionamento (C/8M), cumprir compromissos e responsabilidades (P/3H, P/49H, 51H), dialogar (P/15M, P/26M) e colaborar nas tarefas (P/24M).

Tabela 26. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *aceitar brincadeiras e/ou gozações feitas pelo cônjuge* (item 19).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Ser humilde, alegre, paciente, perdoar (16H)	Brincadeiras <i>sadias</i> fazem bem ao casamento (4H)
Nós morremos para nós mesmos na cruz de Cristo (42H)	Respeitar minha opinião (24M)
Levar na esportiva toda brincadeira, maneira de manter o relacionamento (43H)	Acho que brincadeiras têm limites , mas acho que também não devemos ser sisudos demais (15H)
Nós não somos perfeitos, portanto, se não tentarmos nos perdoar pelas nossas brincadeiras como poderemos levar nossa vida e foi este o ensinamento de Cristo (44H)	Devemos aprender a lidar com todas as pessoas e se descobrimos que alguém não gosta de gozações devemos respeita-lo , e isso inclui o cônjuge (11M)
Para não brigar ou revidar com agressividade , para não magoar o cônjuge (45M)	Devemos aceitar brincadeiras sem gozações que magoam (26H)
Forma de carinho é aceitável , como motivo de diminuição do outro ,não (46H)	Aceito porque sei que estas brincadeiras não têm o intuito de me magoar e devo ter paciência se o momento foi impróprio (10H)
É preciso bastante descontração entre o casal, respeitando assim os limites (28H)	

Neste item, observou-se que o número de respondentes homens, de ambas as religiões, foi maior do que o de mulheres. A maior parte dos respondentes católicos apresentou posições defendendo a idéia de aceitar brincadeiras do cônjuge. Tem-se a impressão, porém, que para a maioria, este comportamento é visto como algo prejudicial ao relacionamento. Alguns respondentes associaram esta habilidade a ensinamentos religiosos

de: ser paciente e perdoar (16H, 44H) e abnegação (42H). As demais associações feitas pelos respondentes católicos e também presbiterianos não foram apresentadas como ensinamentos religiosos. Foram apontadas algumas justificativas que fazem parte de *regras de convivência*: respeitar o cônjuge e seus limites (C/28H, P/11M, P/15H, P/24M, P/26H), aceitar brincadeiras como forma de descontração e carinho (C/43H, C/46H, P/26H), não ser agressivo (C/45M). Foi apontada, ainda, a associação desta habilidade a *maneiras de melhorar o relacionamento conjugal* (P/4H, C/28H).

Observa-se que várias respostas dão a entender uma oposição a este tipo de comportamento, colocando que devemos ter paciência, que devemos respeitar o outro e sua opinião (portanto não brincar) e não aceitar brincadeiras que magoem. Um dos respondentes (P/15H) coloca que brincadeiras têm limites, mas que não devemos ser sisudos demais, mostrando uma atitude um tanto quanto rígida, que foi comum à maioria dos respondentes presbiterianos.

Tabela 27. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *sugerir ao cônjuge divisão das tarefas domésticas* (item 21).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Partilha (16M)	Submissão (9H)
Partilhar , dialogar (16H)	Submissão (9M)
Nos ajudarmos mutuamente, nos livrando do cansaço diário e há maior tempo livre para a família (43H)	Igualdade entre o homem e a mulher (submissão da mulher deve ser bem entendida) (3H)
Não está escrito que o homem tem que trabalhar e a mulher cuidar da casa, porém quando esta tarefa torna-se para a mulher que além de cuidar da casa tem que trabalhar e cuidar dos filhos é necessário a divisão das tarefas e o homem não é diminuído por isso, mas sim aumenta o amor quando este enxerga a mulher como esposa e não uma empregada doméstica (44H)	A Bíblia nos diz que o marido é o chefe espiritual do lar; ele que irá prestar contas a Deus sobre esta área. Quanto às tarefas domésticas, caso a mulher trabalhe fora, o marido poderá ajudá-la desde que isso não se torne motivo de discórdia entre os dois (4M)
Faz parte do doar-se (47H)	Colaboração no lar (24M)
Devemos sempre dividir as tarefas para que o casamento não entre numa ociosidade (50H)	A Bíblia exige que um cônjuge ame ao outro e o amor envolve auxílio mútuo evitando sobrecarga para um só (20M)
	O marido deve valorizar a esposa ajudando-a (7M)
	Sempre que possível devemos ajudar as outras pessoas (7H)
	Dividir o trabalho no que cada um faz

	melhor, para não pesar para nenhum lado (2M)
	Ajuda mútua é importante (26M)
	Ajudar a pessoa no dia-a-dia também é uma forma da expressão do amor (10H)
	Isso ajuda a não sobrecarregar um e entra no amor ao próximo (11M)
	" auxilia mútuo " um agradecer o outro etc. (12M)
	Quando os dois trabalham fora, poderá haver um acordo para que os dois possam ter tempo e disposição um para o outro (15M)
	Isso é fundamental. Pois os dois estão cansados, depois de um dia árduo de trabalho, e dividir os trabalhos domésticos é uma demonstração de amor também (15H)
	A partir do momento que os dois passam o dia trabalhando fora para o sustento da casa, nada mais justo que dividir as tarefas domésticas (4H)
	Carregar o mesmo fardo sob o mesmo jugo (2H)
	Ajudar uns aos outros, para que o objetivo seja alcançado e participar dos problemas da casa e dos problemas relacionados aos filhos (1M)
	Sobre as tarefas domésticas, devemos ajudar em tudo que for possível (26H)
	A "nossa" casa pode ser dividida entre nós dois, embora saibamos das responsabilidades do marido e as da esposa , isto é, do provedor e da auxiliadora, respectivamente (29M)
	Somos uma unidade (49M)
	É bom dividirmos as cargas e passarmos essa idéia para os filhos (51H)

Novamente observa-se uma discrepância entre o número de respondentes católicos e presbiterianos, favorável aos últimos. Nota-se que os respondentes católicos apresentaram justificativas para o comportamento de dividir tarefas baseadas em atitudes que visam beneficiar o outro (ajudar, agradecer etc.). Já os presbiterianos, em parte, apresentam justificativas que evidenciam "direitos e deveres", partindo de regras da igreja que são interpretadas, por vezes, como sendo favoráveis a esta.

Os respondentes associaram a habilidade tanto a ensinamentos gerais da igreja como a *ensinamentos específicos sobre casamento*, e também a *regras de convivência* independentes da religião. Os *ensinamentos gerais*

da igreja apontados por respondentes de ambos os grupos, favoráveis à divisão de tarefas foram: partilhar, ajudar e doar-se (C/16M, C/16H, C/47H, P/7H), expressar amor (P/10H, P/11M, P/15H, P/26M, P/26H). Alguns respondentes também fizeram associação com *ensinamentos da igreja específicos sobre casamento*, tais como: submissão da mulher dando a entender a não divisão de tarefas (P/9M, P/9H); papéis sexuais para justificar a divisão de tarefas à medida que cada um teria a sua tarefa, porém quando a esposa trabalha fora o homem também deve ajudar (C/44H, P/4M, P/29M), “carregar o fardo” juntos (P/2H), expressão de amor (P/20M), unidade entre o casal (P/49M), igualdade entre homem e mulher (P/3H). Foram citadas regras de convivência como: dividir tarefas para que os objetivos familiares sejam alcançados e sobre tempo para a família, não havendo sobrecarga de nenhum (C/43H, C/50H, P/1M, P/2M, P/15M), dividir como forma de valorizar a esposa (P/7M), dividir já que ambos trabalham fora (P/4H), colaboração e auxílio (P/12M, P/24M), dividir as tarefas ensinando isto aos filhos (P/51H).

Observou-se, portanto, que os católicos parecem ser mais cooperativos no contexto conjugal do que os presbiterianos, que acabam usando de regras da igreja para uma cristalização de papéis que podem ser não favoráveis ao outro. Notou-se também que entre respondentes de um mesmo grupo há interpretações contraditórias a respeito dos papéis sexuais e submissão da mulher, sendo utilizados tanto para apoiar como para condenar a divisão de tarefas.

As Tabelas 28, 29 e 30 a seguir se referem a habilidades que envolvem comportamentos relacionados à especificamente a sexo.

Tabela 28. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *tomar iniciativa de manter relacionamento sexual* (item 15).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Porque isso não deve partir só do homem (8M)	Amor total/ importância do sexo no relacionamento conjugal (3H)
Buscar ter uma proximidade e não deixar de um procurar o outro para que não sejamos tentados (42H)	A iniciativa deve ser de ambos, pois o relacionamento tem que ser bom para as duas partes (4H) Os dois são um só, então e por isso os dois podem expressar seus desejos e vontades (7M)
	Esta é uma atitude de amor , ou seja, para que a pessoa se sinta amada e desejada (10H)
	A iniciativa não deve ser só do homem , mas da mulher também (11M)
	Deus criou a mulher porque viu que ele estava só – e a fez para agrada-lo e assim mutuamente: o sexo não é obrigação mas criado por Deus para nosso prazer (12M)
	Percebo, não sei se na maioria dos casos, que meu cônjuge tem maior vontade sexual do que eu. Acho que talvez exista uma diferença entre homens e mulheres. No meu caso, a existência do meu filho prejudicou muito a frequência das relações. Meu cônjuge não aceita muito esta condição. Mas aprendi que ele deve ser saciado de suas vontades para que não venha procurar se saciar fora do relacionamento (13M)
	O homem como cabeça da casa deve ter iniciativas que não seja só dele, pois é princípio bíblico que seus corpos lhe pertencem mutuamente (17H)
	Devemos sempre tomar iniciativa em manter relacionamento sexual para um viver melhor (26H)
	A companheira deve saber de nosso desejo (51H)

Nota-se que o número de respondentes presbiterianos que associou esta habilidade a ensinamentos da igreja foi bem maior do que o de católicos. Neste grupo, apenas uma respondente (8M) colocou que a iniciativa sexual não deve partir somente do homem, mas não apresentou associação com nenhum tipo de ensinamento. O outro (42H), baseou-se num *ensinamento religioso*, apontando a importância de tomar iniciativa sexual “para que não sejam tentados”, ou seja, para que não haja relacionamento sexual fora do casamento. Já os presbiterianos citaram vários ensinamentos com respeito à sexualidade do casal, mas não

especificamente sobre tomar iniciativa sexual. Um dos *ensinamentos religiosos* associados foi sobre a importância do sexo no casamento como forma de demonstrar amor (3H, 10H, 7M), citando também que os corpos se pertencem mutuamente, “são um só” (7M, 17H) e por isso ambos tem igual liberdade para se expressar. Também foi apontado (13M) como ensinamento bíblico o dever da esposa de “saciar seu marido” para que ele não busque relacionamento extraconjugal. Por fim, foi colocado que o relacionamento sexual é algo criado por Deus para o prazer do casal (12M). Além das associações feitas com ensinamentos da igreja, alguns respondentes presbiterianos relacionaram a habilidade em questão a *conceitos gerais sobre sexualidade*, segundo as quais o relacionamento sexual é para o prazer do casal, deve agradar a ambos e fazer bem ao relacionamento conjugal (3H, 4H, 11M, 26H, 51H).

Tabela 29. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *recusar-se a ter relacionamento sexual com o cônjuge* (item 16).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Nunca deixar de estar sempre preparada para o que possa acontecer no dia (47M)	Não privar-se um ao outro , a não ser que de comum acordo e por tempo determinado (2H)
	Em Cristo somos livres , até no casamento (9M)
	Deve haver concordância neste aspecto, um compreendendo o outro (11M)
	A igreja ensina que quando casados um cônjuge é dono do corpo do outro e que o sexo não pode ser usado para fazer chantagem, no entanto quando há diálogo uma indisposição pode ser naturalmente compreendida (15M)
	Respeitar uns aos outros, respeitar a individualidade (49M)

Novamente observa-se que os presbiterianos fizeram mais associações do que os católicos. A única respondente católica (47M) dá a entender que não deve recusar ou não costuma recusar, ou seja, que deve estar sempre preparada para manter relacionamento sexual, ela não relaciona esse item a nenhum ensinamento da igreja. Os respondentes presbiterianos têm opiniões diferentes entre si. Vários deles apontam ensinamentos bíblicos, porém alguns para apoiar o comportamento de

recusar e somente um deles para condenar este mesmo comportamento. Este (2H) dá a entender, utilizando um texto bíblico, que um não deve privar o outro do relacionamento sexual. Os demais (9M, 15M) falam sobre a importância de haver liberdade, compreensão, concordância e respeito nesta área, sugerindo, porém, que a recusa é algo válido mas não aconselhável. Dois respondentes presbiterianos (11M, 49M) associam a habilidade de recusar-se a *princípios de respeito e compreensão*, independente de religião.

Tabela 30. Relações estabelecidas por católicos e presbiterianos entre os ensinamentos da igreja e a habilidade de *conversar abertamente com o cônjuge sobre relacionamento sexual* (item 20).

CATÓLICOS	PRESBITERIANOS
Isso é muito importante para a gente ser feliz, ficar calada não dá (8M)	Sobre relacionamento sexual devemos conversar abertamente (26H)
 Diálogo (16M)	Marido e mulher são uma só carne (9H)
Buscar o crescimento pessoal e conjugal, dialogar (16H)	Assunto não muito fácil , mas uma conversa aberta faz muito bem (4H)
Nós somos adultos e relacionamento sexual hoje é a base na educação de filhos . Por isso há necessidade de conversarmos sobre isso e sobre as nossas condições de TPM. À vezes o cônjuge não entende isso, o mau humor, o nervosismo, a falta de tesão às vezes (19M)	O relacionamento dia-a-dia nos leva a ter necessidade de abrir nosso coração mesmo em questões da área sexual que talvez sejam dificuldades (7M)
Quando o relacionamento sexual é saudável dá para conversar muito sobre ele (41M)	O sexo foi feito por Deus e devemos desfrutá-lo com responsabilidade diante de Deus (7H)
 Não ter vergonha de conversar sobre o relacionamento sexual. Um deve completar o outro, então uma boa conversa é muito importante (43M)	Como existe o amor entre ambos e uma intimidade deve-se conversar livremente sobre esse assunto (relacionamento sexual) entre ambos (1H)
A realidade do momento nem é preciso sugerir e sim se ajudar mutuamente (46H)	 Intimidade , compromisso, amadurecimento (3H)
 Dialogando , sempre expondo os sentimentos (47M)	 Não deve haver vergonha para falar de nenhum assunto (11M)
O sexo foi deixado por Deus para o relacionamento no casamento e para a felicidade do casal , portanto é necessário que seja realizado plenamente (52M)	Para que a vida sexual agrade a ambos é necessário conversar sobre o assunto (15M)
	Nada fica devendo exceto o amor (18H)
	A Bíblia exige que se fale a verdade sempre , e esta área deve ser exercida em verdade (20M)
	 Diálogo aberto (24M)
	Assim podemos descobrir se alguma coisa está errada do ponto de vista dela (10H)

Observa-se novamente que o número de respondentes presbiterianos é superior ao número de respondentes católicos,

demonstrando que, principalmente na área da sexualidade os presbiterianos parecem ter mais facilidade em falar sobre o assunto. Respondentes dos dois grupos associaram esta habilidade tanto a ensinamentos religiosos como a outros tipos de regras e valores pessoais. Os *ensinamentos religiosos* apontados foram: sexo como algo deixado por Deus para prazer do casal (C/52M, P/7H), marido e esposa “serem uma só carne” (P/9H), sexo como “ato de amor” (P/18H), verdade e sinceridade (P/20M). Muitos dos participantes colocaram frases que expressam *conceitos cotidianos* sobre como acreditam que deve ser vivenciada a sexualidade entre o casal: ter comunicação adequada (C/8M, C/19M, C/43M, P/1H, P/4H, P/11M, P/15M, P/26H, C/41M), ajudar-se mutuamente (C/46H), ter intimidade e compromisso (P/3H, P/7M). A habilidade em questão também foi associada a falas que parecem ser *regras de convivência*, diferentes dos *conceitos cotidianos* (citados anteriormente) por se tratar de algo mais superficial, provavelmente baseado em regras externas e não em valores pessoais. Neste caso, a regra citada foi da importância do diálogo (C/16H, C/47M, P/10H, P/24M).

Sintetizando os resultados qualitativos

De forma geral, percebeu-se que os presbiterianos foram mais eloqüentes em buscar justificativas ou relações entre os itens do QD/HS 2 e os ensinamentos da Igreja, revelando, possivelmente, uma maior preocupação em viver conforme os princípios da igreja.

Uma das respostas mais freqüentes de ambos os grupos foi o *ensinamento religioso* sobre o amor, relacionando-o com elogios, agradecimento a elogios, expressão de carinho, pedido de ajuda, comportamentos envolvendo questões sexuais e divisão de tarefas. Outro *ensinamento religioso* bastante freqüente foi com relação à transparência que deve existir entre o casal, seja para expressar desagrado, expressar opiniões divergentes, expressar alegria, lembrar o outro de acordos, conversar sobre qualquer assunto e conversar sobre relacionamento sexual. As expressões utilizadas para descrever este comportamento foram ser verdadeiro, honesto, franco, transparente, dizer “sim, sim ou não, não”

(texto bíblico) e ser sincero. Foi bastante citado também o *ensinamento* de ser humilde, perdoar e aceitar os próprios erros, relacionando-o a habilidades de: aceitar brincadeiras, pedir ajuda, fazer perguntas, convencer o cônjuge da opinião e aceitar críticas.

Várias respostas foram entendidas como *regras de convivência* e não propriamente ensinamentos religiosos, o respeito entre o casal foi uma resposta bastante freqüente neste caso, citada como argumento para negar-se a fazer tarefas do outro e para pedir ao cônjuge que não interrompa sua fala. O diálogo e a comunicação entre o casal, apesar de também serem entendidos como regras de convivência, foram apontados várias vezes como algo muito valorizado por ambas as religiões, sendo associado com relação a: aceitar críticas, expressar opinião divergente, fazer perguntas ao cônjuge, conversar abertamente e conversar sobre relacionamento sexual.

Estes ensinamentos e regras citados podem ter um papel importante para a prática de comportamentos socialmente habilidosos entre os cônjuges, se interpretados adequadamente. O ensinamento da transparência (dizer a verdade), por exemplo, seria um apoio importante para o desenvolvimento da prática de comportamentos assertivos entre o casal. A valorização da demonstração de amor de diversas maneiras estaria sendo facilitadora da ocorrência e desenvolvimento de habilidades sociais conjugais que os fiéis relacionaram à expressão de amor. O incentivo à prática da humildade pode ter um duplo efeito, ou seja, dependendo da maneira como for entendida pode eliciar ou dificultar a ocorrência de comportamentos socialmente habilidosos entre cônjuges. O respeito e o diálogo (comunicação) entre cônjuges supõe um efeito positivo para a ocorrência de comportamentos assertivos entre marido e esposa.

Algumas vezes apareceram as expressões auto-estima e amor próprio como explicação para emissão de comportamentos socialmente habilidosos entre os cônjuges, por exemplo, quando uma respondente relata que aceitar elogios é fruto de uma boa auto-estima. Em outro caso, uma respondente afirma que pedir para o cônjuge esperá-la terminar de falar também é comportamento compatível com boa auto-estima e amor

próprio. Estes comportamentos, segundo os respondentes seriam aprovados pela igreja, sendo, portanto, uma forma de incentivar comportamentos socialmente habilidosos entre cônjuges.

Os respondentes citaram algumas vezes a ocorrência de diferença de opinião entre cônjuges, reconhecendo a importância de ambos se comunicarem, ouvirem um ao outro, para que se reconheçam em suas particularidades aceitando com naturalidade suas diferenças. Esta visão dos respondentes, provavelmente apoiada pelas igrejas, em contrariedade com a visão "tradicional", segundo a qual os cônjuges seriam "uma só pessoa" e deveriam pensar da mesma forma, parece ser algo importante para promoção de comportamentos socialmente habilidosos entre os cônjuges como o diálogo, a comunicação e a assertividade. Portanto, de forma contraditória, em alguns casos, os respondentes citam determinados ensinamentos mas apóiam posições que não são totalmente compatíveis com ele se entendidos de forma mais aprofundada.

Por outro lado, a observação de certas respostas causou a impressão de que a maneira como os fiéis assimilam alguns dos ensinamentos de suas igrejas pode estar determinando uma tendência a comportamentos inassertivos ou inabilidosos. No caso dos católicos, esta tendência seria fruto de ensinamentos com relação à bondade, doação, partilha, que estariam sendo interpretados como passividade diante de situações que exigiriam algum confronto com o cônjuge (dizer não para tarefas que são dele e me pede para fazer, convencer meu cônjuge de minha opinião, ter relação sexual quando não estou disposto). Já os respondentes presbiterianos aplicam algumas regras da igreja de modo a exigir do outro um comportamento inassertivo, sobrepondo-se aqui os papéis de gênero. Isso pode ser observado quando o respondente aponta que o marido é autoridade, portanto, a esposa não deve dizer não (tarefa do outro); também com relação ao ensinamento da submissão, que foi usado várias vezes como argumento para atitudes inassertivas por parte da mulher e machistas por parte do homem.

As habilidades de aceitar brincadeiras e gozações do cônjuge e convencer o cônjuge sobre a própria opinião parecem ser tabús entre os

fiéis de ambas religiões. A prática de brincadeiras e gozações e o fato de aceitá-las, principalmente por parte dos presbiterianos, foi vista como algo negativo, ruim para o relacionamento. Provavelmente, a igreja trata desta questão mais no sentido de "tomar cuidado" com brincadeiras, reprimir este tipo de comportamento para evitar desentendimentos entre o casal do que no sentido de incentivar brincadeiras que tornem a convivência entre ambos mais descontraída. Por outro lado, a igreja parece tolher comportamentos mais assertivos de não aceitação a brincadeiras/gozações quando estas são ofensivas e/ou agressivas. Quanto à habilidade de convencer o cônjuge da opinião, a análise das respostas deu a entender que a igreja também prefere orientar para uma posição mais de evitação de possíveis conflitos através da aceitação, compreensão e diálogo do que incentivar a habilidade de persuasão relacionada à assertividade.

Para poucas classes de comportamentos conjugais notou-se diferença entre as religiões com relação à quantidade de informações recebidas sobre determinados assuntos e a forma de abordá-los. Comportamentos relacionados a sexo (iniciativa, conversar sobre e recusar-se) parecem ser mais abordados pela igreja presbiteriana, dada a frequência de respostas bem maior por parte deste grupo. As respostas, de forma geral, demonstraram uma certa facilidade em falar sobre o tema e valorização do mesmo (bom para o relacionamento, criado por Deus para o prazer do casal, dever de agradar a ambos, importante para realização pessoal etc.). Já os respondentes católicos falaram pouco sobre este tema. Estes resultados podem ser associados à diferença doutrinária existente entre as religiões abordadas no que se refere ao relacionamento sexual (apesar de não ter sido citada pelos respondentes foi constatada e já descrita anteriormente neste estudo). Neste sentido, a igreja católica possui uma visão bem mais restritiva (sexo exclusivamente com função reprodutiva e proibição do uso de contraceptivos) do que a presbiteriana (sexo como fonte de prazer para os cônjuges, permissão do uso de contraceptivos).

Com relação aos papéis sexuais, as respostas dos católicos demonstraram maior flexibilidade do que as dos presbiterianos. Estes

citaram regras rígidas de conduta em várias ocasiões, por exemplo, sobre as tarefas domésticas como dever da esposa e sobre a autoridade do marido no lar. Apesar desta diferença com relação à flexibilidade dos papéis, não foram apontados ensinamentos doutrinários divergentes sobre este assunto entre os grupos religiosos.

SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados e conclusões deste trabalho referem-se especificamente à amostra estudada, que, conforme apresentado anteriormente, possui características bastante definidas e particulares quanto ao seu nível sócio-econômico, nível de escolaridade e com relação ao processo de amostragem (indicação). Portanto, estes resultados não devem ser generalizados para a população em geral.

Por meio do Alpha de Cronbach constatou-se que o principal instrumento utilizado neste estudo, o IHSC, possui uma boa consistência interna. A análise fatorial deste instrumento também apontou características favoráveis para a validade dos dados e sua estrutura fatorial agrupou, em cinco fatores, os itens avaliados no instrumento.

Com relação à amostra de respondentes religiosos, constatou-se que presbiterianos e católicos apresentaram, igualmente, uma alta freqüência à igreja, sendo, portanto, membros assíduos, como proposto na amostra. Observou-se que os católicos têm aumentado sua freqüência à igreja, enquanto que presbiterianos tem-na mantido. O relato dos fiéis das duas religiões sobre a influência dos ensinamentos da igreja e sobre sua vivência conforme tais ensinamentos não apresentou diferenças. Em ambos os grupos, a maioria dos respondentes acredita ser bastante influenciada pelos ensinamentos da igreja e viver conforme os mesmos na maioria das vezes. Quanto ao conhecimento doutrinário também não houve diferenças entre presbiterianos e católicos: ambos tiveram altos escores no QD. Estes dados evidenciam que a amostra é formada de pessoas dedicadas ao serviço religioso, envolvidas com suas respectivas igrejas e que, portanto, os resultados da pesquisa não podem ser generalizados para outro tipo de população como, por exemplo, pessoas apenas nominalmente religiosas. É importante lembrar, também, que estes sujeitos foram indicados por pessoas que as conheciam (padres, pastores e conhecidos da igreja), indicação esta que supõe indivíduos com comportamentos aceitáveis, possivelmente estereótipos de “bons fiéis”.

Os resultados comparativos entre os três grupos mostraram, de forma

geral, que não houve diferenças significativas com relação ao nível de habilidades sociais conjugais entre os participantes filiados a alguma religião e os não filiados. Dentre os filiados, também não foram encontradas diferenças entre as duas religiões estudadas: católicos e presbiterianos. Desta forma, a hipótese de que as orientações da igreja quanto ao relacionamento conjugal estariam influenciando seus membros de modo a diferenciá-los de não religiosos no uso das habilidades sociais conjugais não foi confirmada.

O estudo de Call e Heaton (1997) sobre a influência da religião na estabilidade conjugal, aponta resultados semelhantes aos encontrados neste estudo. Os autores descrevem que, apesar de terem sido notadas influências da filiação religiosa com relação à estabilidade conjugal, estas desaparecem quando as características demográficas são levadas em consideração. A análise feita por estes autores mostra que a experiência religiosa é claramente diversa e multifacetada, tornando-se impossível medir a influência da religião (seja com relação à estabilidade marital ou a outros aspectos como o uso de habilidades sociais conjugais) utilizando-se dimensões únicas ou separadas (frequência, afiliação, conhecimento doutrinário, tempo de igreja). No presente estudo, grande parte das características demográficas foi controlada e, apesar disso, a influência da filiação religiosa na medida de habilidades sociais conjugais não foi observada. A questão da dificuldade em medir influências religiosas nos comportamentos foi explicada em função das múltiplas facetas da experiência religiosa. Amatuzzi (1999) também analisa esta questão, apontando uma diferenciação entre a verdadeira fé (enquanto algo pessoal e íntimo) e a religião declarada (que pode ser separada daquela). No caso de um indivíduo ter passado pelo que ele chama de experiência religiosa marcante e assumida, pode haver conseqüências na forma como esta pessoa vive, como um desapego das coisas, uma alegria mais profunda e um senso de fraternidade universal. No entanto esta experiência é independente de uma filiação religiosa declarada. Assim, podemos entender que a mudança de comportamento de um indivíduo, produzida por uma real e profunda experiência religiosa, pode não ser eficazmente

avaliada em termos práticos (diferenças na apresentação de comportamentos socialmente habilidosos no relacionamento conjugal) apenas comparando comportamentos de indivíduos que se declaram de diferentes filiações religiosas. Nos três grupos estudados (católicos, presbiterianos e sem religião) poderiam existir pessoas que passaram e pessoas que não passaram por esta experiência religiosa profunda e marcante a ponto de causar transformação de vida¹⁰ de modo que, nos três grupos pode haver indivíduos com comportamentos diferenciados dos outros com relação à várias áreas da vida, inclusive o relacionamento conjugal.

Outro fator que deve ser considerado na análise da influência religiosa, conforme Jablonski (1991/1998), é o processo de secularização pelo qual a sociedade passa, ou seja, uma redução da influência das instituições religiosas sobre setores da sociedade, o que leva os indivíduos a analisarem o mundo e a decidirem sobre seu dia-a-dia sem o auxílio da religião. Jablonski (1991/1998) e Ribeiro (1997), afirmam também que o sentimento religioso em si (a crença no sobrenatural, a fé e o conforto moral/espiritual provenientes deste sentimento) não diminuiu mas, sim, a obediência a normas e regras institucionais. A não obediência às regras, normas e orientações das igrejas, torna-se uma possível explicação para a não diferenciação dos três grupos estudados quanto à apresentação de comportamentos assertivos no contexto conjugal, já que se constatou um esforço das igrejas sem doutrinar seus fiéis para um relacionamento conjugal diferenciado e este não tem sido verificado.

Em apenas um dos itens do IHSC encontrou-se diferença entre escores de respondentes em função da filiação religiosa. No item 25, que se refere à expressão de sentimentos positivos ao cônjuge, respondentes católicos e sem religião se mostraram mais habilidosos do que os presbiterianos. Considerando-se o caráter situacional das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999; Caballo, 1993), pode-se afirmar apenas o que o próprio dado indica (menor expressividade positiva de sentimentos dos

10. Apesar de, na igreja presbiteriana, um dos critérios para tornar-se membro é a declaração desta experiência religiosa que produz mudança de comportamentos.

presbiterianos) porém, isoladamente, esse item não permite maiores inferências, por exemplo, de que os casais presbiterianos sejam mais “contidos”, uma vez que, em outros itens que avaliaram a expressividade, não ocorreram diferenças. Entende-se que essa diferença constitui um aspecto a ser melhor investigado em novas pesquisas, seja para uma avaliação de sua significância em amostras mais abrangentes, seja em termos de sua especificidade.

A variável sexo apresentou-se como influenciadora dos escores do IHSC tanto no escore geral como em alguns itens específicos. Mulheres obtiveram escores mais altos, mostrando-se, assim, mais habilidosas socialmente no relacionamento conjugal do que os homens, independentemente de religião. Em um dos itens do fator *autocontrole da agressividade* as médias dos homens foram maiores do que das mulheres; nos demais itens nos quais encontrou-se diferença significativa entre médias dos dois sexos, as diferenças foram favoráveis às mulheres. Estes itens estavam presentes nos fatores de *comunicação assertiva* e *expressão de desacordo/desagrado*.

Estes resultados são coerentes com outros estudos que vem sendo realizados com estudantes-universitários utilizando-se o IHS Del Prette (Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A., 2001; Del Prette, Del Prette, Barreto, Saldaña & Cantarelli, sd).

Algumas habilidades sociais conjugais parecem se enfraquecer no decorrer da vida conjugal. Os resultados mostraram que os itens 23, 24 e 30 do IHSC estão relacionados negativamente com a variável “tempo de casamento”. Estes itens se referem a habilidades que envolvem um certo confronto com o cônjuge, como recusar-se a manter relação sexual e negar-se a fazer tarefas que são da responsabilidade do outro. Levanta-se a hipótese de que, ao longo do relacionamento, certos comportamentos que envolvem confronto com o cônjuge vão dando lugar a uma posição mais flexível, chegando até a um certo relaxamento, uma atitude de acomodação frente a uma situação que exigiria um enfrentamento mais assertivo. No entanto, conclusões mais pertinentes dependeriam de novos estudos focalizando especificamente esta questão.

Os escores do QD/HS1 mostraram que católicos e presbiterianos não apresentam diferenças significativas em termos da quantidade de itens de habilidades sociais conjugais que relacionam aos ensinamentos de sua igreja. Isto dá a entender que as doutrinas ensinadas nestas igrejas quanto ao relacionamento conjugal são semelhantes. Em apenas um item foi constatada diferença significativa entre católicos e presbiterianos. Católicos, em média, associam a habilidade de "levar na esportiva brincadeiras e/ou gozações do cônjuge" a ensinamentos da igreja, enquanto que presbiterianos não a associam. Conclui-se disto que, provavelmente, respondentes presbiterianos não receberam nenhuma orientação (ensinamentos) da igreja a respeito deste tipo de comportamento entre cônjuges. Além disso, como observado nas análises qualitativas, os presbiterianos parecem não considerar este tipo de comportamento adequado.

Um dos itens do QD/HS1 foi associado à variável "tempo de casamento", mostrando que quanto maior o tempo de casamento mais os indivíduos associam a habilidade de persuasão do cônjuge a ensinamentos da igreja.

Constatou-se que não há correlação entre escores do IHSC e QD/HS1, mostrando que no escore geral e na quase totalidade dos itens, o fato de um respondente associar mais ou associar menos as habilidades sociais conjugais aos ensinamentos de sua igreja não está relacionado ao quanto ele é habilidoso neste aspecto e vice-versa. Isso pode ser ilustrado com os exemplos onde os ensinamentos da igreja foram utilizados praticamente como justificativa para a reação não habilidosa, geralmente passiva. Apenas em um item foi encontrada tal correlação. Podemos concluir que, apesar dos respondentes conhecerem ensinamentos doutrinários e os associarem a várias habilidades sociais conjugais, o seu comportamento social parece pouco controlado por tais ensinamentos. Os comportamentos socialmente habilidosos no casamento, foram mais *justificados* por ensinamentos da igreja do que *aparentemente controlados por eles*. Parece que os indivíduos, apesar de ansiarem por viver conforme os ensinamentos da igreja, algumas vezes os distorcem, amoldando-os à sua

prática de vida, possivelmente porque as regras e normas da igreja (levadas ao pé da letra), em alguns casos, não estão sendo funcionais para eles. Esta constatação é coerente com Jablonski (1991/1998), que defende uma perda gradativa da influência e prestígio da igreja¹¹ no que se refere ao acatamento de normas e regras ditadas por ela por parte dos fiéis.

Confirmando dados já apresentados, os resultados da regressão por árvore, mostraram que, diferentemente da hipótese inicial deste estudo, a religião não é um importante preditor de escores do IHSC. A variável sexo mostrou-se a mais importante para prever tais escores, seguindo-se de outras como a freqüência anterior à igreja e o número de filhos do sujeito. Neste estudo, mulheres que aumentaram sua freqüência à igreja ou sem religião tendem a apresentar escores mais altos. Por outro lado, mulheres que diminuíram sua freqüência à igreja e que possuem três filhos ou mais tendem a apresentar escores mais baixos.

Os resultados das análises de variância mostraram que a religião não está relacionada com os fatores do IHSC em seu conjunto, porém está associada ao Fator 5, onde os presbiterianos apresentam indicador mais baixo no autocontrole da agressividade.

Já a variável sexo mostrou-se significativa para o vetor de fatores, confirmando resultados anteriores que apontaram sua influência sobre indicadores de habilidades sociais conjugais. Analisando-se os fatores, individualmente, o sexo mostrou-se significativo para os Fatores 1, 2 e 5. Os homens apresentaram maior habilidade no Fator 5, referente a autocontrole da agressividade. Nos Fatores 1 e 2, referentes respectivamente, à comunicação assertiva e à expressão de sentimentos positivos, as mulheres apresentaram maior índice de habilidades. Comparando estes resultados com os obtidos no IHS-Del Prette para diferenças entre sexos, em termos de fatores, encontra-se concordância com relação a controle da agressividade e expressão de sentimento positivo/agrado, sendo que ambos os instrumentos apontam o sexo masculino como mais habilidoso no primeiro e o sexo feminino no segundo (Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A.,

11. O autor refere-se principalmente à igreja católica, mas estende para outras igrejas protestantes com exceção das pentecostais, que tradicionalmente exercem um controle mais eficiente sobre seus membros.

2001).

A discordância entre os instrumentos IHSC e IHS-Del Prette deu-se para o Fator que, no IHSC avalia comunicação assertiva, correspondente, no IHS-Del Prette, a enfrentamento e auto-afirmação com risco. Neste Fator, as mulheres obtiveram médias mais altas no IHSC e os homens no IHS-Del Prette. Provavelmente, esta diferença entre instrumentos está relacionada à diferença de contexto em que tais habilidades foram avaliadas. Sabe-se que, num instrumento de auto-relato, o resultado é fruto de um julgamento do respondente acerca de seu comportamento. Muito provavelmente, os homens, ao avaliarem seu próprio comportamento em situações mais gerais (IHS-Del Prette) julgam-se habilidosos e competentes. Já ao relatarem seu comportamento numa situação bastante específica (contexto conjugal), na qual eles devem avaliar situações mais próximas e concretas, eles se julgam menos habilidosos. Não se descarta a hipótese de que, de fato, no contexto conjugal, a maioria das mulheres acaba obtendo maior controle da situação, embora esse controle não seja público ou talvez exatamente por isso. Carter e McGoldrick (1995) apontam a diferença de envolvimento emocional com relação ao casamento para o homem e para mulher, sendo que para esta é muito maior. Geralmente, é a mulher que se torna a principal responsável pelo nascimento e educação dos filhos, por parentes mais velhos e pelas cargas afetivas em que tudo isto implica, e é ela também que costuma pedir ajuda quando a família enfrenta problemas relacionados a isto. Nesse sentido, podemos entender que a mulher possui uma demanda maior de habilidades sociais no contexto privado em geral (casamento e família) do que o homem, que se torna mais afastado do lar e mais próximo de sua atividade prioritária que costuma ser o trabalho. Assim, ela acaba desenvolvendo mais habilidades que o homem para lidar com estas demandas. Gottman (1998) também defende uma diferença entre homens e mulheres na maneira de interagirem. Este autor reconhece que os padrões femininos de interação, de forma geral, são propensos a apresentarem mais facilidade nos relacionamentos íntimos do que os homens, enquanto que estes apresentam maior retraimento na esfera íntima (conjugal).

Dela Coleta (1992), ainda, constatou que as mulheres são as maiores responsáveis por casos de separação conjugal e, por outro lado, de reajustamento conjugal, à medida em que elas se manifestam mais perante os problemas, seja no sentido de resolvê-los (quando possível) ou de encerrar o relacionamento. Estes dados também sustentam os resultados encontrados nesta pesquisa, evidenciando maior nível de habilidades sociais entre as mulheres do que entre os homens no relacionamento conjugal, principalmente com relação a comportamentos assertivos e de expressão de sentimentos.

Os resultados qualitativos apontaram relações estabelecidas pelos respondentes de ambas as religiões entre as habilidades sociais conjugais e, não só ensinamentos doutrinários, como também, regras gerais de convivência e conceitos cotidianos sobre relacionamento conjugal. A associação de habilidades sociais conjugais com regras de convivência e conceitos cotidianos ocorreu com bastante freqüência. Pode-se supor que os respondentes são influenciados por suas comunidades religiosas à medida que procuraram, na maioria das vezes, justificar seu comportamento associando-o a ensinamentos da igreja, ainda que os ensinamentos a que se referiram não sejam propriamente doutrinários. Isto foi mais forte no caso dos presbiterianos que, inclusive, mostraram-se mais eloqüentes na tarefa de associar habilidades sociais conjugais.

Outra hipótese é de que as igrejas têm fornecido informações relativas ao casamento e à família a seus membros que não são, necessariamente, ensinamentos religiosos ou doutrinários, mas regras gerais de convivência, independentes da religião, e que estes ensinamentos os têm influenciado. Caberiam, portanto, estudos posteriores no sentido de verificar mais detalhadamente a que os sujeitos associam (educação, normas sociais e culturais) seus comportamentos conjugais socialmente habilidosos em uma situação que não induzisse qualquer tipo de fator (no presente caso, o fator religião foi intencionalmente induzido).

Os respondentes de ambos os grupos associaram as habilidades sociais a vários ensinamentos doutrinários, seja no sentido de apóia-las ou justificar sua não ocorrência. Assim, as religiões católica e presbiteriana não podem

ser, em si mesmas, consideradas influências facilitadoras ou restritivas de comportamentos socialmente habilidosos. Seria necessário analisar especificamente quais ensinamentos (ou a maneira como eles são veiculados em cada comunidade e interpretados pelos fiéis) poderiam facilitar comportamentos conjugais socialmente habilidosos ou justificar comportamentos não habilidosos.

Não foram encontradas diferenças significativas entre as duas religiões estudadas nos resultados quantitativos e nem com relação a ensinamentos doutrinários (com exceção do relacionamento sexual). Várias hipóteses podem ser levantadas neste sentido: haveria uma igualdade entre as religiões católica e presbiteriana no que diz respeito ao relacionamento conjugal?; se diferentes, tais diferenças não seriam então suficientemente determinantes para se refletirem nos comportamentos dos fiéis? A análise dos ensinamentos doutrinários de ambas as igrejas sobre relacionamento conjugal permite dizer que não há diferenças doutrinárias fundamentais, com exceção de alguns conceitos e normas acerca do relacionamento sexual. As regras de relacionamento social das igrejas, portanto, são muito parecidas, e isso provavelmente também acontece com relação a outras religiões cristãs que estão incorporadas à cultura (principalmente da classe média brasileira como é o caso deste estudo). Isto sugere que os efeitos da religião, se existentes, deveriam ser buscados entre aquelas mais diferenciadas também em outros aspectos como seu grau de expansão e aceitação popular (minoritária e majoritária, por exemplo, católica e budista) ou uma diferenciação maior entre seus preceitos (por exemplo, protestante e candomblé). Certamente, novos estudos se fazem necessários para aprofundar esse tipo de análise.

REFERÊNCIAS

- Alberti, R. E. & Emmons, M. I. (1978). *Comportamento assertivo: Uma guia de auto-expressão*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Amatuzzi, M. M. (1999). Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. Em M. Massimi & M. Mahfoud (Org.), *Diante do mistério: Psicologia e senso religioso* (pp. 123-140). São Paulo: Loyola.
- Aquino, F. R. Q. (1993). *Sereis uma só carne*. Campinas: Raboni.
- Banaco, R. A. (1996). O manejo de aspectos religiosos na prática clínica comportamental. *Psicologia Revista*, 3, 103-109.
- Bratfisch, M. (1997). *Maximização das relações conjugais através de um treinamento de habilidades sociais para casais*. Monografia de conclusão de curso, Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Caballo, V. E. (1987). *Teoría, evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Valencia: Promolibro.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madri: Siglo Veintiuno.
- Caballo, V. E. (1996). O treinamento em habilidades sociais. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp. 361-399). São Paulo: Santos.
- Caldana, R. H. L. (1991). *Família: Mulher e filhos. Três momentos numa revista católica brasileira*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, SP.
- Call, V. R. A. & Heaton, T. B. (1997). Religious Influence on marital stability. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 36 (3), 382-392.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Connors, G. J., Tonigan, J. S. & Miller, W.R. (1996). Measure of religious background and behavior for use in behavior change research [CD-ROM]. *Psychology of Addictive Behaviours*, 10(2), 90-96. Abstract from: SilverPlatter File: PsyclIT Item: 04468-004

- Costa Neto, P. L. O. (1977). *Estatística*. São Paulo: Edgard Blucher.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette): *Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Barreto, M. C. M. (1998). Análise de um inventário de habilidade sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Barreto, M. C. M., Saldaña, M. R. R & Cantarelli, M. B. (s.d.). *Habilidades sociais e gênero: Um estudo com universitários*. Manuscrito não publicado.
- Dela Coleta, M. F. (1992). Locus de controle e satisfação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(2), 243-252.
- Diniz, G. *Terapia de casal: Avaliação e atendimento*. Conferência realizada Universidade de São Paulo/RP - XXV Reunião Anual de Psicologia, em 26.10.1995.
- Dixon, W. J. & Massey, F. J. Jr. (1969). *Introduction to statistical analysis* (30ª ed.). Tóquio: McGraw-Hill.
- Durham, E.R. (1983). Família e reprodução humana. Em E. R. Durham (Org.), *Perspectivas antropológicas da mulher*, 3 (pp.15-42). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, J. A. (1992). *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Flora, J. & Segrin, C. (1999). Social skills are associated with satisfaction in close relationships. *Psychological Reports*, 84(3), 803-804.
- Feldman, S. S. & Wentzel, K. R. (1990). Relations among family interaction patterns, classroom self-restraint and academic achievement in preadolescent boys. *Journal of Educational Psychology*, 82(4), 813-819.

- Gottman, J. (1998). *Casamentos: Porque alguns dão certo e outros não* (2º ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gottman, J. & Rushe, R. (1995). Communication and social skills approaches to treating ailing marriages: A recommendation for a new marital therapy called "Minimal Marital Therapy". Em W. O'Donohue e L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 287-304). Boston: Allyn and Bacon.
- Groningen, H. & Groningen, G. (1997). *A família da aliança: Instruções bíblicas para a família que honra a Deus*. Cambuci: Cultura Cristã.
- Jablonski, B. (1991/1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo* (2º ed.). Rio de Janeiro: Agir.
- Kass, G. V. (1980). An exploratory technique for investigating large quantities for categorical data. *Applied Statistical*, 29, 119-127.
- Lévi-Strauss, C. (1996) A família. Em Shapiro H.L. (Org.), *Homem, cultura e sociedade* (pp.125-150). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Maldonado, J. E. (Ed.), (1996). *Fundamentos bíblico-teológicos do casamento e da família*. Viçosa: Editora Ultimato.
- Morrison, R. L. & Bellack, A. S. (1981). The role of social perception in social skill. *Behavior Therapy*, 12, 69-79.
- Norusis, M. J. (1988). *SPSS/PC+Advanced Statistics*, v.2. Chicago: SPSS International.
- Oliveira, L. A. (2001). *Introdução à Classificação e Regressão por Árvore*. São Carlos. Texto mimeo.
- Peterson, R. A. (1994). A meta-analysis of Cronbach's Coefficient Alpha. *Journal of Consumer Research*, 21, 381-391.
- Pinezi-Barbosa, A. K. P. (1999). *A família da fé em tempos modernos: Uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.
- Rangé, B. & Dattílio, F. M. (1995). Casais. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva* (pp. 171-192). Campinas: Editorial Psy.

- Ribeiro, I. (1997). *Sobre a infidelidade dos fiéis: Família, subjetividade e imaginário entre agentes da pastoral católica*. Dissertação de doutoramento, Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Roman, E. N. (1936/2000). *Como ser feliz no casamento: encontro de casais* (9º ed.). São Paulo: Paulinas.
- Safra, G. (1999). Perspectivas no estudo da experiência religiosa: religiosidade e o acontecer do homem [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicação científica, XXIX Reunião Anual de Psicologia* (pp. 25-26). Campinas: SBP.
- Sanders, M. R., Halford, W. K. & Behrens, B. C. (1999). Parental divorce and premarital couple communication [CD-ROM]. *Journal of Family Psychology, 13(1)*, 90-96. Abstract from: SilverPlatter File: PsycLIT Item: 10107-005
- Schoenfeld, W. N. (1993). *Religion and human behavior* [CD-ROM]. Abstract from: SilverPlatter File: PsycLIT Item: 97127-000
- Skinner, B. F. (1989). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Starkey, J. L. (1991). The effects of a wife's earnings on marital dissolution: The role on a husband's interpersonal competence [CD-ROM]. *Journal of Socio Economics, 20(2)*, 125-154. Abstract from: SilverPlatter File: PsycLIT Item: 19658-001
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1966). *Using Multivariate Statistic* (3ª ed.). Nova Iorque: Harper Collins College Publishers.
- Thornton, A., Axinn, W. G. & Hill, D. H. (1992). Reciprocal effects of religiosity, cohabitation, and marriage. *American Journal of Sociology, 98 (3)*, 628-651.
- Weaver, A. J., Koenig, H. G. & Larson, D. B. (1997). Marriage and family therapists and clergy: A need for clinical collaboration, training, and research. *Journal of Marital and Family Therapy, 23*, 13-25.
- Wolpe, J. S. (1976). *A prática da terapia comportamental*. São Paulo: Brasiliense.

Wolpe, J. S. & Lazarus, A. A. (1966). *Behavior therapy techniques*. Nova York: Pergamon Press.

ANEXOS

Anexo 1

PARTE 2Questionário de identificação: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Profissão: _____

Grau de instrução: _____

Quantos itens dos abaixo relacionados existem na sua casa:

TV em cores		Automóvel		Geladeira	
Rádio		Empregada mensalista		Freezer (independente ou parte da geladeira duplex)	
Banheiro		Aspirador de pó			
Máquina de lavar		Videocassete			

1. Há quanto tempo você é casado ou vive junto com quem está atualmente? _____

2. Este é seu primeiro casamento? () sim () não

3. Quantos filhos você possui? () 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () + de 4

4. Sua religião é: () católica () presbiteriana () nenhuma () outra

5. Você freqüenta alguma igreja? () sim () não

Se sim, qual? _____

Se não, há quanto tempo não freqüenta nenhuma igreja? _____

(Se você não está freqüentando nenhuma igreja há mais de um ano não é necessário responder as questões seguintes)

6. Há quanto tempo você freqüenta a igreja que está atualmente? _____

7. Atualmente, qual é a sua freqüência às atividades da igreja (cultos, missas, reuniões etc)?

() duas ou mais vezes por semana

() uma vez por semana

() de uma a duas vezes por mês

() menos de uma vez por mês

() somente em ocasiões especiais (casamentos, batizados, missa de sétimo dia,

funeral etc).

8. Há quanto tempo você vem tendo esta freqüência à igreja? _____

9. Se sua freqüência mudou, anteriormente era: () maior () menor

10. Antes de freqüentar a esta igreja você freqüentava: () nenhuma () outra. Qual _____
Quanto tempo? _____

11. Você considera que os ensinamentos da igreja o influenciam em suas atitudes e decisões?

() totalmente () na maioria das vezes () algumas vezes () raramente () nunca

12. Você acredita que vive conforme os ensinamentos de sua igreja?

() totalmente () na maioria das vezes () algumas vezes () raramente () nunca

13. Você já participou de alguma atividade específica para casais promovida pela igreja?

() não () sim. Qual? _____

Anexo 2

Faça um X na alternativa que melhor descreve a posição da sua igreja sobre cada questão:

1. A Bíblia é:

- um livro de parábolas
- a palavra de Deus
- um livro ditado por Deus e escrito por Jesus
- um livro de poesias

2. Sua igreja considera Maria como:

- uma personagem bíblica comum
- a Mãe de Deus, que intercede por nós
- a escolhida para ser a mãe de Jesus, mas que não tem nenhum poder
- uma mulher muito evoluída espiritualmente

3. Na eucaristia ou santa ceia o vinho é considerado como:

- o próprio sangue de Cristo
- um símbolo do sangue de Cristo
- a bebida preferida de Jesus e dos discípulos
- um acompanhamento para o pão/hóstia

4. Alguns dos dez mandamentos são:

- rezar, ler a bíblia e ir à igreja
- fazer boas obras, ser honesto e ajudar o próximo
- guardar o sábado e jejuar
- não matar, não furtar e adorar somente a Deus

5. Segundo a Bíblia, Pedro, Tiago e Mateus foram:

- pescadores
- discípulos de Jesus
- pastores
- irmãos de sangue

6. Segundo a Bíblia, Moisés foi:

- quem tirou o povo do Egito
- quem construiu a Arca
- um apóstolo
- um profeta

7. O Batismo é:

- um ritual sem muita importância
- semelhante a um benzimento comum
- um sacramento muito importante
- a única forma de poder freqüentar uma igreja

8. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são:

- formas diferentes de chamar a Deus
- três deuses diferentes
- um só Deus em três pessoas
- nomes de deuses

9. Na sua igreja o domingo é considerado:

- um dia normal, igual aos outros
- um dia reservado ao culto em comunidade e ao descanso
- um dia em que nenhuma atividade deve ser feita
- um dia de lazer

10. O casamento é:

- um sacramento
- uma instituição criada por Deus
- apenas um contrato entre duas pessoas
- a permissão para o relacionamento sexual

Anexo 3

PARTE 1

Inventário de Habilidades Sociais Conjugais

Responda cada um dos itens abaixo, fazendo um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta o comportamento sublinhado em cada item, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

A - NUNCA OU RARAMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 1 vez)

B - COM POUCA FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 2 a 3 vezes)

C - COM REGULAR FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 4 a 6 vezes)

D - MUITO FREQUENTEMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)

E - SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

ITENS	A	B	C	D	E
1) No dia a dia, <u>converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge.</u>					
2) Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, contrariando o que penso, <u>acabo aceitando para evitar problemas.</u>					
3) Ao ser elogiada(o) sinceramente por meu cônjuge, <u>respondo-lhe agradecendo.</u>					
4) Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, <u>peço que ele(a) espere até eu terminar o que estava dizendo.</u>					
5) Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, <u>dou um jeito de lembrá-lo(a).</u>					
6) Quando meu cônjuge faz algo que acho bom, mesmo que não seja diretamente a mim, <u>procuro elogiá-lo(a) na primeira oportunidade.</u>					
7) Sinto dificuldade em demonstrar carinho através de <u>palavras ou gestos</u> a meu cônjuge.					
8) Se meu cônjuge faz uma afirmação que considero errada, <u>eu exponho meu ponto de vista.</u>					
9) <u>Sinto-me envergonhada(o)</u> em pedir a meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam.					
10) Se estou querendo manter relacionamento sexual com meu cônjuge, <u>consigo tomar a iniciativa ou fazê-lo(a) perceber isto.</u>					
11) Se meu cônjuge me faz um elogio, <u>fico encabulada(o), sem saber o que dizer.</u>					
12) Quando meu cônjuge me critica injustamente, <u>diço a ele(a) que estou aborrecida(o).</u>					
13) Se não concordo com meu cônjuge, <u>expresso verbalmente minha discordância.</u>					
14) Se não estou à vontade em conversar sobre um tema com meu cônjuge, tenho dificuldade de encerrar ou mudar o assunto, <u>deixando que ele(a) o faça.</u>					

A - NUNCA OU RARAMENTE
 B - COM POUCA FREQUÊNCIA
 C - COM REGULAR FREQUÊNCIA
 D - MUITO FREQUENTEMENTE
 E - SEMPRE OU QUASE SEMPRE

	A	B	C	D	E
15) Quando meu cônjuge me critica, <u>reajo de forma agressiva.</u>					
16) Sempre que a situação é oportuna, <u>consigo dizer/expressar meus sentimentos de carinho a meu cônjuge.</u>					
17) Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele(a), <u>consigo negar-me a fazê-la, esclarecendo que esta tarefa é dele e não minha.</u>					
18) Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, <u>faço as perguntas que acho necessárias.</u>					
19) Se meu cônjuge faz algo que não gosto, <u>tenho dificuldade em expressar-lhe meu desagrado.</u>					
20) Mesmo estando envolvida(o) com várias tarefas, <u>prefiro fazê-las sozinha(o) à pedir ajuda de meu cônjuge.</u>					
21) Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, <u>eu o(a) elogio pelo sucesso.</u>					
22) Ao sentir que preciso de ajuda, <u>tenho facilidade em pedi-la a meu cônjuge.</u>					
23) Mesmo não estando disposta(o) a ter relação sexual, <u>acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo.</u>					
24) <u>Concordo em fazer as tarefas que meu cônjuge me pede e que não são da minha obrigação,</u> mesmo sentindo um certo abuso nestes pedidos.					
25) Se estou sentindo-me bem (feliz), <u>expresso isso para meu cônjuge.</u>					
26) <u>Consigo "levar na esportiva"</u> as brincadeiras/gozações do meu cônjuge a meu respeito.					
27) Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, <u>evito discutir sua avaliação.</u>					
28) Em situação de conflito de opiniões com meu cônjuge, <u>consigo convencê-lo(a) da minha posição.</u>					
29) Se me sinto desrespeitada(o) por meu cônjuge, <u>fico calada(o) sem manifestar meu desagrado.</u>					
30) <u>Prefiro não dizer minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge,</u> mesmo quando solicitada(o) a dizer o que penso.					
31) Durante a relação sexual, <u>costumo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam.</u>					

Anexo 4

PARTE 3 Questionário de Prescrições Doutrinárias X Habilidades Sociais 1

Responda com um X se, do seu ponto de vista, as habilidades listadas abaixo tem alguma relação ou não com os ensinamentos (algo que você já ouviu em palestras, aulas, leituras, pregações ou outras atividades) da igreja que você frequenta.

SIM = tem alguma relação com os ensinamentos que ouvi na igreja que frequento

NÃO = não tem nenhuma relação com os ensinamentos que ouvi na igreja que frequento

HABILIDADES	SIM	NÃO
1. Fazer elogios a meu cônjuge		
2. Aceitar e agradecer elogios feitos por meu cônjuge		
3. Dizer não ao meu cônjuge quando ele me pede para fazer tarefas que são dele e que eu acho que não devo fazer		
4. Expor meu ponto de vista para meu cônjuge mesmo discordando dele		
5. Aceitar e responder às críticas feitas por meu cônjuge		
6. Expressar meu desagrado a meu cônjuge quando ele faz ou fala algo que não concordo		
7. Expressar minha opinião para meu cônjuge mesmo sabendo que posso magoá-lo(a)		
8. Expressar meus sentimentos de alegria e satisfação para meu cônjuge		
9. Expressar carinho a meu cônjuge através de gestos e palavras		
10. Pedir alguma ajuda ou favor a meu cônjuge		
11. Fazer perguntas a meu cônjuge para esclarecer algo que tenho dúvidas		
12. Conversar abertamente com meu cônjuge		
13. Mudar de assunto ou encerrar uma conversa com meu cônjuge quando prefiro deixar aquele assunto para depois		
14. Convencer meu cônjuge de minha opinião		
15. Tomar iniciativa de manter relacionamento sexual com meu cônjuge		
16. Recusar-me a ter relação sexual com meu cônjuge quando ela(e) me propõe e eu não estou disposto(a)		
17. Pedir que meu cônjuge aguarde até eu terminar de falar.		
18. Lembrar meu cônjuge sobre seus deveres ou acordos comigo		
19. Aceitar brincadeiras e/ou gozações feitas pelo meu cônjuge para comigo		
20. Conversar abertamente com meu cônjuge sobre nosso relacionamento sexual		
21. Sugerir a meu cônjuge que façamos uma divisão das tarefas domésticas		

PARTE 4 Questionário de Prescrições Doutrinárias X Habilidades Sociais 2 _____

Utilize o questionário anterior e verifique quais foram as habilidades que você assinalou o sim. Agora, descreva qual é a relação que você acredita existir entre a habilidade assinalada e o ensinamento da igreja que você frequenta.

Habilidade (número)	Ensinamento da minha igreja

Anexo 5

Tabela de itens que avaliam habilidades semelhantes nos instrumentos IHSC e QD/HS1

ITENS DO IHSC	ITENS DO QD/HS1
1) No dia a dia, <u>converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge.</u>	12
2) Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, contrariando o que penso, <u>acabo aceitando para evitar problemas.</u>	4
3) Ao ser elogiado(a) sinceramente por meu cônjuge, <u>respondo-lhe agradecendo.</u>	2
4) Em uma conversação, se meu cônjuge me interrompe, <u>solicito que aguarde até eu encerrar o que estava dizendo.</u>	17
5) Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, <u>dou um jeito de lembrá-lo(a).</u>	18
6) Quando meu cônjuge faz algo que acho bom, mesmo que não seja diretamente a mim, <u>faço menção a isso elogiando-o(a) na primeira oportunidade.</u>	1
7) <u>Sinto dificuldade em expressar sentimentos de carinho através de palavras ou gestos a meu cônjuge.</u>	9
8) Se meu cônjuge faz uma afirmação que considero incorreta, <u>eu exponho meu ponto de vista .</u>	4
9) <u>Sinto-me constrangida(o) em pedir a meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam.</u>	20
10) Se estou querendo manter relacionamento sexual com meu cônjuge, <u>consigo tomar a iniciativa ou fazê-lo(a) perceber isto.</u>	15
11) Se meu cônjuge me faz um elogio, <u>fico encabulado(a), sem saber o que dizer.</u>	2
12) Quando meu cônjuge me critica injustamente, <u>expresso meu aborrecimento diretamente a ele(a).</u>	5
13) Se não concordo com meu cônjuge, <u>expresso verbalmente minha discordância.</u>	4
14) Se não estou á vontade em conversar sobre um tema com meu cônjuge, tenho dificuldade de encerrar ou mudar o assunto, <u>deixando que ele(a) o faça.</u>	13
15) Quando meu cônjuge me critica, <u>reajo de forma agressiva.</u>	5
16) Sempre que a situação é oportuna, <u>consigo dizer/expressar meus sentimentos de carinho a meu cônjuge.</u>	9
17) Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele(a), <u>consigo negar-me a faze-la, esclarecendo que esta tarefa é dele e não minha.</u>	3
18) Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, <u>faço as perguntas que acho pertinente.</u>	11

19) Se meu cônjuge faz algo que não gosto, <u>tenho dificuldade em expressar-lhe meu desagrado.</u>	6
20) Mesmo estando envolvida com várias tarefas domésticas, <u>prefiro não pedir ajuda a meu cônjuge.</u>	21
21) Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, <u>eu o elogio(a) pelo sucesso.</u>	1
22) Ao sentir que preciso de ajuda, <u>tenho facilidade em pedi-la à meu cônjuge.</u>	10
23) Se não estou disposto(a) a ter relação sexual, <u>acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo.</u>	16
24) <u>Concordo em fazer as tarefas que meu cônjuge me pede e que não são da minha obrigação,</u> mesmo sentindo um certo abuso nestes pedidos.	3
25) Se estou sentindo-me bem (feliz), <u>expresso isso para meu cônjuge.</u>	8
26) <u>Consigo “levar na esportiva”</u> as brincadeiras/gozações do meu cônjuge a meu respeito.	19
27) Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, <u>fico chateado(a) e evito discutir sua avaliação.</u>	6
28) Em situação de conflito de opiniões com meu cônjuge, <u>consigo convencê-lo(a) da minha posição.</u>	14
29) Se me sinto desrespeitado pelo meu cônjuge, <u>fico calado(a) sem manifestar meu desagrado.</u>	6
30) <u>Prefiro ocultar minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge,</u> mesmo quando solicitado(a) a dizer o que penso.	7
31) Durante a relação sexual, <u>costumo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam.</u>	20

Anexo 6

CRITÉRIO BRASIL MEDE O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR¹²

O objetivo do Critério Brasil é medir o poder aquisitivo do consumidor. Os critérios para classificação social do País foram estabelecidos pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme), com base nos Levantamentos Socioeconômico de 1993 e 1997.

Cinco classes econômicas

A classificação socioeconômica do Brasil foi estratificada em cinco classes, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas.

Classe	Pontos
A1	30-34
A2	25-29
B1	21-24
B2	17-20
C	11-16
D	6-10
E	0-5

Como se calcula

O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos.

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

¹² Extraído de www.ibope.com.br

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginásial incompleto	1
Ginásial completo/Colegial incompleto	2
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5